

**FACULDADE DE ARQUITECTURA**  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

## **ACTIVISMO PRÓ ANIMAL NA MODA**

Moda como veículo incentivador à protecção animal

Tânia Sofia Ferreira dos Santos

(Licenciada em Design de Moda)

**Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Design de Moda**

Orientador Científico: Designer Manuel Alves

Co-orientadora Científica: Professora Doutora Manuela Cristina Figueiredo

Júri:

Presidente: Doutor Fernando Moreira da Silva

Vogais: Doutora Ana Cristina Broega

Mestre Carla Cristina da Costa Morais

LISBOA, DEZEMBRO 2010

## **Dedicatória**

Dedico esta Dissertação de Mestrado a todos os activistas que lutam constantemente por causas que merecem ser defendidas, principalmente aos que lutam pelos direitos dos animais e pela libertação destes.

Dedico especialmente a todos os animais subjugados, explorados e usados pelo homem, para que todos um dia possam ser livres.

## **Agradecimentos**

Um especial agradecimento à Professora Doutora Cristina Figueiredo que se disponibilizou a apoiar-me na realização concreta da minha dissertação, e que sempre me amparou e me deu ânimo para continuar este projecto.

Ao Professor de Desenho e Ilustração, Doutor Caseirão pelo seu apoio na análise e construção das ilustrações do meu projecto, pelas suas dicas e conselhos sábios.

À minha colega de turma Cláudia De Lot, que sempre se interessou pelo meu projecto e me apoiou durante a realização de toda esta dissertação.

Ao Professor Doutor Moreira da Silva, pelo seu apoio como coordenador da área Científica do Projecto de Design e Design de Moda.

Um imensurável obrigado a todos os activistas por causas animais que existem neste mundo, especialmente por colocarem os seus trabalhos à disposição e pelo seu contributo nesta causa.

## **Epigrafe**

*"The time will come when men such as I will look upon the murder of animals as they now look upon the murder of men."* Leonardo da Vinci

*"Auschwitz begins whenever someone looks at a slaughterhouse and thinks: they are only animals."* Theodor Adorno

*"Animals need only one right, the right not to be owned."* Gary Francione

## **Resumo**

A presente Dissertação explora a vertente activista animal dentro do Design de Moda. Numa primeira fase de investigação do campo do activismo animal, procura-se encontrar o ponto fulcral da causa dos direitos dos animais, investigando a história da exploração animal por parte do homem, os maiores focos de exploração, organizações que lutam pelos direitos dos animais, de modo a evidenciar o ponto fulcral de defesa e justificação da escolha desta causa.

Consecutivamente, a análise do campo de acção do activismo, a arte como veículo de activismo em geral e em particular no activismo animal, na pesquisa do Design de Moda como difusor desse activismo, fundamentar uma metodologia criativa na área da planificação de peças de vestuário simbólicas.

Esta metodologia é colocada em prática através da concepção de duas colecções de vestuário feminino, uma compilação de *T-shirts* e uma colectânea conceptual de coordenados inteiros. Aplicando todas as fases criativas do Design de Moda, isto é: idealização, planificação, confecção e por último a utilização da colecção na produção de uma sessão fotográfica.

Palavras-chaves: activismo pró animal, Design de Moda, metodologias de activismo na moda.

## **Abstract**

The present dissertation explores the animal's activist approach inside Fashion Design. On a first investigation phase, the field on animal activism, searches to find the prime point of the animal right cause , investigating the history of animal's exploration by men, the biggest fields of animal exploration, organizations that fight for animal's rights, in a way to evidence the main defense and justification of the animal cause choice.

Consecutively, the analysis of the playing field of activism, the art as a vehicle of activism in general and on a particular bases of animal activism, on the research of Fashion Design as a diffuser of the activism, substantiate a creative methodology in the area of planning of symbolic garments pieces.

This methodology is place in practice trough the conception of two woman's wear collection, in a compilation of T-shirts and a conceptual compendium of complete outfits. Applying all the creative phases of Fashion Design, this is: idealization, planning, confection and finally the use of the collection in a photo-shoot.

Key words: Activist for animal's, Fashion Design, methodologies of activism in Fashion.

## **Objectivos**

O objectivo desta Dissertação em Mestrado de Design de Moda consiste na concepção de duas colecções de vestuário feminino com base no tema activismo pró animal, de modo a alcançar um princípio de compreensão e desenvolvimento de uma metodologia de processos lógicos utilizados na estruturação de vestuário como uma das várias formas de activismo. Alcançar um público-alvo jovem e activista, revolucionários que procuram expressar-se através do seu vestuário, através de arte que expressa a sua luta. Ambas colecções não pretendem se encaixar numa época do ano ou num grupo etário específico. Concebida para o verdadeiro activista da causa animal.

## Índice

DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS .....	III
EPIGRAFE .....	IV
RESUMO .....	V
ABSTRACT .....	VI
OBJECTIVOS .....	VII
ÍNDICE DE FIGURAS .....	XII
CAPITULO 1 - OBJECTO DE ESTUDO .....	20
1.1.    EXPLORAÇÃO ANIMAL .....	20
1.1.1. Introdução .....	20
1.1.2. O homem primitivo – Antiguidade.....	21
1.1.3. Idade média .....	26
1.1.4. Época do Iluminismo.....	27
1.1.4. A partir de 1890 .....	32
1.2.    MAIORES FOCOS DE AGRESSÃO/EXPLORAÇÃO DOS ANIMAIS .....	39
1.2.1. Introdução .....	39
1.2.2. Experiências laboratoriais – animais de laboratório .....	39
1.2.3. Entretenimento.....	42
1.2.1.1. Zoológicos.....	43
1.2.1.2. Touradas .....	44
1.2.4. Alimentação.....	45
1.2.4.1. Vegetarianismo.....	47
1.2.4.2. Ética vegetariana.....	48
1.2.5. Produtos de vestuário e interiores .....	52
1.2.6. Animais de companhia – domesticação .....	55
1.2.6.1. Puppy Mill's – Fábricas de Cachorrinhos.....	55
1.2.6.2. Tráfico de Animais Selvagens.....	57
1.2.7. Desastres ambientais e industriais .....	58
1.2.7.1. Poluição marinha .....	59
1.3.    ÉTICA E BIOÉTICA ANIMAL .....	60



1.3.1. Direitos e propriedades.....	60
1.3.2. Ética animal – O valor intrínseco .....	61
1.3.2.1. História do estatuto moral dos animais (1880-1980).....	62
1.3.2.2. Valor intrínseco e ética animal (1980-2000) .....	62
1.3.2.3. Análise do termo valor intrínseco .....	63
1.3.3. Questões Morais - sofrimento animal .....	64
1.3.4. Bioética .....	66
1.3.5. Relativamente aos direitos dos animais .....	67
1.3.6. Espécismo .....	68
1.4. ASSOCIAÇÕES/ INSTITUIÇÕES PROTECTORAS DOS ANIMAIS .....	71
1.4.1. Introdução .....	71
1.4.2. Internacionais .....	72
1.4.3. Nacionais .....	73
<b>CAPITULO 2 – ACTIVISMO .....</b>	<b>76</b>
2.1. ACTIVISMO .....	76
2.1.1. Introdução .....	76
2.1.2. Métodos de activismo .....	77
2.1.3. Activismo Animal .....	80
2.1.3.1. Três Categorias de Activismo Animal .....	80
2.1.3.2. Meios de comunicação e as indústrias de exploração animal .....	81
2.1.4. Activismo presente na sociedade.....	82
2.2 - ARTIVISMO – ARTE E DESIGN COMO MEIO DE ACTIVISMO .....	84
2.2.1. Princípios fundamentais do design .....	88
2.2.1.1. Elementos da arte .....	89
2.2.1.2. Princípios do design .....	90
2.2.2. Arte como meio de activismo.....	92
2.2.2.1. Ilustração .....	99
2.2.2.2. Fotografia.....	101
2.2.2.3. Design ecológico .....	101
2.2.2.4. Design sustentável .....	102
2.2.3. Artivismo nas ruas .....	103
2.2.4. Conclusão.....	104
2.3. MODA E ACTIVISMO .....	106
2.3.1. Introdução .....	106
2.3.2. Mudança de costumes.....	106

2.3.3. Design de Moda Activista .....	109
2.3.4. Princípios do Design aplicados à moda.....	114
2.3.5. Principais elementos da criação de moda .....	115
<b>CAPITULO 3 - PRODUTO FINAL .....</b>	<b>117</b>
3.1. FORMAS DE ACTIVISMO DENTRO DO CAMPO DA MODA.....	117
3.2. COLECÇÕES - ELABORAÇÃO DO PRODUTO FINAL .....	119
3.2.1. Inspirações, bases .....	119
3.2. COLECÇÃO T-SHIRTS.....	126
3.3.1. Ilustrações.....	127
3.3.1.1. Ilustração A – Porco Político .....	128
3.3.1.2. Ilustração B – Porco porta-chaves.....	130
3.3.1.3. Ilustração C – Boca Animal.....	133
3.3.1.4. Ilustração D – “No More” .....	134
3.3.2. T-shirts .....	136
3.3.2.1. T-shirt A.....	136
3.3.2.2. T-shirt B.....	137
3.3.2.3. T-shirt C.....	138
3.3.2.4. T-shirt D .....	139
3.3.3. Look Book.....	140
3.3.3.1. Peça A – Porco politico.....	141
3.3.3.2. Peça B – Porco porta-chaves.....	142
3.3.3.3. Peça C – Boca Animais .....	143
3.3.3.4. Peça D – “No More” .....	144
3.4. COLECÇÃO DESIGN CONCEPTUAL .....	145
3.4.1. Primeira abordagem .....	145
3.4.2. Segunda abordagem – Colecção Final .....	149
3.4.2.1. Ilustrações e Desenhos Planos.....	151
3.4.2.1.1. Coordenado A .....	151
3.4.2.1.2. Coordenado B .....	153
3.4.2.1.3. Coordenado C .....	155
3.4.2.1.4. Coordenado D .....	158
3.4.2.2. Look Book.....	161
3.4.2.2.1. Coordenado A .....	162
3.4.2.2.2. Coordenado B .....	163
3.4.2.2.3. Coordenado C .....	164
3.4.2.2.4. Coordenado D .....	165

3.5. SESSÕES FOTOGRÁFICAS .....	166
3.5.1. <i>Sessão fotográfica – T-shirts</i> .....	167
3.5.1.1. Sessão fotográfica – Peça A .....	168
3.5.1.2. Sessão fotográfica – Peça B .....	170
3.5.1.3. Sessão fotográfica – Peça C .....	172
3.5.1.4. Sessão fotográfica – Peça D .....	174
3.5.2. <i>Sessão fotográfica – Colecção conceptual</i> .....	176
3.5.2.1. Sessão fotográfica – Coordenado A .....	177
3.5.2.2. Sessão fotográfica – Coordenado B .....	178
3.5.2.3. Sessão fotográfica – Coordenado C .....	179
3.5.2.4. Sessão fotográfica – Coordenado D .....	180
<b>CAPITULO 4 – CONCLUSÕES .....</b>	<b>181</b>
4.1. CONCLUSÃO .....	181
<b>CAPITULO 5 – ELEMENTOS PÓS TEXTUAIS .....</b>	<b>183</b>
5.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	183
5.1.1. <i>Artigos Online</i> .....	187
5.2. BIBLIOGRAFIA .....	190
5.3. ANEXOS .....	192
Anexo 1 - Foie de gras .....	192
Anexo 2 - "Carne de Vitelo" ou VITELA .....	194
Vegetarianos .....	201

## **Índice de Figuras**

### **Capítulo 1 - Objecto de estudo – Exploração animal**

#### **1.1. Maiores focos de agressão/Exploração dos animais**

Figura 1 – gráfico representando os custos da carne (SBV 2010), Sociedade Vegetariana Brasileira 2010, <http://www.svb.org.br>.

Figura 2 - Kolontar, Hungary, Wednesday, Oct. 6, 2010. (AP Photo/Bela Szandelszky) [http://www.boston.com/bigpicture/2010/10/a\\_flood\\_of\\_toxic\\_sludge.html](http://www.boston.com/bigpicture/2010/10/a_flood_of_toxic_sludge.html)

#### **1.4. Associações/ instituições protectoras dos animais**

Figura 3- Campanha da PETA, uma intervenção na rua, em Covent Garden em Londres, a 17 de Agosto de 2006, envolveram um activista em papel celofane, demonstrando ser um pedaço de carne à venda. Disponível online em: <http://www.zimbio.com/pictures/L6A4RvmW82X/Animal+Activists+Encourage+Vegetarianism>

### **Capítulo 2 – Activismo**

#### **2.1 Activismo**

Figura 1 – Capa de disco de Beatles, “Yesterday and Today”, propriedade de Capitol Records, fotografo: Robert Whitaker.

#### **2.2. Artivismo – arte e design como meio de activismo**

Figura 2 - The Third Estates carrying the Clergy and the Nobility on its back. *Source: Anonymus, 1790*. Figura retirada de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Troisordres.jpg>

Figura 3 – “The Third of May 1808: The Execution of the Defenders of Madrid”, Francisco José de Goya, óleo sobre tela, 1814, Museo del Prado, Madrid. Figura retirada de: <http://pt.wikipedia.org>

Figura 4 - "Ecology Is For The Birds" – Artista anónimo. Criado para o centro de pesquisa internacional de socorro a pássaros (International Bird Rescue Research Center, IBRRC). 1971. (<http://art-for-a-change.com/blog/category/art-activism/page/2>)

Figura 5 - "Alaska-Ölsardinen" (Alaskan Sardines Packed In Oil). Klaus Staeck. Fotomontagem, 1989. Um comentário de um artista alemão sobre as depredações de empresas de petróleo dos EUA na costa do Alasca. (<http://art-for-a-change.com/blog/category/art-activism/page/2>)

Figura 6 - "Polar Bear" - Mark Coreth and Duncan Hamilton. Escultura de metal e gelo. Peso 5.9 ft. Disposta na COP15 em Copenhaga. Fotografia tirada em 7 Dezembro no primeiro dia da submissão, foto: Reuters.

Figura 7 - "Survival of the Fattest" - Jens Galschiøt/Lars Calmar. Photo: AFP/Getty.

Figura 8 - "Survival of the Fattest" - Jens Galschiøt/Lars Calmar. 2002. (Art for a Change, 2010)

Figura 9 - "The Pulse of the Earth" Jens Galschiøt's, Photo by <http://www.sevenmeters.net>

Figura 10 - This photograph from the artist's studio shows two of Jens Galschiøt's copper statues depicting starving African men. Photo courtesy AIDOH (Art In Defense of Humanism). [www.aidoh.dk](http://www.aidoh.dk)

Figura 11- "Blue Dogs" – Michael Dal Cerro. 2009. (Art for a Change, 2010)

Figura 12 - "To Your Health" – Deborah Harris. 2009. (Art for a Change, 2010)

Figura 13 - BP: Broken Promises – Logo desenhado por Foye. 2010. Um termo que representa a volta ao preto, que significa danos à marca, a BP gastou milhões a tentar passar uma Figura de uma companhia de óleo boa e verde. (Art for a Change, 2010)

Figura 14 - Um monge budista enfrenta tropas governamentais armadas na baixa de Yangon, em Myanmar, 26 de Setembro de 2007. Foto de Reuters.

Figura 15 – “Memo Block”, artista Kakuzai (Design Ecológico.com 2010)

Figura 16 – “Sustainable Amazon” (Design Ecológico.com 2010)

Figura 17 - Design de Kyle Bean, “The increasingly rapid evolution of technology as effectively rendered everything ‘Disposable’”, <http://www.kylebean.co.uk/portfolio/>

Figura 18 – “The Decapitator”, artista - Ron English, Londres, 2008.  
<http://www.theaestheticpoetic.com/2008/01/07/the-decapitator/>

### **2.3. Moda e activismo – metodologias**

Figura 19- Lucy Orta’s “Refuge Wear”, Figura de Chhabra, R. 2010.

Figura 20 – Vivienne Westwood em Londres, apresenta sua nova linha de t-shirts activista. Figura retirada de:  
<http://www.azcentral.com/style/fashion/articles/092805westwood-CP.html>

Figura 21 – “Hearth code”, Project 7, retirada de: <http://www.project7.com>

Figura 22 – Amina Tarek, Acto pró vegetariano.  
<http://www.anda.jor.br/2010/07/25/ativista-e-presa-por-fazer-ato-pro-vegetariano-na-jordania/>

## **Capítulo 3 - Produto Final**

### **3.2. Coleções - elaboração do produto final**

Figura 1 – “Know what you’re paying Fur” Grupo de activistas animais, defensores e lobistas. Retirado do site: <http://www.zazzle.pt/theanimalliberator>

Figura 2- “Wearing Fur is Cruel”, Fur Free Alliance (FFA), Figura retirada do site: <http://www.infurmaton.com/>

Figura 3 – “Sexy.”, Fur Free Alliance (FFA), Figura retirada do site:

<http://www.infurmartion.com/>

Figura 4 – “Cruel Fur”, Fur Free Alliance (FFA), Figura retirada do site:

<http://www.infurmartion.com/>

Figura 5– “They don’t Wear Us, so don’t Wear Them!”, Fur Free Alliance (FFA),

Figura retirada do site: <http://www.infurmartion.com/>

Figura 6 “Put Yourself in Their Fur, Fashion Victims”, Fur Free Alliance (FFA). Figura

retirada do site: <http://www.infurmartion.com/>

### **3.3. Coleção T-shirts**

Figura 7 – Ilustração A, Porco Politico. Desenho livre + Photoshop.

Figura 8 – Porco Louis Vuitton, artista Win Delvoye, retirado do site

<http://www.wimdelvoye.be/artfarm.php#>

Figura 9 – Ilustração B, Porco porta-chaves. Elaborado em Photoshop, Figura porta-chaves retirada do site:

[http://jlttruecoldair.com/ZenCart/index.php?main\\_page=index&manufacturers\\_id=](http://jlttruecoldair.com/ZenCart/index.php?main_page=index&manufacturers_id=7)

7, Figura Porco Louis Vuitton retirada do site:

<http://www.wimdelvoye.be/artfarm.php#>

Figura 10 – Pormenor de Figura 9, ilustração B, Porco porta-chaves. “For unlimited use and exploration”.

Figura 11 – Ilustração C, Boca Animais. Ilustração elaborada em Photoshop através de colagem de imagens. Imagens retiradas de: Boca Vermelha:

<http://iamskwerl.com/work/design/2008/12/logos-for-ray-interactive/> , Cabeças de animais: <http://www.fotosearch.com/>

Figura 12 – Ilustração D. “No More”. Ilustração elaborada em Photoshop, através de colagem de imagens. Imagens retiradas de: Pernas de mulher:

<http://www.inmagine.com/>, Animal vivo, Mink Americano:

<http://www.wildaboutbritain.co.uk/forums/mammal-forums/76318-polecat.html>,  
Animal morto escalfado, Mink: <http://www.caft.org.uk/furpicturesskinned.html>,  
Casaco de peles de Mink:  
[http://www.diytrade.com/china/4/products/2350428/Ladies\\_Knitted\\_Mink\\_Fur\\_Coat.html](http://www.diytrade.com/china/4/products/2350428/Ladies_Knitted_Mink_Fur_Coat.html),  
mão de mulher: [http://www.123rf.com/photo\\_719764\\_delicate-woman-s-hand-pulls-a-tissue-from-a-green-tissue-box.html](http://www.123rf.com/photo_719764_delicate-woman-s-hand-pulls-a-tissue-from-a-green-tissue-box.html).

Figura 13 – T-shirt A, Desenho Plano. Elaborado em Photoshop.

Figura 14 – T-shirt B, Desenho Plano. Elaborado em Photoshop.

Figura 15 – T-shirt C, Desenho Plano. Elaborado em Photoshop.

Figura 16 – T-shirt D, Desenho Plano. Elaborado em Photoshop.

Figura 17 – Look Book Tshirts, Figura geral. Fotografia: Tiago Gonçalves, 29 de Novembro de 2010, Lisboa.

Figura 18 – Peça A, Ilustração A, Porco Político, Look Book. Frente, Lado e Costas. Fotografia: Tiago Gonçalves, 29 de Novembro de 2010, Lisboa.

Figura 19 – Peça B, Ilustração B, Porco porco-porta-chaves, Look Book, Lado e Costas. Fotografia: Tiago Gonçalves, 29 de Novembro de 2010, Lisboa.

Figura 20 – Peça C, Ilustração C, Boca Animal, Look Book. Frente, Lado e Costas. Fotografia: Tiago Gonçalves, 29 de Novembro de 2010, Lisboa.

Figura 21 – Peça D, Ilustração D, “No More”, Look Book. Frente e Costas. Fotografia: Tiago Gonçalves, 29 de Novembro de 2010, Lisboa.

### **3.4. Colecção Design conceptual**

Figura 22 - Esboço de primeira abordagem, colecção. Da esquerda para a direita: Coordenado X, coordenado Y, Coordenado Z.

Figura 23 - coordenado X – Ilustração de coordenado de primeira abordagem, em Photoshop.



Figura 24 – coordenado X, fotografia, localização: Faculdade de Arquitectura, Setembro de 2010.

Figura 25 – Tecidos, cores e padrões, usados na colecção, digitalização dos tecidos para obtenção da Figura.

Figura 26 – coordenado A, Ilustração, Photoshop.

Figura 27 – coordenado A, Desenho Plano, Coreldraw 5.

Figura 28 – coordenado B, Ilustração, Photoshop.

Figura 29 – coordenado B, Desenho Plano, Coreldraw 5.

Figura 30 – coordenado C, Ilustração, Photoshop.

Figura 31 – coordenado C, Desenho Plano, Coreldraw 5.

Figura 32 – coordenado D, Ilustração, Photoshop.

Figura 33 – coordenado D, Desenho Plano, Coreldraw 5.

Figura 34 – Conjunto de Look Book. Tiago Gonçalves, Lisboa, 29 Novembro 2010.

Figura 35 – Coordenado A, frente, lado e costas, Look Book. Tiago Gonçalves, Lisboa, 29 Novembro 2010.

Figura 36 – Coordenado B, frente, lado e costas, Look Book. Tiago Gonçalves, Lisboa, 29 Novembro 2010.

Figura 37 - Coordenado C, frente e costas, Look Book. Tiago Gonçalves, Lisboa, 29 Novembro 2010.

Figura 38 – Coordenado D, frente, lado e costas, Look Book. Tiago Gonçalves, Lisboa, 29 Novembro 2010.

### **3.5.Sessões fotográficas**

Figura 39 – Peça A, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 40 – Peça A, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 41 – Peça B, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves, Localização:  
Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 42 – Peça B, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves, Localização:  
Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 43 – Peça C, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves, Localização:  
Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 44 – Peça C, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves, Localização:  
Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 45 – Peça D, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 46 – Peça D, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 47 – Coordenado A, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 48 – Coordenado B, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 49 – Coordenado C, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

Figura 50 – Coordenado D, Produção: Tânia Santos, Fotografia: Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa 29 de Novembro 2010.

## **Capítulo 1 - Objecto de estudo**

### **1.1. Exploração animal**

Este capítulo abordará a exploração animal pelo homem, um estudo sobre a exploração animal desde os primórdios até à sociedade actual.

#### **1.1.1. Introdução**

Desde os primórdios que o homem utiliza e explora os animais, para seu proveito. Os animais têm vindo a ser considerados: alimento, vestuário, entretenimento, cobaias, essencialmente objectos na maioria das sociedades, em zonas distintas do planeta. São utilizados como objectos em experiências científicas com propósito na investigação da saúde humana, nas investigações de cosméticos e outros produtos de interesse humano, até em produtos para animais de estimação. Qualquer produto no mercado que necessite de um estudo e teste antes de ser lançado para o mercado consumidor pode passar por exploração animal, isto é testes em animais indefesos.

Ao pesquisar no passado sobre esta cadeia, a informação que obtemos sobre este assunto advém maioritariamente, se não totalmente, de escritos, imagens e pinturas de cada época, além de artefactos arqueológicos encontrados em escavações, embora muitos deles, principalmente relativamente aos povos primitivos, são baseados em suspeitas e suposições, hipóteses criadas por antropólogos e arqueólogos que através da pouca substância que conseguem reunir, e dos estudos de espécies animais e outros factores, criam a melhor suposição sobre o homem primitivo e as condições que o levam ao uso das peles e dos animais em geral.

### **1.1.2. O homem primitivo – Antiguidade**

As informações que dispomos resultam maioritariamente de desenhos inscritos, pinturas, vasos e estátuas. O uso dos animais prevalece muito na maioria das actividades que envolvem agricultura e vestuário, e começam a existir interesse na fisionomia do animal, na exploração e investigação do físico dos animais, havendo por parte de cientistas investigações feitas neste domínio. (Goodall, J. 2006)

Nos primórdios o homem primitivo caçava animais, na floresta, nos vales, nas planícies. E além de caçar os animais pela sua carne nutritiva também utilizava as suas peles e couro como vestuário, o pêlo dos animais principalmente no Inverno tornava-se muito útil para o proteger das condições atmosféricas, além de usarem o pêlo para se camuflarem e cercarem os animais durante a caça (Bermani, M.; Félice; Camusso, Lorenzo; Facchi, P. 1970). Utilizava os dentes e as unhas dos animais, além dos ossos como acessórios, e conseguia ter um mercado de troca de bens, pois cada um dedicava-se a um papel dentro das suas sociedades e aproveitava o máximo das suas caças. O homem primitivo tinha um certo respeito pelos animais, temiam-nos pois também eram a caça de outros animais e tinha consciência do seu papel frágil no seio da grande diversidade em que vivia. O homem pré-histórico também utilizava as peles como meio de destaque dentro da sua sociedade, utilizar a pele de um animal forte como um urso, ou um tigre significa mais poder, bravura e habilidade do caçador (Goodall, J. 2006).

Investigadores estimam que o homem começou a utilizar a pele dos animais como vestuário há cerca de 107 mil anos, estudo realizado por antropólogos do *Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology*, que calcularam esta data através do estudo e análises genéticas a piolhos que possuem preferência pela relativamente escassa pelagem do corpo humano (ao invés da pelagem do couro cabeludo). No entanto, um segundo grupo de pesquisadores utilizaram métodos genéticos similares e estimaram que tais espécies de piolhos surgiram há 540 mil anos atrás, portanto é relativo a data exacta em que o homem começou a utilizar as peles dos animais como protecção dos ambientes exteriores a si (Goodall, J. 2006).

O nosso ancestral mais directo que apareceu por volta de 40.000 anos atrás. Suas características principais eram: robusto, estatura elevada (1,80 m) e traços físicos do homem actual. Pelos utensílios e sinais da civilização que deixou já demonstrava uma inteligência mais evoluída. Por isso foi também chamado de *Homo sapiens* ("homem sábio"). Fabricou mais de uma centena de objectos diferentes com as mais variadas utilidades, inclusive ornamentais. Polia pedra, esculpia madeira e osso; as suas armas traziam esculturas de animais; fazia arpões, anzóis, lanças e agulhas de osso para costurar as suas roupas de pele. Tinha sepulturas colectivas. Foi grande pescador e caçador (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Utilizava as peles como vestuário, e mesmo que não necessitasse guardava como moeda de troca por outros bens, ou para mais tarde utilizar. Nas suas casas ou cabanas, principalmente nas regiões mais afectadas pelo frio, utilizava também as peles dos animais na construção da capa exterior e interior das choupanas.

O homem por sua vez inventou o fogo que lhe permitiu trabalhar melhor as peles dos animais, e afugentar os animais ferozes. Implementou a agricultura e por sua vez começou a domesticar os animais e a utiliza-los nas suas tarefas laborais. Desde o princípio que utiliza os animais para a sua conveniência, a domesticação levou à exploração indiscriminada dos animais, tornou-se natural e normal a sua utilização para proveito humano. Começou a produção de espécies de animais para recolha do seu pêlo, acredita-se que no final da Idade da Pedra, há 25 mil anos, o uso de roupas já fosse corrente e que a técnica de fabricação de fios já tenha sido dominada, usando pêlos de animais como a ovelha ou fibras de certas plantas como o algodão. Técnicas na produção de roupas melhoraram gradualmente com o passar do tempo, permitindo eventualmente conectar pedaços de pele entre si, e assim, formar peças de roupas mais elaboradas. A domesticação dos animais produz uma influência considerável e decisiva. O alimento o vestuário, o trabalho, a organização da comunidade e as deslocções mudam radicalmente (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Existem provas da domesticação do elefante para fins militares desde o terceiro milénio, é corrente a sua utilização na Síria e na Pérsia do Neolítico, era muito procurado pelo

marfim por volta de XV a.C., o que levou ao seu rápido desaparecimento do próximo oriente (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

A principal característica dos desenhos da Idade da Pedra Lascada é o naturalismo. O artista pintava os seres, um animal, por exemplo, do modo como o via de uma determinada perspectiva, reproduzindo a natureza tal qual sua vista captava. Actualmente, a explicação mais aceite é que essa arte era realizada por caçadores, e que fazia parte do processo de magia por meio do qual se procurava interferir na captura de animais, ou seja, o pintor-caçador do Paleolítico supunha ter poder sobre o animal desde que possuísse a sua imagem. Acreditava que poderia matar o animal verdadeiro desde que o representasse ferido mortalmente num desenho. Utilizavam as pinturas rupestres, isto é, feitas em rochedos e paredes de cavernas. Esta arte desaparece progressivamente a partir de 10.000a.c. à medida que a agricultura aparece e a caça se torna menos importante. O caçador paleolítico domesticou o cão para o ajudar na caça devido às suas qualidades particulares na caça, actualmente ainda é impossível datar a domesticação do cão (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

E embora se pense que os primeiros humanos tinham uma alimentação baseada na carne que caçavam, acredita-se não ser verdade esta afirmação, pois era mais acessível a recolha de ervas e frutos, plantas nas florestas do que a carne proveniente da caça de grandes predadores (Goodall, J. 2006).

Estima-se que o cavalo tenha sido domesticado em XIV a.C. como montada, antes utilizavam-no na agricultura e caçavam-no como alimento (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

VIII a.C. práticas de culto aos deuses levavam a ofertas de alimentos e a sacrifícios de animais, os Fenícios faziam, porém, ofertas de sacrifícios humanos e até, embora não existam provas seguras, imolações de crianças nos chamados «sacrifícios de fundação», quando se empreendia a construção de edifícios (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Os pergaminhos usados na escritas dos Egípcios à 3000 anos antes de Cristo eram produzidos com a pele dos animais que era curtida e preparada, era considerado com

uma qualidade superior aos papiros, que eram feitos através de uma planta aquática com o mesmo nome.

Calcula-se que a domesticação dos animais ocorreu por volta de 5000 a.C., a capacidade de carga no lombo de bestas aumentou para 100 quilos. A tracção animal aumentou ainda mais a capacidade de carga para 1.200 quilos puxados por uma carreira de bois. Acredita-se que os Egípcios usaram artifícios como grandes roletes de madeira para transportar por quilómetros, os enormes blocos de granito e de pedra para a construção das pirâmides, inventando também o que se chama hoje de rota de transportes, ou simplesmente estradas (Ferrari, A. Gallet, B., Mettra, C. 1984).

Antes e depois da invenção da roda utilizavam os animais no trabalho, antes da roda através de estacas que empurravam, e depois através de carroças que também empurravam mais facilmente. A partir da invenção da roda a exploração dos animais neste sistema de transporte tornou-se muito popular, inventando carroças para transportar pessoas, carruagens, além do típico uso do animal na agricultura. Iria somente cair em desuso a tracção animal em 1850 quando se iniciou a tracção a vapor (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Em 2000 a.C. na Mesopotâmia produziam sabão através de uma mistura aquecida que faziam com óleos vegetais e animais, misturados com alcali.

No Egito o gato era considerado um animal sagrado pois é a personificação de uma deusa a *Bastis*, sendo assim os gatos são venerados e mumificados pois acreditavam que podiam acompanhar o deus ou até receber a alma do deus. Cada cidade venera uma espécie particular e, com a decadência do império, estes cultos atingiram proporções espantosas. Encontraram-se inúmeras múmias de gatos, de macacos e de besouros. Em crocodilópolis, os crocodilos eram adorados e embalsamados (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Os animais começam a ser usados na guerra, principalmente o cavalo, este animal começa a ser escolhido e produzido conforme as suas capacidades, acasalamento de espécies mais fortes sendo separadas para as batalhas. Na China em 1700 a.C., existem relatos que indicam que acupuntura era utilizada em cavalos de batalha, no seu tratamento. Existe

um cuidado dado aos cavalos de batalha devido ao seu propósito, respeito pelo uso que lhes fornece (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

O Cavalo foi empregue medicinalmente em 400 a.C., quando Hipócrates descreveu nos seus métodos a utilização do *cavalo* como forma de *regenerar a saúde* dos seus pacientes, esta prática fundamenta-se nos movimentos tridimensionais causados pelo dorso do cavalo que, ao deslocar-se a passo, realiza um movimento semelhante ao da bacia humana. 500 a.C., começaram a ser utilizadas substâncias tóxicas como armas de guerra, os gregos poluíam os suprimentos de água de seus inimigos com cadáveres de *animais* e usavam flechas envenenadas em suas guerras há mais de 2 mil anos (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

As referências históricas aos venenos e aos envenenamentos remontam há mais de 5000 anos atrás, sendo de destacar a primeira referência ao uso de venenos para controlo de animais feita por Aristóteles em 350 a.C., que mencionava a Estricnina para eliminar roedores. A utilização de animais no circo remonta a 70 a.C. Prática milenar, o circo tem como um de seus primeiros registos o ano 70 a.C. O famoso Coliseu, em Roma (Itália), foi construído no lugar onde anos antes havia talvez o primeiro circo da *história*, onde se apresentavam engolidores de fogo, gladiadores e *animais* exóticos, de acordo com o site do IBGE Teen (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

O amplo uso de animais pelos médicos e cientistas não é exclusividade do século XX. Eles já vêm sendo usados em pesquisas, há pelo menos 2 mil anos. No século 3 a.C., em Alexandria no Egipto, os registos indicam que Erissítrato, filósofo e cientista, empregou animais no estudo das funções orgânicas e verificou que tais estudos eram aplicáveis aos seres humanos (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Aristóteles foi um dos cientistas desta época a utilizar animais em experiências científicas, em 350 a.C. Aristóteles foi o fundador da biologia, investigou as diferenças internas entre os animais (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Por volta do ano 50 a.C., o homem começou a utilizar os dejectos dos animais como estrume para aumentar a produção das suas colheitas, o filósofo Virgílio relatou em seu livro “As Geórgicas” que os restos de culturas e esterco de *animais* transformavam-se em



material para ser aplicado nas terras para aumentar as colheitas (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

Começa a aparecer a magia e o misticismo nas sociedades, e os pêlos, sangue, ossos e os óleos dos animais começam a ser usados nesta prática mística, isto em 70 d.C., o uso dos Toad-Bone Charms aparecem na *História Natural* de Plínio. Plínio também descreveu como proteger magicamente as colheitas das tempestades, colocando um sapo num pote e enterrando-o nos campos.

130 - 200 d.C. Galeno, realizou a dissecação anatômica em porcos, macacos e outras espécies, proeminente médico e filósofo romano de origem grega, e provavelmente o mais talentoso médico investigador do período romano. As suas teorias dominaram e influenciaram a ciência médica ocidental por mais de um milénio. Os seus relatos de anatomia médica eram baseados em macacos, visto que a dissecação humana não era permitida no seu tempo, foi um precursor da prática de dissecação animal (Ferrari, A.; Gallet, B.; Mettra, C. 1984).

No mundo antigo, o homem aceitava a exploração dos animais moralmente de duas fontes, a primeira por causa da hierarquia divina baseado no conceito teológico de “domínio”, do Génesis (1:20-20) onde é dado a Adão o domínio sobre os peixes do mar, e sobre a circulação do ar, e sobre os castelos, e sobre toda a terra, e sobre todas as coisas que brotam sobre a terra. Embora o conceito de domínio não implique direitos de propriedade, ao longo dos séculos foi interpretado como tal. Na segunda fonte a concepção de que os animais são inferiores devido á sua falta de racionalidade e linguagem, sendo assim considerados menores que o homem (Scruton, R. 2000).

### **1.1.3. Idade média**

Compreende-se idade média o período entre o século V até ao século XV.

Andrea Vesalius (1514 – 1564), Foi o fundador da anatomia moderna, usava cães e porcos em demonstrações públicas de anatomia. Essa dissecação levou ao grande e rápido

interesse pela anatomia associada com a fisiologia. (Cauvin, Gallet, Jacq, Mettra, Santana 1984)

É no início do século X e XI que se dá o aparecimento da cavalaria como a arte da guerra, no tempo de Carlos Magno combatia-se maioritariamente a pé, a partir do século X começam a utilizar mais os cavaleiros, combatentes a cavalos, nas batalhas, tornando assim as armaduras dos cavaleiros mais pesadas e protegendo o animal com uma pesada carapaça. (Cauvin, Gallet, Jacq, Mettra, Santana 1984)

No século XIV toda a Europa ocidental é atacada por uma epidemia, a grande peste negra, transmissível pela pulga da ratazana e a sua variante a peste pulmonar, transmissível pelo homem, esta peste espalhou-se devido a estratégias de guerra onde atiravam cadáveres de animais com a peste para vilas e cidades, que acabou por se virar contra os próprios, os tártaros. Estimam que se perderam cinquenta milhões de vidas. Nesta época os animais também não escapavam, sendo as hastes do veado utilizado para produzir poções de curas e o marfim dos elefantes. O homem procurava todas as possíveis curas imagináveis. (Cauvin, Gallet, Jacq, Mettra, Santana 1984)

Aparecimento do talho, no século XV encontra-se nas lojas de Paris, além de numerosas carnes, salmão do Loire, mexilhões, ostras e vinhos de todas as proveniências. (Cauvin, Gallet, Jacq, Mettra, Santana 1984)

#### **1.1.4. Época do Iluminismo**

Compreende-se a época do Iluminismo entre os anos 1635-1785, iluminismo no âmbito de 1635, momento em que começaram a surgir leis de protecção animal, e até 1785 quando se reconheceu - o feito de Dr. Benjamin Rush no seu livro *Medical Inquiries and Observations*, J. Conrad & Co., 1805. Este livro foi fundamental já que continha análises científicas, uma investigação dentro da influência das causas psicológicas para com a aptidão moral (Animal right History 2010).

Evidências históricas na Inglaterra indicam que, entre os anos 1500 e 1800, “convencionalmente se via o mundo como feito para os homens e todas as outras

espécies como subordinadas aos seus desejos”. Entretanto, vivia-se muito perto dos animais. Por exemplo, ter animais de estimação era muito comum e, já por volta de 1700, isso tornou-se um aspecto normal da vida familiar (Legge; Brooman; Legge 1997).

O filósofo Francês Descartes (1596–1650), o seu modo de pensar instrui um pensamento que se desenvolveria nos direitos dos animais. Em 1641 publicou as suas meditações, e as suas ideias sobre animais, informou as atitudes para uma melhor defesa do animais. Durante a revolução científica, das dissecações e exploração dos sistemas humanos e animais, Descartes propôs uma teoria de mecanismo do universo que apontava que o mundo podia ser apontado sem uma alusão subjectiva de experiência. O seu método estendia-se ao à consciência animal, acreditava numa substância fora do mundo físico que nos guiava à mente de deus. Acrescenta que a capacidade humana de raciocinar e utilizar a linguagem envolvia a capacidade de responder num modo complexo a todas as contingências de vida (Descartes, 1641).

Em 1635 aparece a primeira conhecida legislação contra crueldade animal em inglês, na Irlanda. (Ryder, Richard, 1786) Em 1641 no ano que Descartes publica *Meditation*, o primeiro código legal que protege animais domésticos é aprovado na América do Norte. Esta legislação foi baseada na constituição colonial do Reverendo Nathaniel Ward (1578-1652), *The Body of Liberties*, este listava os direitos que os tribunais exerciam, incluindo o direito número 92: “No man Shall exercise any Tirrany or Crueltie toward any brute Creature which are usuallie kept for man's use.”(Ward, N, 1641), é associado a influência de Descartes num novo pensamento que abrange a protecção de animais (Ward, Nathaniel, 1896).

Jean-jacques Rousseau ( 1712-1778) argumentou no seu *Discourse on Inequality* em 1754 que animais devem fazer parte da lei natural, não porque são racionais mas por serem sencientes (Capazes de sentir e compreender).

Em 1785, Immanuel Kant (1724–1804), seguindo a ideia de Locke, opunha-se à ideia de que o homem tem deveres para com os não humanos, embora para Kant a crueldade animal fosse errada com bases de ser errada para a humanidade, relativamente ao dever

do homem sentir simpatia e tendências naturais em relação á moral (Legge e Brooman 1997).

"Animals ... are there merely as a means to an end. That end is man." <sup>1</sup>

Um dos fundadores do Utilitarismo Moderno, Jeremy Bentham (1748–1832), argumentou contra Rousseau que era a capacidade de sofrer e não a capacidade de raciocinar que deveria ser considerado o ponto de referência na ordem em como tratamos outros seres. Se racionalidade fosse o critério, muitos humanos, incluindo bebês e pessoas com deficiências, deveriam ser tratadas como coisas (Benthall, J. 2007).

"The time will come, when humanity will extend its mantle over every thing which breathes" <sup>2</sup>

Embora Rousseau e Bentham, defendessem a ideia de que animais deviam ou devem ter direitos, isto era visto como ridículo. Quando Mary Wollstonecraft (1759–1797), publicou *A Vindication of the Rights of Woman* em 1792, Thomas Taylor (1758-1835) respondeu a esta publicação de uma forma anónima comparando os direitos das mulheres aos direitos dos animais, e aplicou os direitos dos homens aos animais de forma igual, incitando que estes tinham real e intrínseca dignidade e valor (Singer, 1990).

A primeira prossecução conhecida relativamente a direitos dos animais deu-se em 1822 contra dois homens acusados de bater em cavalos no mercado Smithfield em Londres, onde gado era vendido desde o século X. Cada um dos indivíduos foi multado por 20 shillings. A partir desta época, vários decretos de lei começaram a surgir dentro das sociedades dos homens. O decreto de tratamento de gado de 1822, no Reino Unido, um dos primeiros decretos a aparecer, que acautelava o tratamento cruel e impróprio do gado. Decreto de lei de 1835 sobre crueldade animal, este decreto veio como um melhoramento do decreto passado em 1822, incluindo além do gado, cães, ursos, ovelhas, proibindo Bear-baiting (um desporto cruel que envolvia atormentar e bater em

---

<sup>1</sup> Kant, Immanuel. Lecture on Ethics. L. Infield (trans.) HarperTorchbooks 1963, p. 239. Also see Ze'ev Levy, Ze'ev. "Ethical issues of animal welfare in Jewish thought", Judaism, winter 1996.

<sup>2</sup> Bentham, Jeremy. *Principles of Penal Law*. Part III, 1781

ursos lançando cães e batendo nestes) e luta de galos, esta legislação facilitou a criação de outras que protegem animais. Criando albergues, hospitais veterinários e transporte e matadores mais humanos. Embora esta lei não se estendesse a animais selvagens (Legge e Brooman 1997).

Em 1849 uma nova legislação foi passada, *An Act for the more effectual Prevention of Cruelty to Animals*, esta revogava as antigas legislações e reintegrava as ofensas de maltratar, sobre conduta, abuso e tortura de animais com uma multa máxima de 5 libras e compensação até 10 libras. Este acto foi emendado por uma nova legislação em 1876, e repellido pelo acto de protecção animal em 1911. A legislação de 1876, *An Act to amend the Law relating to Cruelty to Animals (15 August 1876)*, colocou um limite na prática de experimentação animal, além de colocar uma licença para esta ciência (Legge e Brooman 1997).

O século XIX viu uma explosão de interesse na protecção animal, particularmente na Inglaterra. Antes do século XIX somente tinha havido precursões ao tratamento incorrecto de animais devido ao facto de este ser considerado uma propriedade. Em 1793, John Cornish foi considerado inocente por ter desfigurado um cavalo ao arrancar a sua língua, o juiz deliberou que ele seria somente considerado culpado se houvesse provas de malignidade contra o dono do cavalo (Legge e Brooman 1997).

A partir de 1800 houve várias tentativas em Inglaterra de introduzir uma legislação sobre direitos e bem-estar dos animais. A primeira foi em 1800 um acto introduzido por William Pulteney contra isco para touros (um desporto em que lançavam, ou ataçavam cães contra touros), e refutada pelo secretário de guerra William Windham em razão de que era contra a classe trabalhadora. Foi feita uma segunda tentativa em 1802 contra este desporto novamente refutada por Windham com base de que estavam contra o carácter antigo Inglês querendo abolir todos os desportos rurais. Novamente Windham recusa outra legislação de protecção de animais, desta vez de protecção de gado e cavalos, de maltrato e crueldade, refutado com base de ser contra os donos dos animais (Legge e Brooman 1997).

Finalmente, em 1822, o acto conhecido por *Martins Act*, proposto por Richard Martin a primeira grande legislação de protecção de animais foi passada, protegendo gado e cavalos. *Act to prevent the cruel and improper Treatment of Cattle*, considerava uma ofensa, e punia com multas até 5 libras ou dois meses de prisão por "beat, abuse, or ill-treat any horse, mare, gelding, mule, ass, ox, cow, heifer, steer, sheep or other cattle."<sup>3</sup> Qualquer cidadão se encontrava abrangido por esta lei (Legge e Brooman 1997).

Richard Martin também é o primeiro a levar um caso de abuso contra um animal a um tribunal, defendendo um burro contra o seu dono que o maltratava. Martin somente ganhou o caso a apresentar o próprio burro no tribunal e expor as marcas de violências praticadas pelo seu dono que foi multado (Legge e Brooman 1997).

Outros países seguiram o exemplo e passaram legislações ou tomaram decisões favoráveis aos animais. Em 1822, os tribunais de Nova York consideraram que a crueldade em animais era um delito menos grave numa lei comum. Em França em 1850, Jacques Philippe Delmas de Grammont teve sucesso ao obter a *Loi Grammont*, proibindo a crueldade contra animais domésticos, e guiando a anos de argumentos na classificação de touros como animais domésticos em ordem para banir as touradas. O estado de Washington seguiu o exemplo em 1859, Nova Iorque em 1866, Califórnia em 1822, Florida em 1889. Na Inglaterra uma série de emendas seguiram para completar o acto de 1822, que se tornou no acto crueldade para com animais 1835, proibindo as lutas de galos, uso de cães como iscos em desporto, lutas de cães, seguindo mais emendas em 1849 e novamente em 1876 (Legge e Brooman 1997).

O primeiro grupo de protecção animal nos Estados Unidos da América foi a American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA), fundado por Henry Bergh (1811–1888) em Abril de 1866. Bergh tinha sido nomeado pelo Presidente Abraham Lincoln para um posto diplomático na Rússia, e ficou horrorizado pelo tratamento de animais na Rússia. Começou a falar pelos animais, contra as touradas, lutas de galos e o mal tratos a cavalos. Criou a Declaration of the Right of Animals, e em 1866, persuadiu o estado de

---

<sup>3</sup> "Text of An Act to prevent the cruel and improper Treatment of Cattle" in Legge, Debbi and Brooman, Simon. *Law Relating to Animals*. Cavendish Publishing, p. 40.

Nova York a passar legislaturas anti-crueldade e também em conceder autoridade ao ASPCA para as assegurar.<sup>4</sup>

O século XIX viu a criação de vários grupos de protecção animal, em 1875, a feminista Frances Power Cobbe fundou a Sociedade para a Protecção de Animais susceptíveis à vivissecção, a primeira organização mundial a opor-se à pesquisa em animais, que se tornou na primeira Sociedade Anti-Vivissecção Nacional, a qual fez uma campanha contra o uso de cães em experiências, sendo quase aprovada em 1919 (Singer, P. 1990).

O desenvolvimento do conceito de direitos dos animais na Inglaterra foi fortemente suportada pelo Filósofo Alemão Arthur Schopenhauer (1788–1860). Apoiava as sociedades de defesa dos animais, escrevia sobre abuso animal e os direitos do mesmo. A sua visão nos direitos dos animais recaía até à advocacia do vegetarianismo (Legge e Brooman 1997).

#### **1.1.4. A partir de 1890**

Richard Ryder escreve que atitudes para com os animais começam a piorar no final da década de 1890, quando cientistas embarcam na ideia de que estes viam como antropomorfismo, a atribuição de qualidade humana a não humanos, era anti-científica. Os animais tinham que ser abordados somente como entidades fisiológicas, tal como Ivan Pavlov escreveu em 1927, "*without any need to resort to fantastic speculations as to the existence of any possible subjective states.*"<sup>5</sup>. Esta posição relembrou a posição de Descartes no século XVII de que não humanos eram puramente mecânicos, como relógios, sem racionalidade e talvez mesmo sem consciência (Ryder 2000).

---

<sup>4</sup> "The ASPCA–Pioneers in Animal Welfare", Encyclopaedia Britannica's Advocacy for Animals, November 20, 2006.

<sup>5</sup> Pavlov, Ivan em Ryder, Richard. *Animal Revolution: Changing Attitudes Towards Speciesism*. Berg, 2000, p. 6.

No século XX o uso de animais aumentou significativamente, mas também o movimento dos direitos dos animais.

Na tomada de posse do partido nazi em 1933, estes aprovaram um conjunto de leis mais compreensivas de protecção animal na Europa.<sup>6</sup> Kathleen Kete do colégio Trinity no Connecticut escreve que foi a primeira tentativa de um governo quebrar a barreira das espécies, o binário tradicional dos humanos e animais. Os humanos como espécies perderam o seu estatuto sacrossanto, com arianos no topo da hierarquia, seguido de lobos, águias, e porcos, e judeus e com ratos no final da cadeia. Kete afirma que era a pior resposta possível para o que a relação entre o homem e os animais deveria ser (Kete, K. 2001).

A 24 de Novembro de 1933, o *Tierschutzgesetz*, ou lei de protecção animal, foi introduzido, com Adolf Hitler a anunciar um fim à crueldade animal: "*In the new Reich, no more animal cruelty will be allowed.*"<sup>7</sup>, a partir da implementação desta lei a vivissecção foi banida e depois restringida, esta ciência era vista como ciência judia ou internacional, considerada vinda de uma mente mecânica que vê a natureza como algo que deve ser dominada em vez de algo que deve ser respeitado. Embora esta lei tenha sido desaprovada largamente por médicos alemães e cientistas, o que levou à modificação desta lei sobre a vivissecção 3 semanas depois da sua implementação, implementaram 8 condições nas quais a vivissecção poderia ser usada. Em Julho de 1934 da lei *Reichsjagdgesetz*, proibição de caçar, em Julho de 1935 a lei *Naturschutzgesetz*, uma legislação compreensiva sobre o ambiente. Em 1937 uma lei a regulamentar o transporte de animais por carro, e 1938 nos comboios. Vários oficiais nazis adoptaram uma dieta vegetariana, embora não fossem estritas, Hitler também mandou oficiais seniores da SS ter uma dieta vegetariana, embora suas razões deviam-se a preocupações de saúde e não sobre os animais (Proctor, R. 1999).

Mais tarde as experiências médicas eram conduzidas nos campos de concentração em Judeus, crianças ciganas e outros considerados inferiores, particularmente em Auschwitz

---

<sup>6</sup> Adolf Hitler tornou-se Chanceler da Alemanha a 30 de Janeiro de 1933.

<sup>7</sup> Hitler, Adolf, discurso de instauração da lei de protecção de animais, 24 de Novembro de 1933, Alemanha, Berlim. "*Im neuen Reich darf es keine Tierquälerei mehr geben.*"



pelo Médico Josef Mengele. Devido ao facto de que os sujeitos usados eram referidos como fracos de saúde, as experiências eram repetidas em animais (Sax, B. 2000).

Após 1945 houve um aumento significativo no uso de animais, embora a proliferação de legislações de protecção animais, animais não tinham direitos legais. Legge explicita que as legislações existentes estavam muito ligadas aos interesses humanos, se protege-se a sensibilidade humana através da proibição da crueldade, ou proteger os direitos de propriedade através da certificação de que os animais não são danificados. A sobre exploração de stocks de peixe, por exemplo, é visto como magoar o ambiente para os indivíduos. A extinção de animais devido à caça significa que os indivíduos já não poderão ter o prazer da caça ou destes animais. Caça resulta da perda financeira do dono, e assim por diante (Legge e Brooman 1997).

Apesar do interesse em no bem-estar dos animais do século anterior, a situação para com os animais deteriorou no século XX, particularmente depois da segunda guerra mundial. Foi em parte devido ao aumento do número de animais usados em pesquisas, 300 na Inglaterra em 1875, e 19.084 em 1903, e 2.8 milhões em 2005 (50-100 milhões mundialmente)<sup>8</sup> e uma estimativa actual moderna calcula cerca de 10 milhões até 100 milhões nos EUA<sup>9</sup>, mas maioritariamente devido à industrialização da criação de gado, que gerou bilhões de animais criados e matados para comida cada ano numa escala que não era possível antes da guerra.<sup>10</sup>

A formação do grupo Oxford na década de 1960, um pequeno grupo de intelectuais, proveniente da Universidade de Oxford (Oxford Group), começou a ver o aumento ininterrupto dos animais como exploração inaceitável.<sup>11</sup> Em 1964, Ruth Harrison publicou *Animal Machines*, uma critica à fábrica de criação de gado, que provinha da influência da

---

<sup>8</sup> "The history of the NAVS"; "Monument to the Little Brown Dog, Battersea Park", Public Monument and Sculpture Association's National Recording Project); "Statistics of Scientific Procedures on Living Animals, Great Britain, 2005", Her Majesty's Stationery Office); "The Ethics of research involving animals", Nuffield Council on Bioethics, section 1.6. - [http://news.bbc.co.uk/1/shared/bsp/hi/pdfs/24\\_07\\_06\\_animaltesting.pdf](http://news.bbc.co.uk/1/shared/bsp/hi/pdfs/24_07_06_animaltesting.pdf)

<sup>9</sup> Peter Singer, *Animal Liberation*, 3rd Ed. p. 37 (2002) citing U.S. Congress Office of Technology Assessment, *Alternatives to Animal Use in Research, Testing, and Education* (1986) p. 64.

<sup>10</sup> Ten billion animals are now killed for food every year in the U.S. alone (Williams, Erin E. and DeMello, Margo. *Why Animals Matter*. Prometheus Books, 2007, p. 73).

<sup>11</sup> *Encyclopaedia Britannica Online* "Ethics: Animals."

psicólogo Richard Ryder, que se tornou num membro do grupo Oxford, num artigo no jornal Sunday Times em 1965.<sup>12</sup> O artigo no Sunday Times publicado na época foi o que teve maior relevo sobre o assunto (Ryder, R. 2000), Robert Garner escreve que o artigo de Harrison e Brophys levou a uma explosão de interesses na relação entre humanos e não humanos, ou o que Garner chama de “nova moralidade” (Garner, R. 2004).

Várias obras sobre moral, ética e os animais, além de outros a expor a exploração animal foram escritos por membros do grupo Oxford, um dos mais importantes foi *Animals, Men and Morals: An Inquiry into the Maltreatment of Non-humans* (1971)<sup>13</sup> de Godlovitch e Harris (Garner, R. 2004).

Marca do termo "espécismo" em 1970, Ryder compôs a palavra espécismo, num panfleto privado, para descrever a atribuição de valor para os interesses dos seres na base da sua pertença a uma determinada espécie. (Ryder, R. 2005) Singer usou este termo em 1975 na sua obra, *Animal Liberation*, e ficou associada para sempre ao movimento dos direitos dos animais, e tornando-se parte do dicionário de Inglês de Oxford em 1989 (Singer, P. 1990).

*The people who run this country, they have shares, they have investments in pharmaceutical companies ... who are experimenting on animals, so to think that you can write to these people, and say "we don't like what you're doing, we want you to change," and expect them to do so, it's not going to happen.- Keith Mann, ALF.*<sup>14</sup>

A Publicação de *Animal Liberation* em 1975, pelo australiano Peter Singer, tornou-se num marco no movimento pelos direitos dos animais, como uma bíblia para qualquer activista. Singer baseou os seus argumentos com base no utilitarismo, uma visão de que um acto é certo, na medida em que leva à "maior felicidade do maior número", uma primeira frase inicialmente usada por Jeremy Bentham, 1776, em *A Fragment on Government*. Ele delineou uma comparação explícita entre a libertação das mulheres e a libertação dos animais (Singer, P. 1990). Após a publicação em 1975, *Animal Liberation* desencadeou

---

<sup>12</sup> Brophy, Brigid 1965, *Sunday Times* artigo: "The Rights of Animals,"

<sup>13</sup> Godlovitch R, Godlovitch S, and Harris J. (1972). *Animals, Men and Morals: An Inquiry into the Maltreatment of Non-humans*

<sup>14</sup> Keith, Shannon. *Behind the Mask*, Uncaged Films, 2006.

uma onda de trabalhos académicos em direito dos animais. Tom Regan escreveu em 2001 que os filósofos tinham escrito mais acerca dos direitos dos animais à 20 anos atrás, do que 2000 anos antes (Regan, T. 2001).

Ao mesmo tempo que o *grupo Oxford* publicava artigos sobre a exploração animal, novas organizações activistas surgiam paralelamente. Um estudante de direito, Ronnie Lee, formou um grupo activista anti-caça em Luton em 1971, mais tarde apelidado de *Band Mercy*. Atacavam os veículos dos caçadores ao rasgar-lhes os pneus e ao partir as janelas dos carros, chamando a sua actividade de “compaixão activa”. Em 1973 cometeram o seu primeiro delito grave ao deitar fogo ao laboratório de pesquisa farmacêutica *Hoechst*. Em Agosto de 1974 Lee e outro activista foram sentenciados a 3 anos de prisão, sendo vigiado durante 12 meses. Após sair da prisão Lee voltou mais militante do que nunca, reunindo o grupo *Band Mercy* e com novas caras, 30 activistas no total, e começou um novo movimento, intitulando de *Animal Liberation Front* (ALF) em 1976, um nome que ele esperava tornar-se numa ameaça para aqueles que usam animais (Molland, N. 2004).

A ALF é agora activa em 38 países, operando como uma resistência de liderança, com células convertidas agindo numa base de conhecimento básico, muitas vezes somente conhecendo-se a si mesma quando actos de libertação são aclamados. Este grupo muitas vezes é visto como sendo terroristas domésticos, embora nada associados ao terrorismo (Justin, R. 2006).

"Thinkers may prepare revolutions, but bandits must carry them out."<sup>15</sup>

Henry Spira em 1980 foi outro dos activistas que se fizeram notar pelas suas obras e conquistas dentro da sociedade. Spira implementou a ideia "reintegrative shaming" (Envergonhar de reintegração), que consistia em trabalhar junto das companhias que exploram animais e propor-lhes outras alternativas à exploração animal, este método também consistia em fazer estas empresas sentirem vergonha pelo acto que estavam a cometer contra os animais, fazendo com que estes mudassem de opinião relativamente ao uso de animais. Este era um dos processos que usava, caso não resultasse passavam

---

<sup>15</sup> Newkirk, Ingrid. "The ALF: Who, Why, and What?", *Terrorists or Freedom Fighters? Reflections on the Liberation of Animals*. Best, Steven & Nocella, Anthony J (eds). Lantern 2004, p. 341.

para a ameaça de expor a situação aos meios de comunicação, e ao público geral, seguido de campanhas contra empresas (Singer, P. 2003). Este tipo de técnicas acabou por ser adoptadas por organizações de protecção animal, como a PETA<sup>16</sup> (Munro, L. 2002).

Finalmente no século XXI vieram os direitos da primeira proposta para animais, em Janeiro de 2008 o tribunal decidiu acerca da pessoalidade do chimpanzé. Depois de um abrigo de animais ter ido à falência, doadores ofereceram-se ajudar o chimpanzé Matthew Pan, mas de acordo com a lei austríaca somente uma pessoa pode receber prendas pessoais. Assim sendo uma associação apelou ao tribunal Europeu dos Direitos Humanos, e o tribunal embora tenha decidido que um chimpanzé não era uma pessoa, concedeu 4 direitos ao chimpanzé Matthew e um tutor legal, os 4 direitos consistiam em; O direito à vida, liberdade limitada de movimento, protecção pessoal, e o direito a reivindicar propriedade (Stinson, J. 2008).

Em Junho de 2008, uma comitiva da legislatura nacional de Espanha tornou-se na primeira a votar numa resolução para estender direitos limitados a primatas não humanos. A comitiva parlamentar do ambiente recomendou dar a chimpanzés, bonobos, gorilas e orangotangos o direito de não serem usados em experiências médias ou em circos, e recomendou que é ilegal matar macacos, salvo em legítima defesa, com base no projecto de Peter Singer, Great Ape Project (GAP). Pedro Pozas da GAP em Espanha aclamou esta decisão como um dia histórico na luta pelos direitos dos animais, "a historic day in the struggle for animal rights ... which will doubtless go down in the history of humanity."<sup>17</sup>. Embora a proposta da comitiva ainda não tenha sido promulgada em lei.<sup>18</sup>

Em Janeiro de 2010, uma equipa de cientistas anunciou os resultados de uma pesquisa sugerindo que os golfinhos ficam sem segundo em inteligência somente para com o

---

<sup>16</sup> PETA - People for the Ethical Treatment of Animals.

<sup>17</sup> Abend, Lisa, entrevista no artigo: *In Spain, Human rights for Apes*, Time magazine, July 18, 2008. <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1824206,00.html>

<sup>18</sup> <sup>▲</sup> "IX Legislatura: Serie D: General 161/000099". *Boletín Oficial de las Cortes Generales*. Madrid: Congreso de los Diputados. 23 May 2008. p. 22. <http://www.congreso.es/portal/page/portal/Congreso/PopUpCGI?CMD=VERLST&BASE=puw9&DOCS=1-1&DOCORDER=LIFO&QUERY=%28CDD200805230019.CODI.%29#%28P%C3%A1gina9%29>. Retrieved 3 March 2010.

homem, e que estes deveriam ser encarados como "non-human persons", pessoas não humanas (Leake, J. 2010).

## **1.2. Maiores focos de agressão/Exploração dos animais**

### **1.2.1. Introdução**

Desde o tempo da pré-história que o homem utiliza os animais para seu próprio proveito, e abusa insistentemente da sua superioridade sobre os animais que domesticou e aprisionou. Contudo este aproveitamento tem vindo a mudar aos longos dos anos, a exploração sempre existiu e principalmente com grandes focos de agressão. O homem ao mesmo tempo que compõe outras alternativas ao uso dos animais, tem outras carências que julga necessário preencher com a exploração de um ser de outra espécie. E embora o uso dos animais da parte do homem tenha vindo a diminuir, esta prática ainda continua vigente sem ter uma previsão de cessar para breve (Donnellan, C. 1999).

É importante identificar estes focos de agressão e exploração para melhor compreender se estas práticas são actualmente necessárias e realmente justificadas.

Entre estes focos de exploração, identificamos como temas principais o uso de animais como alimentação, como meios de divertimento, entretenimento e educação, como cobaias para experiencias laboratoriais, no vestuário e mercado de moda, e ainda desastres industriais e ecológicos que ameaçam inúmeras espécies (Singer, P. 1990).

### **1.2.2. Experiencias laboratoriais – animais de laboratório**

Testamos todo o tipo de produtos e materiais em animais antes de iniciarmos o teste em humanos. Desde produtos de higiene e saúde, cosméticos, químicos que utilizamos na construção de peças de *design* e em arquitectura, químicos que usamos em produtos alimentares, até mesmo nos que se destinam aos animais. Basicamente qualquer produto que seja submetido ao ser humano é previamente estudado e testado em animais e depois se houver necessidade testado noutros seres humanos antes de entrar no mercado (Singer, P. 1990).

Existe algumas excepções, empresas que fazem testes em amostras de tecidos e previamente em humanos mas sem qualquer risco físico ou psicológico. A maioria dos testes submetidos aos animais são desnecessários, existem várias alternativas que levam ao mesmo fim, como estudo em amostras de tecidos e células, com modelos matemáticos, computadorizados e mecânicos e guias audiovisuais. Muitos dos estudos feitos em animais são inconcludentes, outros estudos que são considerados um sucesso e os produtos “seguros” para o uso humano causaram efeitos paralelos quando administrados em humanos.

Um elevado número de empresas de cosméticos e artigos de higiene pessoal testam em animais. Todos os dias são utilizados produtos como dentífricos champôs, desodorizantes, sabonetes, artigos de beleza, produtos de limpeza para uso doméstico, produtos químicos que compõem as tintas, amoníacos, sprays, etc., que foram pagos com o sofrimento de milhares de animais (Singer, P. 1990).

O método "Draize" é um dos mais utilizados e consiste na aplicação directa dos produtos nos olhos de animais conscientes, para saber se são nocivos, ou não, ao homem. Não é aplicada anestesia ou nenhuma forma de aliviar a dor, pois isso poderia interferir nos resultados dos testes. No entanto, a cultura de células artificiais consegue prever estes resultados, uma vez que estes se dão a nível celular. Assim, este método, além de ser inútil, é extremamente cruel, causando sofrimentos horríveis aos animais acabando muitas vezes por os levar à cegueira (Singer, P. 1990).

Outros métodos utilizados incluem: a aplicação de produtos químicos na pele rapada dos animais e a ingestão de produtos altamente tóxicos. Este método designa-se por "Teste de Dose Letal". Consiste em determinar a dose de produto que é necessária para matar uma percentagem de animais forçados a ingeri-lo. Existem muitas maneiras e mais precisas de nos assegurarmos de que os produtos que utilizamos são inócuos. Devido à pressão dos consumidores, que cada vez em maior número se recusam a comprar produtos testados em animais, um número crescente de empresas (como é o caso da *Gillette*) está a substituir os animais por tubos de ensaio, programas de computador, voluntários humanos, pele humana artificial, produtos naturais e inofensivos e outros

métodos que asseguram que os seus produtos não são nocivos às pessoas (Singer, P. 1990).

O facto é que os animais possuem um sistema nervoso desenvolvido, sentem a dor e sofrem como os humanos, está comprovado por vários cientistas este facto. Assim sendo, é um crime ético, moral e global aprisionar e torturar animais em nome da beleza e da vaidade, é um crime utilizá-los em nome da ganância e lucros. Os animais não usam cosméticos, não usam perfumes, não utilizam produtos domésticos e tóxicos! Porque é que eles têm de sofrer? (Hawthorne, M. 2008).

Existem cada vez mais no mercado movimentos que exigem produtos livres de experimentação animal, os produtos aparecem com símbolos e indicações em como nenhum animal sofreu para o produto chegar até ao consumidor/utilizador. Várias associações controlam estas empresas e autorizam o uso dos seus símbolos de animal *cruelty free*.

Experimentação animal é uma fraude médica e científica, é impossível recriar uma doença de proveniência natural, num animal saudável simplesmente porque quando é “recriada”, não é considerada original, doença natural. Os resultados previsíveis de um animal artificialmente doente são dados obtidos que não vão ser aplicáveis ao homem e assim tragicamente enganadores. Esta é a razão porque nenhuma doença tem sido curada no século XX excepto pelo controlo de doenças infecciosas, que tem sido conseguido através da nutrição, higiene e saneamento público (Overell, B. 1993).

A verdadeira cura é a prevenção, algo que o sistema de saúde não se preocupa, pois lucra mais a tentar curar pessoas doentes do que a informar estas das causas que levam a essas doenças. No final recusam-se a educar o público sobre a necessidade vital de adoptar uma dieta vegetariana que iria prevenir e erradicar várias doenças causadas pela má alimentação (Overell, B. 1993).

“There is no Money to be made from healthy people.”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Overell, B., 1993, pag 344



Só na Nova Zelândia, aproximadamente 300 000 animais são reportados mortos em laboratórios de vivissecção todos os anos. A dissecação é protegida por lei e praticada por colégios e universidades, hospitais, instituições privadas, escolas veterinárias e estabelecimentos de agricultura. Estas instituições têm um fornecimento ilimitado por uma pequena indústria de produção de animais, para serem posteriormente usados em experiências, estes animais são também comprados ou dados pelos canis, matadouros, corridas de cães, e outras proveniências. Em muitos países, estão a ser usados pelos militares, animais para testarem as suas armas. E devido à sida (HIV), muitos estabelecimentos biomédicos, estão a gastar bilhões de dólares com vivisseccionistas que fazem os seus negócios à custa de vidas (Overell, B. 1993).

Animais estão a ser usados no teste de terríveis armas químicas, biológicas e nucleares, que existem em muitos países, são testadas em animais da mesma forma que testam detergente, batom ou outra droga. O uso de animais nos assuntos militares, de guerra e de experiências espaciais são mantidos em segredo e nunca são relatados nas estatísticas (Overell, B. 1993).

### **1.2.3. Entretenimento**

**Circos, produção de filmes e anúncios, zoológicos e aquários, lutas entre animais, touradas, garraíadas, largadas de touros, espetáculos na rua.**

Sujeitar um ser humano a realizar tarefas que ele não quer é ilícito, sujeitar um homem a trabalho, mesmo que remunerado, se não for consentido é ilegal e punido por lei. Utilizar seres humanos degradando-os e humilhando-os é ilegal além de eticamente incorrecto e moralmente incómodo, mas se todos estes abusos forem praticados em animais é considerado e visto por muitos como sendo “normal” e sem qualquer significado ético ou moral, “No one shall be held in slavery or servitude; slavery and the slave trade shall be prohibited in all their forms”<sup>20</sup> (Declaration of human rights, ONU).

---

<sup>20</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, artigo 4, Disponível para consulta online em: <http://www.un.org/en/documents/udhr/>

#### **1.2.1.1. Zoológicos**

Prendemos animais em jaulas como prisioneiros que cometeram alguma ilegalidade, enclausuramos pequenos e grandes animais em espaços criados artificialmente para se sentirem em “casa”, outros nem se dão ao trabalho de criarem um espaço amigo do animal, colocando-os em espaços frios, fechados sem qualquer natureza. Colocam-se placas junto às jaulas a especificar: a origem, a espécie, os espaços naturais onde habitam, a alimentação, etc. Contudo o humano paga para ver estes animais enjaulados, encurralados e humilhados, longe de seus habitats naturais. Zoos são prisões de animais, embora muitos não o vejam assim, é somente outra forma de crueldade contra os animais (Goodall, J. 2006).

Em prol do prazer humano e do entretenimento, e de uma suposta educação, os animais são submetidos a olhares de pessoas que pagam para os verem enclausurados e vergados a tal humilhação. Milhares de animais hoje em dia são arrebatados dos seus habitats naturais e levados para estas prisões que chamamos de Zoos, muitos nascem nestes lugares e nunca têm a oportunidade de verem os seus habitats naturais, de percorrerem os céus e experimentarem o vento sobre suas asas, de correr entre os campos ou nadar em mares e rios naturais. Estes lugares não são apropriados para serem lugares de carácter pedagógico, o animal não se encontra no seu habitat natural, não comunica ou se relaciona da mesma maneira que no seu habitat, seus instintos estão domados e aprisionados (Goodall, J. 2006).

Pode-se muitas vezes comprovar o sofrimento e a depressão expressa nos seus olhos e atitudes, uma vida fastidiosa sem muito mais por que esperar, sem a alegria e a excitação de uma vida na selva, de uma vida com perigos e lutas pela sobrevivência, embora muitas vezes os seus habitats se encontrarem completamente dominados por humanos e destruídos devido à desflorestação para gado ou agricultura. O estudo do comportamento das diferentes espécies demonstrou que todos os animais sofrem em cativeiro. Está provado que além de fome, os animais sentem frio, calor, alegria, tristeza, dor, aborrecimento, repulsa e sofrem de stress (e muitos peritos afirmam que os mais evoluídos têm memória) (Goodall, J. 2006).

Uma das causas de descontentamento é o facto de os animais não terem de caçar ou colectar os seus alimentos, já que o tratador se encarrega de fornecer a alimentação. Esta situação agrava-se se pensarmos que quando estão em liberdade gastam grande parte do tempo e energia a procurar comida. Todo este aborrecimento é a causa principal da perda das suas capacidades naturais. O seu comportamento torna-se apático, neurótico (batendo em si próprio e repetindo continuamente o mesmo gesto) é estereotipado. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, os zoos não desempenham nenhum papel na conservação das espécies. O local adequado para os programas de conservação devem ser as regiões a que os animais pertencem naturalmente e não a milhares de quilómetros de distância, longe da selva, da floresta, do deserto, das montanhas, dos oceanos, num ambiente e clima completamente diferentes. O cativeiro provoca danos físicos e psíquicos, impossibilitando uma reintrodução eficaz dos animais na natureza. Os animais não precisam de ajuda na reprodução, precisam sim, que lhes seja dado o seu território e neste protecção contra a exploração humana, contra a caça, contra a desflorestação, contra a ganância do homem. Que direito tem o ser humano de condenar estes animais à prisão perpétua, a uma vida aborrecida, de aprisionamento e sofrimento? (Goodall, J. 2006).

Devem ensinar as crianças a respeitar a vida animal. Nos zoos ensinam-as a olhar para os animais como objectos que se expõem, se explora e de que se abusa. As crianças podem aprender muito mais sobre os animais observando o seu comportamento em filme em vez de dentro de jaulas (Goodall, J. 2006).

#### **1.2.1.2. Touradas**

Cultura é tudo aquilo que contribui para tornar a humanidade mais sensível, mais inteligente e civilizada. A violência, o sangue, a crueldade, tudo o que humilha e desrespeita a vida jamais poderá ser considerado "arte" ou "cultura". A violência é a negação da inteligência (Hawthorne, M. 2008).

Uma sociedade justa não pode admitir actos eticamente reprováveis (mesmo que se sustem na tradição), cujas vítimas directas são milhares de animais. É degradante ver que nas praças de touros se torturam bois e cavalos para proporcionar aberrantes prazeres a

um animal que se diz racional. (Liga Portuguesa dos direitos dos animais, 2010)

Portugal não se pode permitir continuar a prática do crime económico que é desperdiçar milhares de hectares de terra para manter as manadas de gado, dito bravo. A verdade é que são precisos dois hectares de terreno, o equivalente a dois campos de futebol, para criar em estado bravio cada boi destinado às touradas. Ora isto é tanto mais criminoso quando Portugal é obrigado a importar metade da alimentação que consome. Decerto os milhares de hectares desperdiçados a tentar manter bois em estado bravio, produziram muito mais útil riqueza se aproveitados em produção agrícola, frutícola, etc.

Uma minoria quer manter as touradas e as praças de touros, bárbara e sangrenta reminiscência das arenas da decadência do Império Romano. De facto nas arenas de hoje o crime é o mesmo: tortura, sangue, sofrimento e morte de seres vivos para divertimento das gentes das bancadas. Como pode continuar tamanha barbaridade como esta, das touradas, no século XXI? (Liga Portuguesa dos direitos dos animais, 2010)

Só pode permanecer como tradição o que engrandece a humanidade e não os costumes aberrantes que a degradam e a embrutecem (Liga Portuguesa dos direitos dos animais, 2010).

#### **1.2.4. Alimentação**

A produção de carne é encarada como uma necessidade de abastecer a vastíssima população humana. Como solução, o homem cria os animais como se tratassem de máquinas produzidas em série, esquecendo-se do facto que se tratam de seres vivos com sentimentos e sensibilidade tendo o direito a não morrer e a viver uma vida livre de prisões (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Os frangos são provavelmente os animais mais abusados em todo o mundo. Milhares de frangos são colocados num espaço sujo e nojento, emersos nos seus próprios excrementos e cadáveres de outros frangos que morreram de ataque cardíaco ou stress. Alguns chegam mesmo a morrer à fome porque, ao crescerem tão depressa, as suas pernas não aguentam o peso do próprio corpo e acabam por se partir, impedindo-os de atingirem a comida. Por terem recebido uma alimentação com muitos antibióticos, para

provocar um crescimento mais acelerado, é vulgar os frangos ficarem com lesões no coração, pulmões e pernas. Após terem passado semanas nestas condições os frangos são transportados até ao matadouro sem o mínimo de condições, acabando muitas vezes por chegar feridos, doentes ou mortos. Já no destino, cada frango é pendurado pelas suas pernas frágeis em grandes linhas de montagem e as suas gargantas são-lhes cortadas, deixando alguns ainda conscientes, provocando uma morte lenta e agonizante (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Na produção de ovos, 5 a 11 galinhas poedeiras são colocadas em pequenas jaulas de ferro, sem nunca poder debicar nem esgravatar o chão. Como estas condições podem levar a que estas aves se ataquem umas às outras, os seus bicos, que possuem muitas terminações nervosas, são cortados com uma lâmina sem qualquer anestesia. O espaço é tão pequeno que as galinhas não conseguem muitas vezes esticar sequer uma asa durante toda a sua vida (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Para a produção de carne de bovinos, estes animais são castrados e os seus cornos cortados sempre sem anestesia. No matadouro, os animais doentes, feridos ou mortos acabam muitas vezes por serem aprovados para consumo. Na linha de montagem, a garganta é-lhes cortada, a sua pele e partes do seu corpo são arrancadas enquanto estão ainda conscientes (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Embora as vacas produzam leite para as suas crias, tal e qual como os humanos, as vacas leiteiras são tratadas como meras fábricas de fazer leite. Elas são ligadas várias vezes por dia a máquinas que forçam a saída de leite, provocando-lhes feridas, levando à mistura de sangue e pus com o resto do leite. As vacas são regularmente inseminadas artificialmente para que se mantenham grávidas, de forma a manter a produção de leite. Os vitelos são afastados da mãe logo após o parto, provocando a ambos um profundo stress e angústia. Estes vitelos são vendidos pela sua carne ou juntam-se ao grupo de vacas produtoras de leite. Quando as vacas deixam de produzir o suficiente são vendidas para o matadouro onde ainda valem algum dinheiro pela carne que possuem. No transporte para o matadouro, muitas nem sequer chegam em condições de andar nos seus próprios membros, mas mesmo assim não deixam de ser degoladas para servirem de alimento (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Os porcos são confinados a pequenas jaulas de ferro que não lhes permitem sequer voltar-se sobre eles próprios. Esta falta de estimulação leva muitas vezes à loucura e a movimentos repetitivos do animal. A primeira vez que um porco respira ar puro é antes de ser transportado para o matadouro. Aos pequenos leitões recém-nascidos são-lhes mutiladas as orelhas, cortadas as caudas, arrancadas as pontas dos dentes e castrados, sempre sem anestesia.

Tal como os frangos, também os porcos não conseguem muitas vezes andar nem erguer-se nas quatro patas, por não conseguirem aguentar com o peso do seu próprio corpo que cresceu depressa demais devido a aditivos na comida. No matadouro, mesmo os animais feridos ou doentes são aprovados para consumo humano, sempre em nome do lucro. Neste local e tal como os outros animais, a garganta dos porcos é-lhes cortada, deixando-os muitas vezes ainda conscientes, acabando assim por sufocar no seu próprio sangue (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Existe ainda muita crueldade efectuada aos patos para obtenção do famoso Foie de gras, entre este está a criação e abate de vitelos bebés, a chamada "Carne de Vitelo" ou Vitela, mais informações sobre estas práticas no anexo 1 na página 185 e anexo 2 página 188.

#### **1.2.4.1. Vegetarianismo**

Significa dar vida ou animar e consiste num regime alimentar no qual não se consome nenhum tipo de carne, quer seja vermelha ou branca, peixe ou marisco. Divide-se em três grupos distintos:

O lacto-ovo-vegetarianismo – regime alimentar que exclui a carne e o peixe, mas que permite a ingestão de ovos, de leite e dos seus derivados. É o mais comum, por isso é muitas vezes abreviado para vegetarianismo.

O lacto-vegetarianismo – igual ao interior, mas que exclui o consumo de ovos.

O vegetarianismo puro, ou veganismo — exclui carne, peixe, ou produtos que impliquem a exploração animal como os ovos, o leite, os seus derivados e o mel. Os vegans não utilizam vestuário de lã ou couro, cosméticos testados em animais e suplementos alimentares com derivados animais.

Argumentos que levam ao vegetarianismo: o respeito pelos animais, a preservação do meio ambiente, a preocupação com a saúde humana, a fisiologia digestiva do homem e a eficiência económica (Casa Indigo 2010).

#### **1.2.4.2. Ética vegetariana**

Os animais são seres vivos distintos dos outros por terem um sistema nervoso, mais ou menos desenvolvido, que lhes permite experimentar o sofrimento. São sensíveis e capazes de sentir dor, física ou psicológica. Sendo nós seres sensíveis e interessados em permanecer vivos, em liberdade e sem sofrer, temos de concluir que o mesmo se passa com os animais. Sejam insectos, moluscos, peixes, anfíbios, répteis, aves ou mamíferos. Assim, a obrigação ética mais elementar passa por respeitar o seu direito a vida, a existência em liberdade e bem-estar físico, com consequente perpetuação da sua vida. Esta perspectiva moral é a pedra angular do movimento vegetariano e segundo os seus seguidores deveria ser mais do que suficiente para a adopção deste regime alimentar (Casa Indigo 2010).

Vegetarianismo não é uma causa somente para ajudar os animais, mas também a terra e a natureza, de acordo com um artigo tirado de um site de vegetarianismo, onde recolheram dados da Swisscam, revista da Câmara de Comércio Suíço-Brasileira, o Brasil contabiliza 200 milhões de cabeças de gado e ocupam 250 milhões de hectares, quase um terço do território nacional. Florestas são desbastadas para formar pastos e grandes monoculturas de grãos, posteriormente destinados a virar ração. Enquanto que um boi precisa de 1 a 4 hectares de terra e produz 210 kg de carne, no período de 4 a 5 anos, no mesmo tempo e na mesma quantidade de tempo pode se produzir em média:

8 Toneladas de feijão / 19 Toneladas de arroz / 22 Toneladas de maçã / 23 Toneladas de trigo / 32 Toneladas de soja / 34 Toneladas de milho / 35 Toneladas de cenoura / 44 Toneladas de batata / 56 Toneladas de tomate

Este gráfico feito pela sociedade vegetariana brasileira exemplifica os custos de água, electricidade, floresta, gasolina que 1 kilo de carne pode custar no nosso dia a dia (Sociedade Vegetariana Brasileira 2010).



Figura 1 – gráfico representando os custos da carne (SBV 2010).

O vegetarianismo está a tornar-se numa tendência mais crescente nos países desenvolvidos, vários factores, além do facto de tirar uma vida animal, estão a ser tidos em conta para consagrar este estilo de alimentação. Um dos factores é a ingestão da carne e as consequências destas para a saúde, tendo muitas gorduras prejudiciais, a criação moderna de animais provoca artificialmente a engorda do animal para obter mais lucros, estando agora a carne associada ao aumento da hipótese de ter um ataque cardíaco ou mesmo cancro (Terry, Paul D., *et al* 2004).

Injectam as vacas com hormonas de crescimento que faz com que estas produzam 10 a 15 % mais de leite, estas hormonas são altamente perigosas tanto para as vacas como para o homem que bebe o seu leite e come a sua carne. Esta hormona deixa o animal doente, tem efeitos secundários a diarreia, doenças nos joelhos e pés, desordens alimentares, febres, redução dos glóbulos vermelhos no sangue, quistos nos ovários, reduz a possibilidade de engravidar, e mastite (inflamação do úbere), esta inflamação causa as vacas produzirem leite com pus. Os animais que são submetidos a estas hormonas necessitam de mais proteínas, o que leva aos produtores a alimentarem-nas com carne de



vaca, o que leva a estas terem encefalopatia espongiforme bovina (BSE), também conhecida por doença das vacas loucas (Simpson, T. 2005).

Será que isto é mesmo necessário? Colocar um animal a este tipo de tratamento cruel e horrroso para poderem produzir mais leite? Um estudo revela que produzimos mais leite do que bebemos! Consideram estes animais como objectos, que podem utilizar e manipular, submeter a crueldades para aumentar a produtividade, como negócios, e não vida que merece ser tratada com respeito e dignidade, sem sofrimento (Simpson, T. 2005).

O gado é injectado com hormonas de crescimento que acaba por ficar entranhado na carne que é consumida pelo homem. Alguns produtores utilizam sedativos nos animais, a maior parte usa antibióticos para evitar ou combater infecções, além da percentagem de infecções por bactérias resistentes a penicilina ter avançado de 13% em 1960 para 91% em 1998 (Simpson, T. 2005).

Uma das razões mais apeladoras a uma alimentação vegetariana é o factor animal. A dor e o sofrimento animal e o próprio assassinio em abatedouros. Muitos vegetarianos afirmam que são cadáveres e é algo que não necessitamos, matar outros seres vivos para sobreviver. Só nos EUA, 500.000 animais são mortos a cada hora. Num período de uma vida, um comedor de carne médio terá consumido 36 porcos, 36 ovelhas e 750 galinhas e perús (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Envenenamento por comida, sendo maior parte causada pela ingestão da carne. O facto é que muitos animais carnívoros têm defesas que os protegem dos germes que se encontram na carne, mas o ser humano não tem, tendo que cozinhar muito bem a carne para a poder consumir. E a carne não contém absolutamente nada de proteínas, vitaminas ou minerais que o corpo humano não possa obter através de uma dieta vegetariana, o facto é que comer carne tornou-se em algo normal nas sociedades, assim sendo o homem não pretende abandonar deste “privilégio” de comer carne por ser cruel para estes animais ou por estar a “tirar” uma vida (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Os grãos que alimentam os animais que vão parar nos pratos do homem europeu vêm muitas vezes de África, um país onde milhões de seres humanos morrem de fome. Além

do facto que estes campos agrícolas onde cultivam grãos e aveia para alimentarem os animais poderiam ser usados para cultivar plantas para o homem, isto faria com que o défice mundial de alimentos desaparecesse do dia para a noite. O facto é que 100 acres de terra produzem carne suficiente para 20 pessoas, grãos suficientes para alimentar 240 pessoas. Metade das florestas tropicais do mundo foram destruídas para fazer pastos para criação de gado, cerca de 1000 espécies são extintas por ano devido a desflorestação. Além de os produtores de carne serem os maiores poluidores das águas, havendo muitas reservas de água fresca do mundo contaminadas devido aos pastos. Estas indústrias são subsidiadas pelo governo pelo seu grande consumo de água, se não fossem um hambúrguer custaria 35 dólares (Torres, B. e Torres, J. 2005).

Todos os dias dezenas de milhões de pintainhos de apenas 1 dia de vida são mortos porque não podem por ovos, não existe regras para o abate, sendo muitos moídos vivos ou sufocados até a morte, muitos são utilizados como fertilizantes ou ração para outros animais (Coleman, V. 1996).

Os humanos são omnívoros, podem alimentar-se de todo o tipo de alimentos, mas possuem características digestivas fisiológicas mais próximas dos herbívoros, que dos carnívoros. Exemplo disso é a presença de uma dentição com grande número de dentes incisivos e molares e um tracto digestivo longo, adaptado a digestão de legumes, frutas e cereais e em menor grau a digestão de proteínas animais. Estas têm tendência a acumular-se sob a forma de resíduos tóxicos no intestino, contribuindo para o aparecimento de doenças (Coleman, V. 1996).

As espécies carnívoras exibem dentes caninos encurvados e um tubo digestivo curto, no sentido de favorecer a rápida digestão, o processamento e a eliminação da carne antes que ela entre em decomposição no organismo. Esta vantagem fisiológica confere ao homem o poder de escolha, no que respeita a alimentação. Sabendo que todos os alimentos são potencialmente digeríveis pelo nosso sistema digestivo, resta a cada um de nós escolher o que come de acordo a sua consciência (Casa Indigo 2010).

Países como o Japão e a China têm taxas de cancro muito baixas, isto porque eles consomem pouca carne e gorduras, os chineses e japoneses consomem 15 % de gorduras (Overell, B. 1993).

Portanto o homem não necessita de comer carne para sobreviver, acaba por ser mais uma questão de capricho e de egoísmo, sendo que obrigar animais a existirem neste mundo somente para nos servir como comida é desnecessário. Esta prática de comer carne transformou-se num acto “normal” hoje em dia é desnecessário, as crianças desde pequenas são embutidas a comer carne, as escolas só servem carne ou peixe, e as pessoas não sabem as verdades desta indústria e são levadas a pensar que não podem ter uma alimentação sem carne ou peixe. A carne hoje em dia pode ser facilmente substituída pelas leguminosas, vegetais que contém tantas proteínas como a carne (Casa Indigo 2010).

As indústrias que trabalham com a produção de carne, peixe e derivados de animais têm sempre cuidado a manter o público interessado nos seus produtos, podemos dizer viciados, e a esconder as crueldades cometidas aos animais, dando também a entender que não têm outra opção se não consumir carne (Overell, B. 1993).

“When we kill the animals to eat them, they end up killing us because their flesh, which contains cholesterol and saturated fat, was never intended for human beings.”<sup>21</sup>

Vegetarianos – anexo

### **1.2.5. Produtos de vestuário e interiores**

A crueldade não se estende somente aos produtos alimentares ou de saúde, uma das indústrias mais cruéis é a indústria do vestuário, que também não vê meios para um fim, explorando ao máximo os animais. Além da utilização das peles e dos pêlos dos animais,

---

<sup>21</sup> -William C. Roberts, M.D., editor of The American Journal of Cardiology

também aproveitam as penas e até ossos na fabricação de acessórios (União Libertaria animal, 2010).

No caso das penas, para fabricar casacos, ou edredões quentinhos ou almofadas, todas feitas de penas de aves. O facto é que estes animais necessitam das suas penas, não é algo supérfluo ou que cai destes animais para o homem usar, além de existirem alternativas, sintéticas que têm o mesmo efeito se não um efeito ainda melhor. A utilização de penas de animais é um marco da ganância e crueldade do homem, algo que somente mostra a sua vaidade e o facto de os ultrapassar por algo tão excessivo e desnecessário (Anda, 2010).

“Existem dois modos de arrancar penas de uma ave: quando ela está viva ou quando ela está morta. A indústria de penas considera as penas de aves vivas melhores e por isso gansos e patos têm suas penas arrancadas três ou quatro vezes por ano. Isso acontece desde a sua décima semana de vida até completarem quatro anos, para depois serem mortos para aproveitamento da sua carne. Patos e gansos que vivem livres têm uma expectativa de vida de 12 a 15 anos.” (Anda, 2010).

O couro que usamos no vestuário e acessórios não provém das mesmas vacas que usamos na alimentação. As vacas para corte são destinadas apenas para isso, pois sua pele ficaria muito prejudicada devido ao tratamento nas quintas e “fábricas de vacas”. Assim, as vacas destinadas a morrerem para se tornarem sapatos, bolsas, carteiras, casacos e estofos, são criadas apenas para isso. Ou seja, o couro não é a reutilização de algo que já tinha sido morto (União Libertaria animal, 2010).

Couro é pele. Pele que foi arrancada de um animal (muitas vezes ainda vivo, dependendo da técnica utilizada para esfoliar). Couro não é artigo de luxo, é a carcaça de um animal morto, cheia de produtos químicos, altamente tóxicos, para esta não continuar a apodrecer. O que sobra desta indústria do couro acaba a ser lançado à terra (União Libertaria animal, 2010).

As ovelhas são criadas para colheita de lã de um modo não natural, e para a lã ser ondulada de um modo não natural, o que causa infestações de insectos ao redor da cauda. A solução dos fazendeiros é o doloroso corte da área ao redor da cauda. Na

tosquia as ovelhas são presas com violência e tosquiadas rudemente. Por vezes a sua pele também fica com cortes.

Todos os anos, centenas de milhares de ovelhas tosquiadas morrem por exposição ao frio. A produção de lã utiliza ainda enormes quantidades de recursos e energia (para procriar, tosquiar, transportar e abater as ovelhas). Alguns derivados da lã são a lanolina, a graxa de lã e a gordura de lã. Alternativas: algodão, fibras sintéticas etc, que conseguem ser tão quentes como a lã (União Libertaria animal, 2010).

A indústria de peles é uma das indústrias mais cruéis do mundo, sendo a China a fonte mundial da maioria dos produtos de peles. Investigações feitas em quintas de peles na China expuseram métodos chocantes de colocação de armadilhas, transporte, aprisionamento e matança dos animais. Actos extremamente violentos e cruéis, mostram que não têm qualquer respeito pelo animal nem consciência de colocarem várias espécies em vias de extinção (União Libertaria animal, 2010).

Entre as espécies usadas nesta indústria estão incluídas não apenas os tradicionais animais usados como os coelhos, as raposas, os visons, e os guaxinins, mas também cães e gatos domésticos cuja pele é chamada de outro nome propositadamente e exportada como pele de outras espécies. Mais de 40 milhões de animais são mortos a cada ano da forma mais hedionda e covarde possível para o uso de suas peles (União Libertaria animal, 2010).

A energia eléctrica utilizada para a produção de um casaco de pele natural corresponde de vinte a sessenta vezes mais do que se gasta na produção de um casaco de pele sintética, por exemplo. Há ainda o grande risco de contaminação de águas devido à grande quantidade de produtos químicos utilizados para o curtume das peles, além de muitos outros factores. Um curtume utiliza em média 700 mil litros de água por dia (União Libertaria animal, 2010).

Colocam armadilhas nas florestas para capturar os animais selvagens, pois muitos não se deixam reproduzir em cativeiro, principalmente em condições infernais. Estima-se que todos os anos, pelo menos 5 milhões de animais como cães, gatos, pássaros, esquilos e até mesmo animais de espécies em vias de extinção sejam acidentalmente apanhados,

mutilados e mortos nas armadilhas. A arbitrariedade e a crueldade subjacentes a estes métodos levaram 93 estados, entre os quais os que integram a União Europeia, a proibirem a captura de animais com recurso a armadilhas de mandíbulas (União Libertaria animal, 2010).

Os animais que são criados em cativeiro, além de serem sujeitos a hormonas de crescimento e outros químicos para que suas peles sejam macias e em grande quantidade, têm uma vida miserável, sendo alimentados por rações para engordarem, alguns animais são forçados a comerem. Mantidos em jaulas minúsculas sem condições, acabam por sofrer psicologicamente devido ao isolamento e ao enclausuramento. Depois de uma vida passada em condições deploráveis, os animais são electrocutados, asfixiados, envenenados, gaseados ou estrangulados. Às raposas são-lhes cortadas as línguas e deixadas a sangrar até à morte. Os criadores recorrem a estes métodos de matança para que as peles fiquem intactas. Nem todos os animais morrem imediatamente alguns chegam a ser esfolados ainda com vida (Anda, 2010).

Embora seja legítimo o desenvolvimento de uma actividade económica da parte dos seres humanos, nada pode legitimar que o façam com a perda de vidas de outros seres, e muito menos com o exercício de práticas cruéis.

Existem várias substâncias extraídas de animais (cashemere, couro, camurça, peles, lã, penugem e seda) que são usadas no vestuário e calçado. No entanto existem muitas alternativas: nylon, algodão, fibras sintéticas, poliéster, etc. (Anda, 2010).

## **1.2.6. Animais de companhia – domesticação**

### **1.2.6.1. Puppy Mill's – Fábricas de Cachorrinhos**

Fábricas de cachorrinhos são instituições licenciadas pelo departamento de agricultura dos EUA, que produzem em massa cachorrinhos para lojas de animais de estimação por

todo o país e mercados estrangeiros emergentes. Os cachorrinhos são submetidos a condições terríveis desde nascença e durante o transporte até ao comprador. Os animais que são considerados gado de fecundação sofrem uma vida miserável em jaulas minúsculas de metal com o chão em jaula também de metal. Os cães dejectam as suas fezes para o chão por baixo da jaula aonde se amontoa, propiciando um paraíso para as moscas e vermes que atacam os cães. Os cachorrinhos nascem muitas com fezes coladas a si (The Humane Society 2010).

Com 8 semanas de idade, os cachorrinhos são colhidos e limpos para a sua ida até ao negociador. Alguns morrem durante a viagem, enquanto alguns são recusados pelo negociador e são recolhidos para se tornarem procriadores de mais cachorrinhos ou vendidos a laboratórios de pesquisa. O resto é vendido a lojas de animais (The Humane Society 2010).

Esta indústria continua a produzir cães e gatos para lucro enquanto milhares de animais não queridos de todas as idades e raças são abatidos nos canis todos os dias. **O resultado trágico de pessoas que compram animais, é que enquanto cães e gatos são propositadamente procriados para lucro, milhões de cães não queridos são abatidos nos canis todos os anos. Cada vez que um cão ou gato de “raça” é comprado de um criador ou loja de animais, um animal no canil está a perder uma potencial casa. Em muitos casos estas pessoas que compram os cachorrinhos ou gatinhos acabam por abandonar este animal depois de crescer, estes acabam por ir parar aos canis e acabam por ser abatidos** (The Humane Society 2010).

Nos estados unidos, de acordo com uma lei de um estado, se um animal de estimação morder o seu dono e depois morre ou é abatido depois do requerido período de 14 dias de quarentena, têm que se remover a cabeça do animal e enviar esta para Jacksonville para ser testado a raiva mesmo que o animal tenha as vacinas em dia e nenhum indicador de ter raiva. O dono além de perder o seu amigo tem que “ver” este a ser mutilado, uma falta de respeito e consideração por um ser vivo, no final mais uma demonstração da falta de consideração e respeito por uma vida animal, tratada como um objecto (The Humane Society 2010).

A indústria dos animais de estimação começa a aumentar significativamente, além de cada vez mais existe um mercado específico para cães de raça, certas raças são muito valiosas e raras um cão ou gato pode custar milhares de euros, algumas centenas de euros. As pessoas começam a enfeitar seus animais, a indústria promove roupas, acessórios, brinquedos, tudo para o animal de estimação. Agora também existe a *Pet fashion week* (semana da moda dos animais de estimação) em Nova York, onde os pobres animais desfilam com roupa a condizer com os modelos e coleiras extravagantes, algumas com diamantes, sendo sujeitos a luzes fortes e flashes para agradar os compradores. Esta indústria está a ter tanto sucesso que se tornou numa indústria que lida com bilhões de dólares todos os anos. Fabricam também perfumes para cães com essência de baunilha que dizem que tem um efeito calmante para os cães (The Humane Society 2010).

O facto é que o ser humano tanto se afeiçoa a um animal de estimação que é capaz de o tratar como um filho, ou melhor até, criam um elo tão vinculado com os animais, mas depois por detrás muitos sofrem para estes terem estas regalias, todos os produtos são testados noutros animais para que nenhum efeito secundário ocorra (The Humane Society 2010).

#### **1.2.6.2. Tráfico de Animais Selvagens**

De cada 10 animais capturados, apenas 1 sobrevive. (9 morrem no transporte, de sede, fome, frio, asfixia ou esmagamento). Os traficantes cortam asas, quebram alguns ossos e furam os olhos para os animais não poderem voar. Um traficante não se importa com quantos morrem no caminho (União Libertaria animal, 2010).

O tráfico de animais é a terceira actividade ilícita mais lucrativa, depois do tráfico de drogas e armas. E depois da desflorestação, a maior ameaça aos animais é o comércio ilegal. Cerca de 12 milhões de animais são ilegalmente retirados anualmente somente das florestas do Brasil e vendidos em diversas cidades do país, representando um negócio de mais de 2 bilhões de dólares por ano (União Libertaria animal, 2010).

Cada animal retirado da natureza enfrenta crises de depressão gerada por solidão, o que os faz perder a própria identidade. 80% das aves capturadas no território brasileiro



morrem por causa dos maus-tratos antes de serem vendidas ou resgatadas pela fiscalização. Alguns jamais poderão voltar à natureza. Magoados, fragilizados, perdem a capacidade de apanharem o seu próprio alimento, estão condenados à prisão perpétua (União Libertaria animal, 2010).

Arrancam as presas aos macacos e são drogados com analgésicos, para parecerem mansos. Após receberem uma dose de tranquilizantes, papagaios são colocados em tubos de PVC e escondidos em malas. Muitas vezes os dedos dos pássaros são partidos pelo vendedor de pássaros que tenta anilhar o animal adulto. Este procedimento é realizado de modo iludir a fiscalização fazendo parecer que o animal nasceu em cativeiro e foi anilhado quando era uma cria (União Libertaria animal, 2010).

#### **1.2.7. Desastres ambientais e industriais**

Não é somente o homem que sofre com os desastres ambientais e industriais, os animais sofrem ainda mais, pois muitas vezes enquanto existem fundos e ajudas para reconstruir cidades, não se pode dizer o mesmo para restituir ecossistemas, florestas e faunas onde milhares de animais têm seus habitats (União Libertaria animal, 2010).

Numa foto abaixo encontra-se um cão vítima de uma corrente de lama tóxica causada por o rebitamento de um reservatório. Este desastre químico causou milhões de estragos, 4 pessoas morreram e milhares de animais. Este pobre cão preso ainda à sua coleira nem teve hipótese de fuga.



Figura 2 - Kolontar, Hungary, Wednesday, Oct. 6, 2010. (AP Photo/Bela Szandelszky) [http://www.boston.com/bigpicture/2010/10/a\\_flood\\_of\\_toxic\\_sludge.html](http://www.boston.com/bigpicture/2010/10/a_flood_of_toxic_sludge.html)

#### **1.2.7.1. Poluição marinha**

Anualmente, bilhões de toneladas de lixo são produzidas em todo o mundo, e boa parte deste vai directa ou indirectamente parar nos mares. Uma vez no ambiente marinho, o lixo pode causar doenças e até a morte dos animais, bem como penetrar na cadeia alimentar, vindo a envenenar o próprio ser humano.

A poluição das águas por elementos orgânicos e inorgânicos, como petróleo, lixo, esgoto, interfere na alimentação e locomoção e prejudica o ciclo de vida dos animais, constituindo-se numa das principais ameaças directa e indirecta, pois degradam o ambiente marinho como um todo. Grande parte dos plásticos chega aos oceanos através de drenagem de rios que banham cidades costeiras que possuem falta de educação ambiental quanto ao destino do lixo e conservação do meio em que vivem, baixa taxa de reaproveitamento e reciclagem (União Libertaria animal, 2010).

### 1.3. Ética e Bioética Animal

#### 1.3.1. Direitos e propriedades

Os direitos humanos são os direitos e liberdades básicos de todos os seres humanos. Normalmente o conceito de direitos humanos tem a ideia também de liberdade de pensamento e de expressão, e a igualdade perante a lei.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas afirma no artigo 1:

*“ Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”*<sup>22</sup>

O homem, como ser dominante, tem grande capacidade para se colocar acima de outros seres vivos, e em muitos casos sobrepor-se à natureza e à sua fúria que consegue fustigar grandes cidades e destruir aldeias em minutos. Mas o facto de o homem ser o "animal dominante" neste planeta dá-lhe o direito de subjugar outros animais e de os tornar seus “objectos” para o bem ou mau uso?

Ao analisar o que é uma propriedade deparamo-nos com um direito real por excelência que dá ao proprietário a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, além do direito de reavê-la de quem injustamente a possui ou detenha. É o conceito central do direito das coisas.<sup>23</sup>

O direito à propriedade se encontra também na Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, no artigo 17.º:

---

<sup>22</sup> Article 1. " All human beings are born free and equal in dignity and rights. They are endowed with reason and conscience and should act towards one another in a spirit of brotherhood. "

<http://www.un.org/en/documents/udhr/>

<sup>23</sup> Business Dictionary: Property, Novembro de 2010, disponível para consulta online em: <http://www.businessdictionary.com/definition/property.html>

1. Toda a pessoa, individual ou colectiva, tem direito à propriedade.<sup>24</sup>

2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade.<sup>25</sup>

No caso do homem, nenhum ser humano é propriedade de outrem, e ao relembrar épocas passadas em que por exemplo o racismo e o machismo, atitudes actualmente reprovadas na nossa sociedade ocidental, ocorriam e eram toleradas. Embora na nossa sociedade um animal possa ser visto como propriedade de alguém, seja em nome da ciência, da economia, e da indústria. Subjugados e por veres tratados como meros objectos que são propriedades de indivíduos, e não seres vivos proprietários de si mesmo.

### **1.3.2. Ética animal – O valor intrínseco**

O Valor intrínseco de um animal refere-se ao valor que este possui no seu próprio direito, como um meio a si mesmo, uma oposição ao seu valor instrumental, o seu valor para outros animais, incluindo o homem. Esta frase, tendo como sinónimo o valor intersecto, tem sido adoptada pelos defensores dos direitos dos animais. O pacto da Holanda de 1981, *Animal Health and Welfare Act*, refere: "Acknowledgment of the intrinsic value of animals means that animals have value in their own right and as a consequence their interests are no longer automatically subordinate to man's interests"<sup>26</sup>. Este reconhecimento levou a um debate sobre todas as explorações que envolvem a apropriação animal, a criação de animais, a vivissecção, testes em animais, e biotecnologia (Dol, 1999).

---

<sup>24</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, artigo 17º - 1) Everyone has the right to own property alone as well as in association with others. . Disponível para consulta online em: <http://www.un.org/en/documents/udhr/>

<sup>25</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, artigo 17º -2) No one shall be arbitrarily deprived of his property. Disponível para consulta online em: <http://www.un.org/en/documents/udhr/> )

<sup>26</sup> Cock Buning, Tj. (2006). "Empirisch onderzoek naar morele oordeelsvorming bij genetische modificatie van dieren," *NVBE Nieuwsbrief*, 13,3, 10–12

#### **1.3.2.1. História do estatuto moral dos animais (1880-1980)**

As atitudes morais para com os animais no Ocidente têm mudando ao longo dos tempos. Até a segunda metade do século XX, o uso dos animais foi regulado através da proibição de actividades que eram vistas como ofensivas para o homem ou estranhas para a dignidade humana. Estas regulações eram antropocêntricas no carácter em que seu objectivo era proteger os sentimentos morais e valores do indivíduo humano. Outras formas de legislações relativamente a animais no sector da agricultura, economia e motivos veterinários (Dol, 1999).

Durante a segunda metade do século XX, a intensificação de produção de gado e o aumento de animais usados em laboratórios provocou grandes debates nos quais as consequências negativas sofridas pelos animais se tornaram uma questão. Notavelmente durante os anos 60 e 70, grandes grupos começaram a debater e intervir em nome dos interesses dos animais mantidos em laboratórios e quintas de criação. Expressaram o seu desapontamento nas leis que proibiam crueldade deliberada a animais somente se um homem se sentisse ofendido ou a crueldade envolvida pudesse ser vista como difamação na dignidade humana. Exigiram novas formas de legislação que protegesse os animais por razões não antropocêntricas (Dol, 1999).

Nestas discussões, da relevância moral do bem-estar animal, dois factores chaves foram envolvidos. Para começar com o principio do maltrato, em vez do principio das ofensas, deveriam ser as fundações morais para a protecção dos animais. Em segundo, tal como o cepticismo expressado pelos cientistas relativamente à presença de consciência e reconhecimento de si mesmo nos animais, deveria lhes ser concedido o benefício da dúvida ao adoptar a chamada *analogy postulate*. Aplicação de pesquisa etnológica no comportamento de animais em cativeiro deixou claro que o intensivo uso de animais teve efeitos negativos na saúde e bem-estar do animal. Embora, preocupações pelo bem-estar dos animais tenham sido removidas do antropomorfismo e sentimentalismo (Dol, 1999).

#### **1.3.2.2. Valor intrínseco e ética animal (1980-2000)**

Durante os anos 70 e 80, o criticismo relativamente às condições de vida dos animais nas quintas e laboratórios misturou-se com outros debates sociais, discussões envolvendo a

protecção do ambiente e também as preocupações sobre o desenvolvimento de novas técnicas de criação. Devido a esta expansão dos temas, outras objecções contra o uso de animais em razões científicas e económicas emergiram. O uso instrumental dos animais, era referido, ser difícil de reconciliar com o seu valor intrínseco ou inerente.

Recentemente um princípio foi formulado que permite a possibilidade de, em alguns casos, os interesses dos animais pudessem prevalecer acima da ciência e indústria. Os interesses dos animais envolvem saúde e bem-estar experienciado pelos próprios animais, independentemente das considerações envolvendo a sua adequação para uso humano. Era agora aclamado que animais têm um valor intrínseco, e um interesse no seu próprio bem-estar (Dol, 1999).

Desenvolvimentos dentro do campo da biotecnologia abrangeram ainda mais o raio do debate no estatuto moral dos animais. Depois de algumas controvérsias envolvendo modificações genéticas de animais, como o caso do boi Herman, o primeiro bovino geneticamente modificado no mundo, em 1991, que causou um grande debate ético sobre a sua criação, e aos 13 anos de vida o touro teve que ser abatido devido a doenças debilitadoras que gerou (Expatica News, 2004). Biotecnologia moderna tornou-se sinónimo de engenharia genética. No debate sobre o boi Herman, preocupações sobre o valor intrínseco dos animais tornaram-se num tópico na sua própria consideração. Muitos debateram que havia mais dentro do valor intrínseco do que meramente a preocupação do bem-estar animal. Desde então, o valor intrínseco não só refere o bem-estar animal, mas também a atitude moral que a sociedade toma para com os animais ou natureza. Para alguns, esta posição significa um retorno ao princípio de ofensa, e assim não é útil para a luta contra o antropocentrismo ou antropomorfismo. Outros porém mantêm que o reconhecimento do valor intrínseco dos animais vai além do bem-estar animal, pois respeita os animais como “centro de si mesmos” (Dol, 1999).

#### **1.3.2.3. Análise do termo valor intrínseco**

Uma das causas de maior discussão na ética do uso de animais, encontra-se nos valores intrínsecos na relação ao estatuto moral dos animais, é a diversidade de significados e

conotações associadas a estes. Amplamente, existem 4 posições gerais no debate de definição dos valores intrínsecos. Poderão ter significados de:

- Comportamento, como um valor moralmente neutro que o comportamento específico da espécie do animal procura satisfazer.
- Utilitário, como uma base formal para conceder os direitos específicos de animais, baseado na ideia de senciência<sup>27</sup> (Compassion in World Farming 2006) e interesses, definido por conhecimento etimológico, e defines a obrigação das correspondências humanas. Considerações iguais de interesses.
- Deontológica, em respeito dos objectivos ou lutas do animal, e consequentes direitos fundamentais.
- Atitudinais, o respeito à primeira vista por todos os seres vivos, independente das suas qualidades como senciência.

Da primeira posição, interpretação do comportamento, poderão afirmar, visto ser moralmente neutro, que é inútil para uma teoria ética. A quarta posição, interpretação das atitudes ou intuições, poderão afirmar ser indiscriminado da senciência ou interesses, e poderá ser usado para qualquer entidade que merece ser protegida, isto inclui espécies, culturas, línguas, edifícios históricos, etc. As posições centrais de discussão sobre o valor intrínseco dos animais continua entre o utilitário e o deontológico (van der Tuuk, 1999).

### **1.3.3. Questões Morais - sofrimento animal**

Craig Donnellan (1999), questiona se alguma vez se poderá justificar o sofrimento animal, indicando várias conclusões diferentes dos indivíduos relativamente ao sofrimento, se é causado em nome da ajuda ao homem. A resposta depende do modo como vemos humanos e animais. Existe 3 meios contemporâneos conflituosos de visualizar esta questão:

---

<sup>27</sup> Capacidade de sentir ou perceber, termo usado em ciência e filosofia e no estudo de inteligência artificial (Compassion in World Farming 2006)

O movimento de libertação animal vê os seres humanos apenas como uma das várias espécies animais, sem nenhuma fundamentação para se considerar superior a qualquer animal. Devido a este argumento, experiências animais são tão ofensivas como o racismo ou sexismo. É simplesmente um tratamento cruel guiado por preconceito (Singer, P. 1990).

A visão oposta é de que humanos são donos dos animais, que são intrinsecamente inferiores. Animais têm valor porque são úteis ao homem. Não existem limites ao que o homem pode fazer aos animais nos interesses da saúde humana ou lucro. Poderiam argumentar que qualquer pessoa que permite a destruição de animais através da poluição industrial, como também algumas das práticas das “fábricas de quintas” da agricultura moderna, também sustém esta visão (Singer, P. 1990).

Uma terceira visão deriva da perspectiva cristã. Que assegura que apesar das muitas similaridades biológicas entre os humanos e os animais, os humanos são unicamente e soberbamente valiosos. Muitas pessoas encontram que existem distinções claras entre humanos e animais, por exemplo ser capaz de apreciar beleza e ter consciência acerca do que é certo e errado. Na linguagem de *Génesis*, o primeiro livro da Bíblia, enquanto as pessoas são “feitas à imagem de Deus”, animais não são. Deus valoriza os seres humanos tanto porque o homem pode ter uma relação próxima com este. Isto coloca o valor do homem acima dos animais. No entanto, Deus trouxe toda a vida a existir, tanto animais e humanos. Embora, a bíblia continua a explicitar que temos um dever de cuidar do mundo, incluindo os animais neste. Animais não são nossos para fazermos como entendermos. Pessoas são vistas como os cuidadores do mundo natural (Donnellan, 1999).

“When it comes to having a central nervous system, and the ability to feel pain, hunger, and thirst, a rat is a pig is a dog is a boy.” (Newkirk, 1986).<sup>28</sup>

Muitas pessoas sentem-se desconfortáveis acerca de experiências envolvendo animais grandes como chimpanzés. Estes animais desenvolveram grande inteligência e competências linguísticas e demonstram comportamento emocional que é similar aos humanos. Do mesmo modo, as pessoas sentem-se transtornadas pelo uso de gatos, cães

---

<sup>28</sup> Newkirk, Ingrid, Washingtonian magazine, Agosto de 1986.



e coelhos nas experiências. Enquanto, animais que são menos inteligentes ou atractivos, que não são considerados animais de estimação causam menos preocupação nesta área. É possível que chimpanzés sofram duma maneira que os pequenos animais como os ratos sofrem. Estes animais de maior ordem podem experienciar tipos de dores mais emocionais, tal como o medo e a ansiedade, durante as experimentações. É impossível saber se os insectos e minhocas usadas nas experiências possam sofrer, visto os seus sistemas nervosos serem tão simples que os cientistas questionam se estes são capazes de sentir dor (Donnellan, 1999).

“All the arguments to prove man's superiority can not shatter this hard fact: In suffering, the animals are our equals.” (Singer 1975).

“There is no fundamental difference between man and the higher animals in their mental faculties... The lower animals, like man, manifestly feel pleasure and pain, happiness, and misery.” (Darwin 1872).

#### **1.3.4. Bioética**

Bioética é parte da ética, o estudo transdisciplinar entre biologia, medicina, filosofia (ética) e direito (biodireito) que investiga as condições necessárias para uma administração responsável da vida humana, animal e responsabilidade ambiental. Foca questões referentes à vida humana, e tendo a vida em estudo, trata também da morte (Segre e Cohen, 1995).

Propõem-se ao ser humano, retirar-se a si mesmo do centro da questão, no estudo da ética. Tentar que cada ser humano que se posicione individualmente com relação às mais variadas situações passíveis de estudo ético. A moral rescinde-se, pois esta resulta de juízos de valores impostos e que exclui a autonomia do indivíduo, trazendo embutida a ideia de prémio ou de castigo (acto bom ou mau). A moral é resultado de obediência, sendo representada, na pessoa, essencialmente pelo super ego (Segre e Cohen, 1995).

### **1.3.5. Relativamente aos direitos dos animais**

Uma pergunta hipotética, se somos capazes de viver sem torturar um animal, um cão por exemplo, somos também capazes de viver sem carne, produtos lácteos e ovos. Uma diferença a considerar. Se temos consciência de que torturar um animal, como por exemplo um miúdo sádico que tortura o seu cão, é errado em todos os sentidos, moralmente, eticamente, etc. Porquê torturar e matar animais para alimentação não é considerado errado? E até aceite na sociedade como normal? Os nossos desejos primitivos pela carne são o suficiente para justificar a matança de mais de 8 bilhões de animais somente nos Estados Unidos da América? (Torres e Torres, 2005).

Por um lado olhamos para um miúdo que tortura seu cão como doente e maníaco, e por detrás consumimos animais alegremente, sem sequer pensar nas condições miseráveis que estes sofreram. Conseguimos fazer isto porque estamos a uma distância confortável da produção da nossa comida, portanto nem temos que pensar acerca das torturas que envolvem a preparação dos animais até ao nosso prato. O sistema que entrega estes animais está estruturado de modo a não termos a oportunidade de ver a quantidade de sofrimento que envolve esta actividade. Se as pessoas observassem este sistema provavelmente tornar-se-iam vegetarianas, é por isso que em alguns estados estão a aumentar as penalizações por filmar um vídeo sem autorização nestas operações de agricultura de animais. O facto é que as pessoas nem querem saber, preferem ficar na ignorância e continuar a comer a carne que lhes colocam no supermercado sem saber as consequências. Dizem que ignorância é uma bênção, mas para o homem é fácil fechar os olhos quando um animal está a ser sujeito a sofrimento para no final um ser humano ter prazer (Torres e Torres, 2005).

### **1.3.6. Espécismo**

Peter Singer define espécismo como “um preconceito ou atitude de parcialidade a favor dos interesses de membros da própria espécie e contra os de outras espécies”<sup>29</sup> (Singer, 1990).

Espécismo é comparável a outras formas de discriminação, particularmente racismo e sexismo, ambas violam princípios de tratamento igual, e com base no tratamento desigual a características que são irrelevantes. Tal como um racista que se recusa a contratar um latino porque ele é latino, um especista vai justificar a sua exploração de animais simplesmente porque eles são animais (Torres e Torres, 2005).

“Os racistas violam o princípio da igualdade, atribuindo maior peso aos interesses dos membros da sua própria raça quando existe um conflito entre os seus interesses e os interesses daqueles pertencentes a outra raça. Os sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecerem os interesses do seu próprio sexo. Da mesma forma, os espécistas permitem que os interesses da sua própria espécie dominem os interesses maiores dos membros das outras espécies. O padrão é, em cada caso, idêntico.”<sup>30</sup> (Singer, 1990).

Os animais sentem dor e medo, seres sencientes (Compassion in World Farming 2006), são capazes de emoções e conseguem sofrer muito. Tendo eles a mesma capacidade de sofrer tal como nós, que direito tem o ser humano de os sujeitar à dor que nós próprios nunca quereríamos experienciar, particularmente quando esta dor é completamente desnecessária? A justificação para esta prática é espécismo. Pessoas argumentam que

---

<sup>29</sup> Singer, P 1990, ‘Animal Liberation’ 2ª edição, Nova York. “a prejudice or attitude of bias in favor of the interests of members of one’s own species and against those of other species.”

<sup>30</sup> Singer, P., Animal Liberation” 2ª edição, Nova York, Avon Books, 1990, pag 25, “Racists violate the principle of equality by giving greater weight to the interests of members of their own race when there is a clash between their interests and the interests of those of another race. Sexists violate the principle of equality by favoring the interests of their own sex. Similarly, speciesists allow the interests of their own species to override the greater interests of members of other species. The pattern is identical in each case.”

esta é a maneira que sempre se fizeram as coisas, não estão a apelar a uma lógica de caso, mas a um senso de tradição abstracto (Torres e Torres, 2005).

Na maioria dos casos de discriminação, o indivíduo que discrimina tende a considerar-se superior ou a mais do que o indivíduo discriminado. Um racista assume que a pessoa de cor é menos que ele. Um sexista assume que a mulher é menos do que ele é. O homofóbico assume que uma pessoa homossexual é menos do que uma pessoa heterossexual. Um espécista assume que um animal é menos que os humanos, justificando assim a exploração.

Dominação e exploração de humanos e outros animais são possíveis pela exploração económica, poder desigual, e ideologia de controlo. Maioria das culturas humanas facilmente exploraria animais para lucro. Poder desigual ajuda a exploração, maioritariamente porque as raízes para lutar contra são limitadas. A ideologia de controlo convence-nos que a exploração e a opressão são naturais e do nosso interesse, fazendo a opressão largamente visível. Esta dinâmica exemplifica como a opressão é construída no próprio interior do nosso dia-a-dia e ordem social (Torres e Torres, 2005).

Em muitos casos, o homem de modo a colocar para trás os direitos dos animais, afirma que existe outros tópicos acerca de exploração muito mais importantes do que os animais, referenciando a exploração de outros seres humanos. Esta atitude reflecte um prejuízo popular contra contemplar seriamente os direitos dos animais (Singer, 1993).

De acordo com factos comuns, temos todas as razões para pressupormos que os nossos animais são seres como nós, com sistemas nervosos como os nossos que se supõe funcionarem como os nossos e reproduzirem sensações semelhantes em circunstâncias semelhantes. Podemos também basear-nos na observação do seu comportamento em situações nas quais nós sentiríamos dor (Singer, 1990).

“If a man aspires towards a righteous life, His first act of abstinence is injury to animals” (Tolstoy, 1892).

A causa anti-espécista visa defender aqueles que são explorados e, principalmente, os que não podem defender-se sozinhos. Os grupos anti-espécismo lutam pelo fim de todas as

práticas exploratórias realizadas pela espécie humana contra as demais espécies (sejam elas dolorosas ou não), bem como a exploração e discriminação de uma raça sobre outra, de uma etnia sobre outra, de um sexo sobre outro, pois a lógica que guia o princípio da igualdade é a mesma (Cunha e Teixeira, 2010).

“Suppose that tomorrow a group of beings from another planet were to land on Earth, beings who considered themselves as superior to you as you feel yourself to be to other animals. Would they have the right to treat you as you treat the animals you breed, keep and kill for food?”-John Harris.<sup>31</sup> Uma hipótese sugerida por John Harris, um Filósofo e professor de Bioética da universidade de Kent e escritor. Actualmente é director de pesquisa no centro *Institute for Science, Ethics and Innovation (iSEI)*.<sup>32</sup>

O homem já presenciou várias revoluções e emancipações, desde a libertação dos povos africanos, antes submetidos à escravidão pelo homem “moderno” ou como referiam, o homem branco. A libertação da mulher como ser racional e influente na sociedade, com capacidade para votar e liderar países. A aceitação da homossexualidade e o banir da mesma como doença mental da lista da Organização Mundial de Saúde, OMS, em 1990, e em 1991, a Amnistia Internacional passa a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos (Couto, 2010).

Marjorie Spiegel reafirma a independência dos animais em existirem pelas suas próprias razões: “*The animals of the world exist for their own reasons. They were not made for humans any more than black people were made for whites, or women for men.*”<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Burgess-Jackson, Keith, August 2009, artigo: Moral Vegetarianism, Part 10 of 13, Disponível para consulta online em: <http://keithburgess-jackson.typepad.com/blog/2009/08/moral-vegetarianism-part-10-of-13.html>

<sup>32</sup> Harris, John, Outubro 2010, Disponível para consulta online em: [http://www.law.manchester.ac.uk/aboutus/staff/john\\_harris/default.htm](http://www.law.manchester.ac.uk/aboutus/staff/john_harris/default.htm)

<sup>33</sup> Marjorie Spiegel, Mirror Books, 1996 - 128 páginas, *The dreaded comparison: human and animal slavery*, pag 14

## **1.4. Associações/ instituições protectoras dos animais**

### **1.4.1. Introdução**

Os animais podem não possuir uma voz compreensível para o homem, mas vários homens têm vozes que falam por quem não consegue, e defendem quem não pode.

A primeira legislação conhecida na língua Inglesa, contra crueldade animal foi redigida em 1635 na Irlanda, que proibia arrancarem a lã das ovelhas, e a colocação de arados nas caudas dos cavalos. Este facto é referido por Richard Ryder que afirma ser a referência mais antiga a este tipo de leis<sup>34</sup>. Desde então mais leis têm sido aprovadas e mais estatutos conseguidos para protecção animal, havendo sempre um individuo ou mais que se destaca e se levanta na defesa dos direitos dos animais. Hoje em dia não existe somente um individuo a erguer-se mas sim vários que formam grupos, associações, instituições que zelam e protegem os animais. E embora existam milhares de instituições do género espalhadas pelo mundo, muito ainda haverá para ser conquistado relativo aos direitos dos animais (Ryder, R. 2000).

As associações protectoras dos animais têm crescido exponencialmente a partir do século XIX, e milhares surgiram no século XX, e concentram-se em assuntos específicos. Na defesa constitucional e na luta e obtenção de leis que protejam os animais, outras no trabalho de campo, salvar animais e desenvolver cuidados e abrigos para os mesmos, outras concentrar na exposição de abusos a animais, na comunicação social e divulgação. Várias áreas são abrangidas e cada vez mais instituições brotam, pois cada vez mais injustiças as fazem surgir. Entre as várias instituições que existem, destacam-se:

---

<sup>34</sup> The Statutes at Large. Dublin, 1786, chapter 15, pp. 168–9, cited in Ryder, Richard. *Animal Revolution: Changing Attitudes Towards Speciesism*. Berg, 2000, p. 49.)

### 1.4.2. Internacionais

*People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA) (em português: Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais) é uma organização não governamental fundada em 1980. Tem como lema "Animals are not ours to eat, wear, experiment on, or use for entertainment" ("Animais não são nossos para comer, vestir, usar em experiências ou para entretenimento") e promove educação sobre o assunto, investigações, pesquisa, resgate de animais, envolvimento de celebridades e campanhas de protesto.<sup>35</sup>



Figura 3- Campanha da PETA. (Zimbio)

*Animal Aid* é uma organização britânica dos direitos animais, fundada em 1977. O grupo luta pacificamente contra todas as formas de abuso de animais e promove um estilo de vida livre de crueldade, além de investigar e expor crueldades contra animais. É uma organização sem fins lucrativos dirigida por um conselho voluntário de administração. Oferecem uma revista trimestral e um catálogo de vendas com produtos produzidos sem crueldade.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> PETA- People for the Ethical Treatment of Animals, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: [www.peta.com](http://www.peta.com)

<sup>36</sup> Animal Aid - Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.animalaid.org.uk/h/n/ABOUT/>

American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA), o primeiro grupo de protecção animal nos Estados Unidos da América, fundado por Henry Bergh (1811 –1888) em Abril de 1866.<sup>37</sup> A sua missão centra-se “to provide effective means for the prevention of cruelty to animals throughout the United States.”. Trabalha na área de salvamento de animais vítimas de abuso, aprovar leis humanas e partilhar recursos com abrigos ao longo das Nações Unidas.<sup>38</sup>

O *Grupo pela Abolição do Especismo* (GAE) é um grupo que defende os direitos animais com um ponto de vista abolicionista. O GAE conta com grupos em Porto Alegre e Florianópolis.<sup>39</sup>

*Igualdad Animal* é uma organização sem fins lucrativos de carácter internacional, cujo objectivo é "a abolir escravidão animal, assegurando que os outros animais são considerados iguais aos seres humanos e respeitadas como tal". Esta abordagem leva a questionar a espécie, a utilização dos animais, bem como o estatuto de propriedade que eles têm. A organização está actualmente presente em Espanha, Perú, Venezuela e Colômbia. As suas actividades estão centradas nas cidades de Madrid e Barcelona.<sup>40</sup>

### **1.4.3. Nacionais**

Em Portugal encontramos muitas instituições que lutam pelos direitos dos animais, muitas que cuidam de animais e têm canis de cães e gatos que estão constantemente a entrar e a sair destas instituições. Maior parte das cidades e vilas têm uma ou mais instituições que cuidam e protegem animais, maioritariamente animais domésticos que foram abandonados ou mal tratados (Tecnet, 2010).

---

<sup>37</sup> The ASPCA–Pioneers in Animal Welfare", Encyclopaedia Britannica's Advocacy for Animals, November 20, 2006.)

<sup>38</sup> ASPCA - American Society for the Prevention of Cruelty to Animals, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.aspc.org/about-us/>

<sup>39</sup> GAE - O Grupo pela Abolição do Especismo, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.gaepoa.org/site/about>

<sup>40</sup> Igualdad Animal , Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.igualdadanimal.org/quienes-somos>



Entre estas encontramos a *Animal*, uma das principais no país, sediada em Lisboa, que defende fielmente e com ferocidade os direitos dos animais, organizam manifestações, petições, encontros, etc, tudo para proteger os animais e incentivar o governo a formar novas leis de defesa dos animais.<sup>41</sup>

Noutras instituições encontramos o *Naaas*, Núcleo de apoio a animais abandonados de Sintra, uma associação sem fins lucrativos que tem como fim a protecção e defesa dos animais abandonados.<sup>42</sup>

AAAP, associação dos amigos dos animais do Porto, é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 1991, e tem como objectivo a defesa e protecção de animais doentes, feridos, abandonados e maltratados, assim como a defesa do ambiente.<sup>43</sup>

O *Partido dos animais e pela Natureza*, PPA, que tem como objectivo ter força suficiente dentro do governo português para se fazer ouvir as vozes dos animais e mudar as leis que centram os direitos, defesa e protecção.<sup>44</sup>

A *União Zoófila* é uma associação de utilidade pública administrativa sem fins lucrativos e rege-se pelos seus estatutos, fundada a 17 de Novembro de 1951. Tem como objectivo principal a defesa, protecção e tratamento de animais domésticos em risco.<sup>45</sup>

A *Bianca* é uma instituição independente fundada em 2002, tem por missão **salvar animais abandonados e animais em risco**, do concelho de Sesimbra, promover a **sua recuperação** e encaminhá-los para **adopção responsável**.<sup>46</sup>

---

<sup>41</sup> Animal, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em:  
[http://www.animal.org.pt/animal\\_sobre.html](http://www.animal.org.pt/animal_sobre.html)

<sup>42</sup> Naaas- Núcleo de apoio a animais abandonados de Sintra, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.naaas.pt/>

<sup>43</sup> AAAP- associação dos amigos dos animais do Porto, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.aaaporto.com/site/php/qsomos.php>

<sup>44</sup> PPA - *Partido dos animais e pela Natureza*, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.partidoanimaisnatureza.com/quem-somos.html>

<sup>45</sup> *União Zoófila*, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em:  
[http://www.uniaozoofila.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8&Itemid=3](http://www.uniaozoofila.org/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3)

<sup>46</sup> Bianca, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em:  
[http://www.bianca.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1&Itemid=2](http://www.bianca.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2)

A Associação Animais de Rua, fundada em 2005, que tem como principal objectivo a esterilização de animais carenciados.<sup>47</sup>

O MIDAS (Movimento Internacional em Defesa dos Animais) é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1998, activa em Portugal, mais nomeadamente na região de Matosinhos. Dedicar-se à recolha, tratamento e entrega para adopção de animais doentes, abandonados ou perdidos, sobretudo cães e gatos. Simultaneamente, participa na luta contra a realização de touradas e demais espectáculos que provoquem dor e tortura aos mesmos.<sup>48</sup>

Uma pequena lista das várias instituições principais internacionais e nacionais, que protegem os animais, embora cada uma seja relevante, exercendo extrema importância na sua localidade e âmbito.

---

<sup>47</sup> A Associação Animais de Rua, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.animaisderua.org/somos>

<sup>48</sup> Midas, Movimento Internacional em Defesa dos Animais, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em: <http://www.associacaomidas.com/associacao/quem-somos/>

## **Capítulo 2 – Activismo**

### **2.1. Activismo**

#### **2.1.1. Introdução**

Activismo, no sentido filosófico, pode ser descrito como qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efectiva de transformação da realidade em detrimento da actividade exclusivamente especulativa. Nesse sentido, frequentemente subordina a sua concepção de verdade e de valor ao sucesso ou pelo menos à possibilidade de êxito na acção (JORDAN, T. 2002).

“O activista não é o poeta, mas o teorizador. Ele serve-se apenas da poesia, como até hoje todo o racionalismo se serviu da poesia... O activista não é artista, mas político, político do intelecto e da ideia. Acredita no mundo, pois nada mais tem que o mundo. Ele é o seu único objecto... Ele aceita a arte, certamente, pois lhe pode ser útil quando a utiliza correctamente - ama o poeta e o vidente expressionista como um parente (...) mas a arte apenas representa um dos muitos meios possíveis” (Paulsen, W. 1934).

Usualmente, activismo pode ser entendido como militância ou acção continuada com vistas a uma mudança social ou política, privilegiando a acção directa, através de meios pacíficos ou violentos, que incluem tanto a defesa, propagação e manifestação pública de ideias até a afronta aberta à Lei, chegando inclusive à prática de terrorismo (ASSIS, É. 2006).

Os termos activismo e activista foram usados pela primeira vez, com conotações políticas, pela imprensa belga, em 1916, referindo-se ao Movimento Flamingant.

Dentro do enquadramento legal e eleitoral das democracias representativas, toma habitualmente a forma de actividade político-social - remessa de cartas, organização ou participação em reuniões, emissão de textos, entrevistas à imprensa e a dirigentes políticos em prol da postura de preferência; promover ou simplesmente seguir certos

comportamentos que estão delineados ou que se estima que contribuam para a causa — tal como o boicote de certos produtos de consumo (ou a recomendação de outros), nas compras individuais ou de grupo; ou ainda a realização de manifestações públicas organizadas, tais como marchas, recrutamento de simpatizantes, colectas de assinaturas em apoio a manifestos favoráveis à causa ou contra algo que prejudique a causa (ASSIS, É. 2006)

O activismo pode também assumir a forma de protesto passivo, de greve, de desobediência civil ou de franca militância activa, como é o caso da invasão de terrenos ou propriedades, motins e, em caso extremo, o terrorismo e a guerra civil (ASSIS, É. 2006).

“O que é essencial ao activismo não é simplesmente haver mais do que uma pessoa, como num cinema, mas um sentido de solidariedade em busca da transgressão. Deve haver um sentido de identidade compartilhada, que pode ser entendido nesta etapa como pessoas reconhecendo, umas nas outras a raiva, o medo, a esperança ou outras emoções que sintam quanto a uma transgressão.” (JORDAN, T. 2002).

Activismo implica também: “Qualquer acção positiva (fazer algo) que tenha implicações concretas, e geralmente imediatas, sobre seus alvos” (ASSIS, É. 2006).

“É um “radical” envolvido em acções políticas directas e indirectas sempre fora do âmbito institucional. É “mais” que um militante — participa de um grupo, segue seus ideais, mas também vai às ruas e cria situações de confronto com seus alvos — e “menos” que um revolucionário — suas acções não buscam remodelar o sistema de poder vigente de forma impositiva” (ASSIS, É. 2006).

### **2.1.2. Métodos de activismo**

Formatos inovadores de educação e meios de comunicação para sensibilizar são as melhores ferramentas no activismo moderno.

- Panfletos: Existe uma grande carga de activismo através da distribuição de panfletos na área do vegetarianismo, sendo mais eficaz e mais rápido a estender-

se. Mas este método é também utilizado por todas as causas de protecção animal, contra os circos, contra pêlo, contra os animais usados em laboratórios, etc., e muitas organizações fazem campanhas todos os meses contra alguma indústria que explora cruelmente os animais, como por exemplo a PETA que faz campanhas contra a KFC, Kentucky Fried Chicken, uma companhia de fast food americana que vende frango. PETA apelida KFC de “Kentucky Fried Cruelty”, fazem campanha através dos seus sites, anúncios e campanhas, também entregam panfletos e fazem acções de protestos (Hawthorne, M. 2008). Um dos grupos mais activos envolvidos no vegetarianismo e vegan, são os Vegan Outreach, seus fundadores, Jack Norris e Matt Ball que é mais útil e eficaz distribuir panfletos do que andar a protestar e a realizar eventos de comunicação, em 1993 o que se tornou na Vegan Outreach. Encorajam voluntários a entregar panfletos em universidades, jovens e principalmente mulheres adolescentes que se encontram muito mais abertas à nova ideia de embarcar num novo estilo de vida vegetariano e mais amigo dos animais (Hawthorne, M. 2008). Paul Shapiro partilha dicas de como entregar panfletos, afirmando que se deve parecer profissional e limpo, ser simpático e extrovertido, mostrar um sorriso pode ter um efeito dramático perceptível e encorajar as pessoas a pegarem na brochura. Ao entregar o panfleto deve-se coloca-lo directamente no estômago da pessoa para mais facilmente aceitarem o papel. Se conversar com alguém, deve manter-se focado, não perder a concentração e explicar porquê ser vegetariano e revelar as crueldades das fábricas. Ser bem-educado, dizer obrigado e tenha um bom dia, para os activistas serem vistos como pessoas bem-educadas e bem-intencionadas, em vez de radicais militantes (Hawthorne, M. 2008).

- Acção directa: Forma de activismo, que usa métodos mais imediatos para produzir mudanças desejáveis ou impedir práticas indesejáveis na sociedade, em oposição a meios indirectos, tais como a eleição de representantes políticos, que prometem soluções para uma data posterior, ou o recurso ao sistema jurídico. Também pode ser um método, uma teoria com vista a pôr um fim de práticas consideradas por estes condenáveis ou criar condições mais favoráveis, utilizando meios imediatos e disponíveis, tais como greves, boicotes, ocupações dos locais

de trabalho, braços caídos, ou sabotagem (Hawthorne, M. 2008). Este método e teoria é directo, porque visa soluções directas para os males diagnosticados, em oposição a táticas consideradas indirectas, tais como eleger representantes que podem providenciar soluções à "posteriori". Protestos constantes, greves, *lockouts*, bloqueio de estradas, sabotagens e boicotes são algumas das táticas de acção directa. Acções de desobediência civil também podem ser classificadas dessa maneira (Hawthorne, M. 2008).

- **Manifestações:** Um dos meios mais utilizados dentro do activismo é o recurso às manifestações. É uma forma de acção de protesto de um colectivo de pessoas. As manifestações são uma forma de activismo, e habitualmente consistem numa concentração e/ou um desfile, em geral com cartazes e com palavras de ordem contra ou a favor de algo ou alguém. Têm como objectivo demonstrar o descontentamento com algo ou a respectiva promoção em relação a matérias públicas. Neste tipo de activismo é considerado quanto maior adesão maior sucesso da manifestação. Os tópicos em geral concentram-se no âmbito político, económico e social (Hawthorne, M. 2008). Algumas manifestações acabam em actos de violência, perturbação da via pública, destruição de propriedade alheia e até mortes.
- **Discursos públicos:** Dentro das declarações formais encontramos os discursos públicos, uma maneira próxima de comunicar os nossos ideais entre outros indivíduos é a através do discurso verbal correcto. Ao discursar um indivíduo deve manter uma postura confiante e segura sobre o tema que discursa, assim acaba por transmitir uma segurança e mais credibilidade aos seus ouvintes (Hawthorne, M. 2008).
- **Cartas de oposição ou suporte:** A escrita é uma das formas mais antigas de comunicação, sendo o envio de correspondência física mais relevante hoje em dia do que um mero email. No caso de activismo através do envio de cartas de oposição ou suporte, consegue-se ter mais destaque com uma carta física, presente na mão do sujeito a quem queremos apelar. São uma boa maneira de em grupo fazer-se ouvir uma objecção dentro de uma associação ou indústria, governo, empresa, etc. (Hawthorne, M. 2008).

- Petições: Petições funcionam em grande massa e têm normalmente grande efeito e sucesso. Podem se encontrar nas petições públicas, de instituições, de declarações (Hawthorne, M. 2008).
- Ativismo: Arte como meio de comunicação, como forma de activismo através da expressão de ideias para o papel. Comunicação através de imagens visuais interpretadas. Dentro da arte incluímos a pintura, o design, a escultura, o design de moda, e todas as formas de arte comunicativas (Hawthorne, M. 2008).
- Comunidades e instituições: Uma forma de activismo será fazer parte de comunidades e instituições que defendem causas. Aderir a movimentos criados por estas, assistir a palestras e a reuniões. Doar dinheiros ou bens essenciais necessários para estas instituições (Hawthorne, M. 2008).
- Ser um exemplo: “Sê a mudança que queres ver no mundo”<sup>49</sup>. Todas as nossas acções acabam por reflectir o que pretendemos, o que somos, e as causas que defendemos. Ao ser um activista começamos primeiro por mudar a nós próprios, é nosso dever ético contribuir, através das acções e do exemplo, para a mudança que queremos ver na sociedade. Agir localmente, pensar globalmente. (Hawthorne, M. 2008). “A única revolução possível é dentro de nós”<sup>50</sup>. Ao mudarmo-nos a nós próprios abrimos portas para mudar os outros.

### **2.1.3. Activismo Animal**

#### **2.1.3.1. Três Categorias de Activismo Animal**

Mark Rowlands identifica três categorias de activismo animal, o mais importante é na mudança do modo de vida “lifestyle” (pag.177). A acção através da mudança do modo de vida consiste nas modificações que cada indivíduo faz na sua vida, estas mudanças incluem tornar-se vegetariano ou vegan, recusar-se a comprar produtos testados em animais, recusar-se a comprar e a usar peles ou pêlos, evitar investimentos em companhias que exploram os animais e educar a si mesmo acerca de todos os assuntos

---

<sup>49</sup> Mahatma Ghandi

<sup>50</sup> Mahatma Ghandi

que envolvem os direitos dos animais. Outro tipo de activismo é aquele que podem chamar de passa a palavra “spreading the Word” ( pag .178), este tipo de activismo inclui partilhar as suas convicções com família, amigos e qualquer um que ouça, escrever cartas aos governos oficiais, a jornais e outros meios de comunicação, escrever livros e artigos, dar palestras na escola e em locais públicos, juntar-se a uma organização que defende os direitos dos animais, demonstrar e protestar em sites apropriados. A ultima categoria de activismo é mais controversa, desobediência civil “civil disobedience” (pag.178), estes actos podem incluir ocupação de espaços e ajuntamentos, obstrução de pessoal que lida com crueldade animal (sabotar caças a raposas), trespassar propriedades associadas a abusos de animais com o propósito de reunir provas ou libertação de animais, destruição de propriedades de entidades que abusam dos animais, intimidação das pessoas envolvidas nestes actos de crueldade e terrorismo (Hawthorne, M. 2008).

#### **2.1.3.2. Meios de comunicação e as indústrias de exploração animal**

A imprensa por vezes usa o termo activismo como sinónimo de manifestação ou protesto. Nas ciências políticas também pode ser sinónimo de militância, particularmente por uma causa. Esta imagem tem sido alimentada pelos meios de comunicação, não só devido ao apetite sensacionalista que estes deleitam-se a explorar, mas também devido á informação que lhes é embutida pelas relações públicas das maiores empresas industriais de animais, por estas entende-se a indústria do pêlo, de entretenimento, pesquisa biomédica, de alimentação, etc. Maioria destas indústrias têm como um dos seus objectivos denegrir os activistas, rotulando-os de extremistas e terroristas, que querem retirar ao consumidor os seus produtos, uma visão de criminosos que passam por cima de todos para se fazerem ouvir (Regan,T. e Masson J. 2004).

No activismo animal, a primeira refutação das indústrias que utilizam os animais deu-se em 1989 quando publicaram o artigo “Use of Animals in Biomedical Research: The Challenge and the Response” pela Associação Médica Americana (AMA), este artigo veio com o intuito de dar uma resposta aos protestos e apelos dos defensores dos direitos dos animais. Entre as recomendações da AMA: Pessoas que acreditam nos direitos dos animais são anti-ciência e também responsáveis por actos violentos e ilegais que



ameaçam a vida e a propriedade, e uma ameaça à liberdade da escolha pública, os activistas radicais devem ser visto como pessoas radicais, militantes e terroristas que se opõem ao bem humano. Por contraste, sanidade e sensibilidade, decentes pessoas devem mostrar favoritismo ao bem-estar animais, entender como humano, o responsável uso dos animais, por humanos, para humanos. A estratégia da AMA foi simples e inspiradora para outras indústrias usarem, no final criarem um concurso entre os defensores dos direitos dos animais que não sabem nada, que odeiam humanos e têm um apetite pela violência, por outro lado os cientistas sensatos e moderados, amigos da humanidade, nesta forma os defensores radicais seriam repudiados e a ideologia humana e uso responsável dos animais prevalecia. Desde 1989 um fluxo consistente de comunicados de imprensa, memos, emails, conferências de imprensa, e sites misturados têm sido libertados a denunciar extremistas e louvando os assistencialistas dos animais razoáveis, todas estas informações sendo fornecidas pela AMA e outras indústrias biomédicas para as mãos de repórteres, directores de notícias, e editores (Regan,T. e Masson J. 2004).

#### **2.1.4. Activismo presente na sociedade**

Na sociedade muitos artistas famosos sentem uma veia activista no seu interior, tendo também uma responsabilidade acrescida de instigar o seu público a fazer o que é correcto. Assim, apoiam causas, colaboram com instituições e comunidades activistas que pretendem mudar o mundo (Kester, [G.](#) 1998).

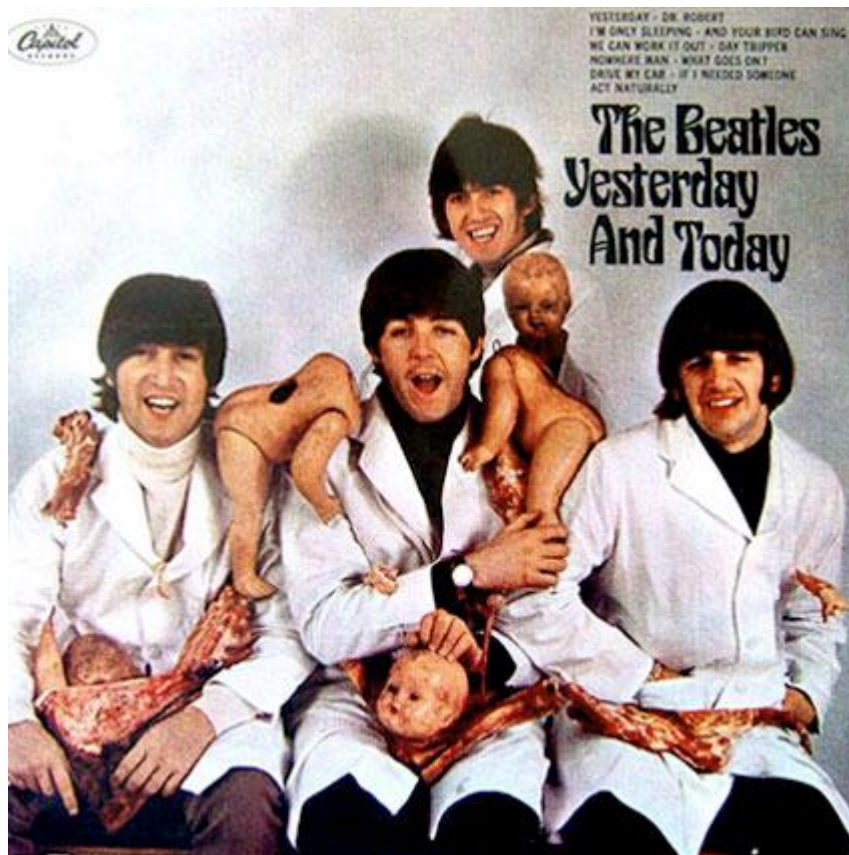


Figura 1 – Capa de disco de Beatles, “Yesterday and Today”.

O álbum controverso dos *The Beatles*, “Yesterday and Today”, lançado em Junho de 1966, onde se pode ver os *The Beatles* com batas de cortador e cobertos de carne e bonecos desmembrados. O público geral ficou horrorizado e protestos fizeram com que o álbum fosse recolhido e a capa substituída. A intenção original era ser surreal, uma sátira *pop* à observação da fama dos *The Beatles*, mas podemos pensar que era a veia activista e vegetariana de Paul McCartney a influenciar e a protestar pelos direitos dos animais (Wales Online, 2010).

## **2.2 - Artivismo – arte e design como meio de activismo**

"A arte existe para que a verdade não nos destrua." Friedrich Nietzsche

A arte é uma criação humana com valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta) que sintetizam as suas emoções, a sua história, os seus sentimentos e a sua cultura. É um conjunto de procedimentos utilizados para realizar obras, e no qual aplicamos os nossos conhecimentos. Apresenta-se sob variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitectura etc. Pode ser vista ou entendida pelo homem de três formas: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais). Actualmente alguns tipos de arte permitem que o apreciador participe da obra, outras estendem-se a outros sentidos, como o tátil e o olfactivo. O artista precisa da arte e da técnica para comunicar (Kester, G. 1998).

A utilização da arte como meio de activismo sempre esteve presente ao longo dos tempos, desde os primórdios que podemos interpretar certos métodos de activismo, subtis, mas mesmo assim, com uma vontade para mudar os costumes. Certos pintores no século XIV colocavam pequenos símbolos para transmitir mensagens a quem visualiza-se as obras, recordo um caso que estudei de uma pintura de um rei e uma rainha, e que o pintor deliberadamente pintou um gancho de cabelo da rainha com penas mais alto do que o rei, isto para demonstrar que a rainha era quem mandava naquela corte, um pequeno símbolo para demonstrar a verdade por detrás do primeiro quadro visual, mas também um pequeno acto de rebelião e desafio do pintor para com a sociedade real. A arte sempre foi um meio de comunicação, e os pintores sabiam como comunicar através de pequenos ou grandes símbolos que seriam interpretados pelo observador, normalmente as cortes que conheciam melhores estes pequenos aspectos (Kester, G. 1998).

Na revolução francesa que teve início no século XVIII, a arte serviu para capturar os acontecimentos da época, mas também para divulgar e espalhar a ideologia que se manifestou, a proclamação dos princípios universais de *Liberté, Egalité, Fraternité*, frase de autoria de Jean-Jacques Rousseau (Kester, G. 1998).

Uma das pinturas que melhor representam esta revolução é *A Liberdade Guiando o Povo*, por Eugène Delacroix de 1830. Embora existam outras manifestações artísticas na altura, durante a revolução que serviram de propagação e protesto. Um desenho de 1790, artista desconhecido "The Third Estates carrying the Clergy and the Nobility on its back".



Imagem 2 - The Third Estates carrying the Clergy and the Nobility on its back. Source: Anonymus, 1790.

Outros artistas contribuíram significativamente nas revoluções que se deram com seus quadros, um deles foi Francisco Goya com o seu quadro "O terceiro de Maio" de 1808, retratando os horrores da guerra, celebra a resistência de Espanha contra a ocupação de Napoleão. Este quadro tem uma elevado peso emocional. De acordo com o historiador de arte Kenneth Clark, "the first great picture which can be called revolutionary in every sense of the word, in style, in subject, and in intention" (Clark, K. 1960).



Imagem 3 – “The Third of May 1808: The Execution of the Defenders of Madrid”, Francisco José de Goya, óleo sobre tela, 1814, Museo del Prado, Madrid.

No final do século XIX um percurso do simbolismo começou a fazer-se sentir. Todos os artistas tinham algo em comum, a recusa do realismo, e a exploração do mundo subjectivo, uma nova liberdade e estímulo que permitia muitas ideias no que constituía um tema apropriado para que a pintura se difundisse. O movimento foi em primeiro lugar referido no manifesto simbolista de 1886 por Jean Moréas (1856-1910). A partir deste, surgiram: o simbolismo, o expressionismo, o impressionismo, o dadaísmo, o cubismo, etc, movimentos revolucionários nasceram e começaram a revolucionar a arte da época (Chipp, H. 1968).

Dos vários pintores no início do século XX que contribuíram para a arte revolucionária, um dos que se destacou fortemente foi Picasso. A partir de 1944, quando se filiou ao Partido Comunista Francês, até a sua morte em 1973, Pablo Picasso foi um artista comprometido



com a política, e esta faceta encontra-se presente em muitas das suas obras que serviram como veículo de protesto, como meio de denúncia, e de desejo por paz. Ele criou obras que são muito subtis no seu conteúdo político, mas noutras em que está bem explícita a sua mensagem. Das obras mais influentes deste pintor encontramos *Guernica* de 1937, uma declaração contra a guerra que se converteu em ícone da paz, foi uma resposta artística de Picasso à Guerra Civil Espanhola, entre 1936 e 1939 (Chipp, H. 1968).

Picasso declara numa entrevista com Simone Téry em 1945, referindo-se ao artista como um ser político “ ...he’s at the same time a political being, constantly alive to heartrending, fiery, or happy events, to which he responds in every way. How would it be possible to feel no interest in other people and by virtue of an ivory indifference to detach yourself from the life which they so copiously bring you? No, painting is not done to decorate apartments. It is an instrument of war for attack and defence against the enemy.” (Chipp, H. 1968).

A arte activista começou a ter o seu apogeu na década de 60, devido às revoltas estudantis, os hippies e as revoltas contra as guerras e o governo, apelando à paz. Seguindo-se a revolta feminina na década de 70, a ecologia na década de 80, mais a crise da doença “sida”, a luta contra a industrialização cultural, o capitalismo, entre muitas outras causas que se tornaram causas de artistas que usavam a arte como meio de protesto (Chipp, H. 1968).

Arte intervencionista, progressista, experimental, de oposição, crítica ou comprometida, entre outros sinónimos nomeadamente arte política, politizada, de confronto, sociopolítica, subversiva ou radical. O conceito de uma arte dialogante, a leitura da obra de arte na qualidade de uma conversa ou colóquio, um lugar de discordantes significados, interpretações ou pontos de vista (Chipp, H. 1968).

«Every public articulation in a socially privileged place, such as the art world, has the potential of affecting the zeitgeist, i.e., the set of generally accepted attitudes and beliefs that have an effect in the realm of practical politics». <sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> GRIFFIN, Tim – Historical Survey. Artforum. New York. Vol. XLIII, nº 1 Sep. 2004.

Embora o artista tente ao máximo que a sua ideia persista na interpretação, o facto é que a recepção da obra pode escapar ao controlo do artista, podendo suscitar significados ou servir propósitos que não os inicialmente pensados pelo seu autor (Vieira, T. 2009).

Critical Art Ensemble (CAE), formado em 1987, é um colectivo de 5 elementos oriundos de variadas áreas incluindo arte electrónica, gráficos e vídeos, cinema/vídeo, fotografia, teoria da arte e performance. Tem salientado a exploração de intersecções entre arte, teoria crítica, tecnologia, e activismo político. Desenvolveram-se vários projectos desde biotecnologia até activismo virtual, sustentados por exposição teórica em diversos escritos. As suas exposições passam desde intervenções na rua a exposições em museus, um pouco por todo o mundo. Concentram as suas intervenções na biotecnologia, nas modificações moleculares, e também no mundo da internet, revolução digital (Vieira, T. 2009).

“A arte resiste portanto, e isso parece que, apesar de tudo, sabemos. Resiste justamente à comunicação e à informação, tal como, de resto, resiste à contemplação porque não se deixa esgotar na lógica dos olhares, sequer na dos olhares-comentário que sobre ela se podem exercer.”<sup>52</sup>

### **2.2.1. Princípios fundamentais do design**

De acordo com Donald Norman o design é mais do que dar uma bela aparência a um objecto, é um acto de comunicação que transmite a essência da operação do objecto e implica o conhecimento do público para qual ele foi criado. Na sua identificação de quatro princípios fundamentais do design identifica: modelos conceptuais, *feedback* ou retorno de informações, restrições, e *affordances*, ser acessível tanto a nível monetário como utilitário. Um bom *design* faz uma série de transacções complicadas muito mais simples entre o modelo de um *designer* e um objecto, o sistema designado, o modelo do usuário a quem o objecto é desenvolvido. Para desenvolver bem, um *designer* deve compreender o objecto de estudo mas mais importante o utilizador do objecto. Melhorar um *design* é melhorar na sua compreensão (Norman, D. 2006)

---

<sup>52</sup> Almeida, B., As imagens e as coisas, 2002, porto, 269 paginas, editora: campo das letras, pag 61

### **2.2.1.1. Elementos da arte**

Os elementos de arte que fazem a unidade básica da imagem visual consistem: no espaço, na linha, cor, corpo ou contorno, textura, forma e valor (Lauer, D. 2008).

- O espaço consiste na área fornecida para um propósito particular, incluindo duas dimensões, fundo, primeiro plano, segundo plano. A distância em volta, entre e sobre os componentes da peça. Existe dois tipos de espaço, positivo, referente ao espaço que a forma e matéria do objecto representa. E negativa, que se refere ao espaço à volta e entre a matéria do objecto.
- A linha é o elemento básico que refere o movimento contínuo de um ponto ao longo da superfície, as pontas e formas também criam linhas. Todas as linhas têm comprimento, espessura e direcção. Existem linhas curvas, horizontais, verticais, diagonais, zigzag, onduladas, paralelas, traços e pontos.
- A cor é vista pela forma como a luz reflecte numa superfície, ou em fontes de luz coloridas. A cor e uma particular cor contrastante são usadas para atrair atenção a uma parte da imagem. Existe cores primárias, secundárias, e terciárias. As cores complementares que são opostas umas às outras na roda das cores, servem para criar contrastes entre si. E cores análogas são cores que se situam umas ao lado das outras na roda das cores, que servem para criar uma harmonia de cores. Cores monocromáticas que são matizes e sombras de uma cor. Ainda fruímos as cores frias e cores quentes, todas estas usadas para emitir uma mensagem e transmitir sensações ao visualizador. A cor activa os sensores emocionais e sentimentais.
- O corpo ou contorno é definido pela área que ressalta do espaço perto ou à volta devido ao seu limite definido ou implícito, ou devido a valores diferenças, cores ou texturas. Também podem evidenciar perspectiva através da sobreposição. Podem ser geométricas ou orgânicas.
- A textura pode ser caracterizada como a qualidade da superfície perceptível. Na arte existe dois tipos, a táctil e a implícita.
- A forma é qualquer objecto tridimensional. Pode ser medida, pelo peso, largura, profundidade. Identicamente pode ser definida pela luz e escuridão. Existe dois tipos de formas, geométricas e naturais. Criada através da combinação de dois ou mais



formas, e ser destacada ou aumentada através de tons, texturas e cor. Ilustrada ou construída.

O valor é um elemento da arte que refere a relação entre luz e escuridão numa superfície ou objecto e também ajuda com o contorno ou corpo. Dá profundidade e percepção aos objectos, e pode ser referido igualmente como tom (Lauer, D. 2008).

#### **2.2.1.2. Princípios do design**

Os princípios do *design* governam-se das relações entre os elementos usados e organizados na composição como um todo. O *design* de sucesso incorpora o uso dos princípios e elementos para servir o propósito do *designer* e os seus objectivos visuais. Não existe regras para o seu uso. As razões e intenções do designer guiam estas decisões de modo a obter harmonia entre os elementos. Os princípios consistem em: Unidade, Harmonia, Contraste, Repetição, Variedade, Ênfases, Balanço, Proporção, Funcionalidade, Proximidade, Ordem/Desordem, Iluminação da coloração, Métodos do *design* (Lauer, D. 2008).

- Unidade: senso de que todas as peças de trabalho pertencem, forma um todo. É obtido pelo uso do balanço, repetição e ou harmonia do *design*.
- Harmonia: O balanço sensitivo da variedade e unidade. É similar com componente ou objectos que parecem que pertencem juntos. Pode ser agradável visualmente ou partilha de traços comuns entre objectos. Podendo esta ser pela cor, forma, textura, padrões, material, tema, estilo, tamanho e funcionalidade.
- Contraste: ocorrência de diferentes elementos, como a cor, valor, tamanho, etc. cria interesse e chama a atenção a pontos fulcrais.
- Repetição: ritmo ou padrão. Recorrência de elementos numa peça, de cor, linha, forma, valores, etc. Qualquer elemento que ocorre geralmente faz eco, muitas vezes com variações para manter interesse.
- Variedade: alteração, uso de elementos dissimilares, que criam interesse e pareçam únicos.
- Ênfases: dominância ou ponto focal, refere áreas de interesse que guiam o olho para dentro ou fora da imagem através do uso de sequencias com vários níveis de pontos

focais, pontos focais primários, secundários, e terciários, etc. Ênfase pode consistir em tornar o objecto maior, mais sofisticado, mais ornamentado, destacado mais do que outros. O ponto focal primário ou área recebe maior atenção dentro de um espaço.

- **Balanço:** Poderá ser simétrico ou assimétrico, igualmente refere para um senso do ponto focal dominante não dar um ar de atrair demais para uma parte específica da peça de arte. É obtido pela localização do objecto, volume ou tamanho dos objectos, e pela cor. O balanço da iluminação das cores com cores mais escuras ou mais ousadas com cores neutras.
- **Proporção:** Escala, envolve a relação entre o tamanho dos objectos. Proporção é igualmente relativa nas áreas de superfície de diferentes cores. Depende da funcionalidade do objecto.
- **Funcionalidade:** Um aspecto muito importante no *design*, poderá ser a melhor possibilidade tanto na localização ou aspecto fulcral para o requerente. Tais *designs* são limpos, estéreis, arrumados, acesos, quentes, apelativos visualmente, relativamente secos, respiram, saudáveis, exaltando grande nível de saúde e standards de segurança. Grande funcionalidade e maior qualidade possível de materiais para a função aumentam significativamente a aparência visual.
- **Proximidade:** colocação de objectos similares perto fisicamente, e objectos diferentes afastados. Este passo ajuda a construir unidade.
- **Ordem/Desordem:** organização e harmonização de acessórios, arrumação e limpeza, precisão de construção e organização na arquitectura e aplicação de casa são importantes.
- **Iluminação da coloração:** importante para incorporar um ambiente numa fotografia ou trabalho visual de arte. Transmitir humores, usar filtros digitalmente, utilização de maneiras subtis.
- **Métodos de design:** apesar das regras e guias, o *designer* tem que criar algo atractivo, utilizando estes métodos. *Design* através da experimentação, por modificação, por acaso, através de esboços, através de gráficos de amostras, retirando o *design* da sua mente, e método directo em investigações e avaliações, construção e tentativa (Lauer, D. 2008).

### 2.2.2. Arte como meio de activismo

A arte em si contém vários veículos que podem ser usados como forma de activismo, a ilustração, a fotografia, o Eco-activismo e outras vertentes intervenientes. Podendo o local ser uma galeria apropriada ou até noutros casos mais rebeldes, na rua sem aprovação como interveniente num espaço.



Imagem 4 - "Ecology Is For The Birds" – Artista anónimo.

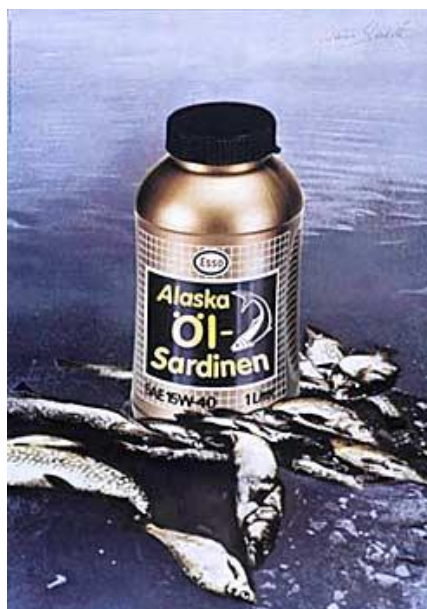


Imagem 5 - "Alaska-Ölsardinen" (Alaskan Sardines Packed In Oil). Klaus Staeck. Fotomontagem, 1989.



Imagem 6 - "Polar Bear" - Mark Coreth and Duncan Hamilton. Escultura de metal e gelo. Peso 5.9 ft. Disposta na COP15 em Copenhaga. Fotografia tirada em 7 Dezembro no primeiro dia da submissão, foto: Reuters.

Esta escultura (imagem 6) é um bom exemplo de activismo através de arte, mais precisamente da escultura como meio de activismo através do simbolismo explícito na sua forma e na visualização da mesma ao longo do tempo.

Mark Coreth e Duncan Hamilton colaboraram na elaboração desta figura de gelo, que foi colocada na praça Kongens Nytorv no centro de Copenhaga. Para criar esta escultura os artistas primeiro elaboraram um esqueleto de metal feito à mão do urso, esta armação de metal foi posteriormente submersa em 9 toneladas de água que se converteram num bloco de gelo que os escultores esculpiram em forma de urso de tamanho real. O objectivo foi demonstrar que devido à exposição do dióxido de carbono o urso se derreteria lentamente expondo o esqueleto (Art for a Change, 2010).

Os artistas encorajaram as pessoas a tocar na escultura pois esta exposição contribuiu para a mesma se derreter rapidamente, demonstrando a mão humana como uma das causas destas mudanças climáticas que causam o derretimento dos blocos de gelo e

consequente morte dos ursos polares e de todos os seres vivos que vivem no gelo, além da consequente enchente de água nos oceanos e destruição da flora marinha devido às mudanças de águas quentes para águas frias vindo do derretimento destes blocos massivos de gelo.

“When the skeleton begins to appear, it’s going to become terrifying. When the bronze appears, it is going to take warmth through the skeleton and melt that ice even more. That is akin to a lack of ice in the arctic north... the deep, dark ocean absorbs heat and continues to melt it.”<sup>53</sup>

Este projecto do urso de gelo foi financiado pela Fundação Mundial da vida selvagem (TL), WWF (World Wildlife Fund), que dispõem fotos numa tenda de protesto em Copenhaga para protestar contra as emissões de dióxido de carbono (Art for a Change, 2010).



Imagem 7 - "Survival of the Fattest" - Jens Galschiøt/Lars Calmar. Photo: AFP/Getty.

---

<sup>53</sup> Mark Coreth, retirado do site: <http://art-for-a-change.com/blog/category/art-activism>.

Em 1992 Galschiøt e Lars Calmar colaboraram em criar um trabalho intitulado de “Survival of the fattest”<sup>54</sup> uma estátua de quase tamanho real. O trabalho expõem um colossal obeso europeu Justitia (a deusa da justiça), segurando a balança da justiça na sua mão direita, sendo carregada nos ombros de um homem africano a morrer de fome. Galschiøt afirma que esta estátua representa a self-righteousness of the rich world”, que se senta nas costas das pessoas pobres “pretending to exert justice.”<sup>55</sup> Desde a sua criação esta estátua tem sido demonstrada em eventos públicos massivos (Art for a Change, 2010).



Imagem 8 - "Survival of the Fattest" - Jens Galschiøt/Lars Calmar. 2002. (Art for a Change, 2010)

---

<sup>54</sup> TL – Sobrevivência do maior gordo

<sup>55</sup> TL – que finge exercer justiça



Esta estátua foi colocada no porto de Copenhaga em Langelinie perto da famosa estátua internacionalmente famosa, a pequena sereia, esta é considerada um monumento nacional e é estimado que é vista por 1 milhão de turistas por ano. Ao colocar a estátua ao lado da escultura de Eriksen, a pequena sereia, Galschiøt garante que a sua mensagem estará bem exposta e chegará aos ouvidos de todos. Este acto também justapõe o contraste entre um conto de fadas e a verdade inegável exposta na escultura de Galschiøt, como se o artista estivesse a pronunciar que no final os objectivos das nações pelo ambiente na conferência das mudanças climáticas, fosse nada mais que um conto de fadas (Art for a Change, 2010).



Imagem 9 - "The Pulse of the Earth" Jens Galschiøt's, Photo by <http://www.sevenmeters.net>

"Survival of the Fattest" não é a única estátua de Galschiøt, este artista é conhecido por ser um escultor activista que aprendeu por si mesmo a sua arte em que trabalha desde 1985, as suas figuras realistas e figurativas são impressionantes e comoventes, são feitas para muito mais do que mera visualização de uma pesada beleza. Aqui a estética é misturada com a compulsão de mover pessoas os seus pensamentos e as suas acções.

Noutras palavras Galschiøt quer que a sociedade mude, e as suas esculturas são símbolos que nos transmitem a mensagem de mudança e de activismo (Art for a Change, 2010).

Outra escultura deste artista igualmente presente na COP15 em Copenhaga, “The Hunger March”<sup>56</sup>. Realizada pelo escultor em 2002, o artista esculpiu 27 esculturas de jovens homens africanos cadavéricos em tamanho real. Desde a sua realização estas esculturas têm sido expostas nas ruas durante a organização de comércio mundial realizada em Hong Kong em 2005 e nas ruas da Grécia durante o fórum europeu social em 2006 (Art for a Change, 2010).

Galschiøt mudou o nome deste grupo de esculturas para a sua apresentação em Copenhaga para “The pulse of the Earth”<sup>57</sup>. Pediu permissão ao centro de Bella e colocou as 27 estátuas num jardim com uma fonte de água na estação de metro principal, iluminando o fundo da arquitectura com luzes pulsares vermelhas, de acordo com Galschiøt, estas representavam o próprio pulsar do planeta terra. Estas estátuas representam os refugiados do clima, as pessoas que são obrigadas a fugir de suas terras e casas devido às secas, desertificações, aumento do nível do mar ou outros desastres climáticos ligados ao aquecimento mundial e mudanças climáticas (Art for a Change, 2010).

---

<sup>56</sup> TL- a marcha dos esfomeados

<sup>57</sup> TL- o pulso da terra





Imagem 10 - Jens Galschiøt's copper statues, *depicting starving African men*. Photo courtesy AIDOH (Art In Defense of Humanism). [www.aidoh.dk](http://www.aidoh.dk)

Artistas e *designers* representaram um papel muito significativo durante a reunião COP15 em Copenhaga, existe ainda muito trabalho a ser feito e a comunidade criativa tem muita importância a desempenhar. Não somente a revelar o assunto das mudanças climáticas perante o público, mas despertando a consciência das pessoas e incentivando-as a actuar colectivamente (Art for a Change, 2010).

### 2.2.2.1. Ilustração

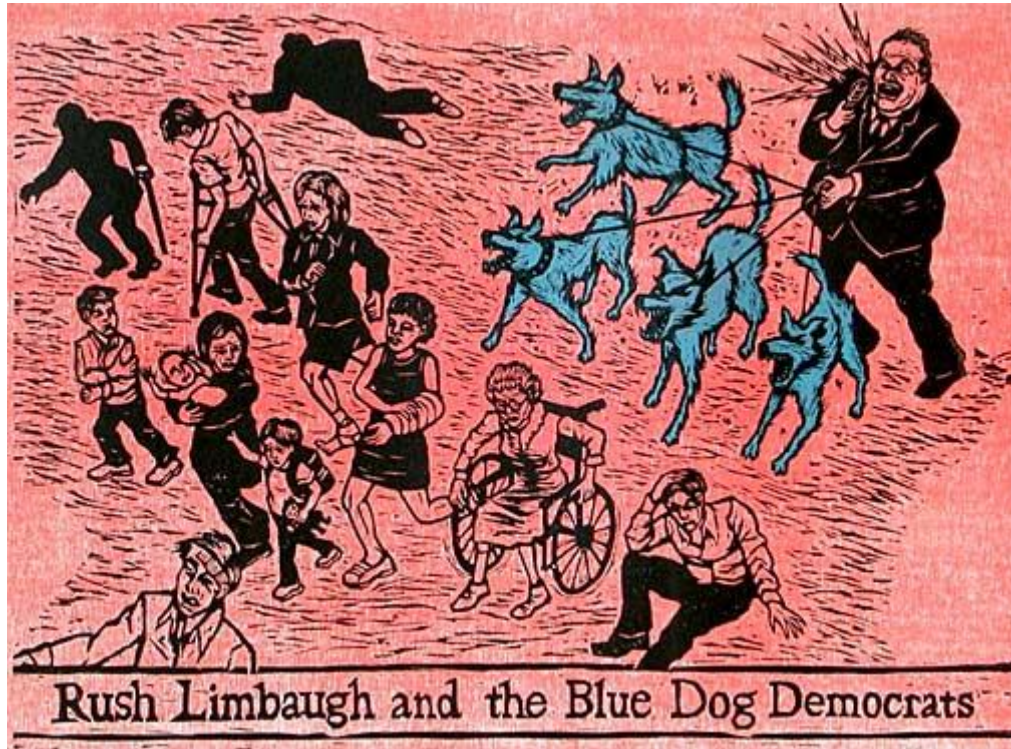


Imagem 11- "Blue Dogs" – Michael Dal Cerro. 2009. (Art for a Change, 2010)

Nos estados unidos tem estado em discussão um tópico importante relativamente à reforma do sistema de saúde pública, Patricia Dahlman e outros artistas juntaram-se e criaram uma exibição online intitulada de “Art for Health Care Reform”, TL- Arte para a reforma do sistema de saúde”, que se dirige aos problemas que existem sobre este assunto.



Imagem 12 - "To Your Health" – Deborah Harris. 2009. (Art for a Change, 2010)



Imagem 13 - BP: Broken Promises – Logo desenhado por Foye. 2010. Um termo que representa a volta ao preto, que significa danos à marca, a BP gastou milhões a tentar passar uma imagem de uma companhia de óleo boa e verde. (Art for a Change, 2010)

#### **2.2.2.2. Fotografia**



Imagem 14 - Um monge budista enfrenta tropas governamentais armadas na baixa de Yangon, em Myanmar, 26 de Setembro de 2007. Foto de Reuters.

#### **2.2.2.3. Design ecológico**

Outra forma de activismo, será o *design* ecológico, vários *designers* oferecem alternativas aos produtos que já existem, incentivando os compradores a apostar nos seus produtos por ser mais amigos do ambiente ou dos animais, pela utilização de materiais reciclados, e pelo cuidado no processo de fabrico. *Design* ecológico procura conciliar a estética com preocupações ambientais, de carácter da protecção animal e exploração do trabalho humano. Procuram essencialmente a sustentabilidade, incitar um olhar mais verde e ético, promover os produtos artesanais e de pequenos produtores, matérias-primas recicláveis ou de materiais reciclados, além de materiais que não magoam o planeta terra e que vêm de locais sustentáveis e sem exploração animal ou humana, ou mesmo do ambiente (Design Ecológico.com 2010).



Imagem 15 – “Memo Block”, artista Kakuzai (Design Ecológico.com 2010)

Kakuzai criou o *post-it* “Memo Block”, à primeira vista parece somente um bloco de Madeira, mas na realidade são um bloco de *post it*, folhas de recados. Com o propósito de mostrar a ambiguidade. Tem textura de madeira impressa no papel, a qual propõe ao usuário reflectir não só sobre a relação entre as árvores e o papel, mas também dar mais valor aos recursos naturais, um *design* inteligente e criativo, *design* implícito (Design Ecológico.com 2010).

#### **2.2.2.4. Design sustentável**

A Sustainable Amazon encomendou à natural *Fashion* vestuário e mochilas para crianças que fosse sustentável para promover a floresta amazônica e os animais que vivem nesta. As ilustrações são de Danilo Conti e os materiais algodão orgânico (Design Ecológico.com 2010).





Imagem 16 – “Sustainable Amazon” (Design Ecológico.com 2010)

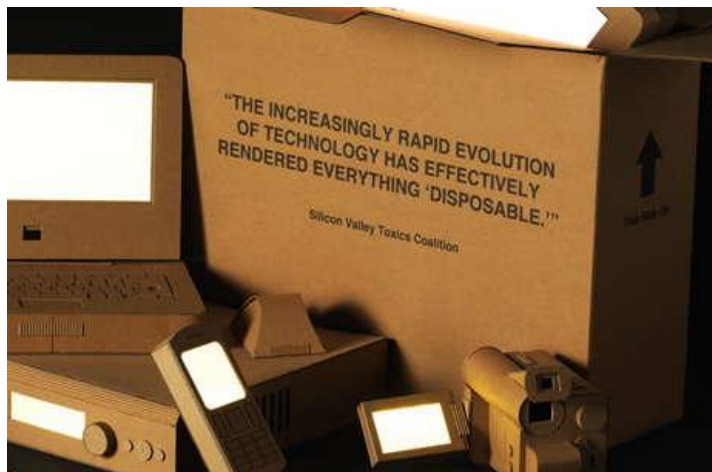


Imagem 17 - Design de Kyle Bean, "The increasingly rapid evolution of techonology as effectively rendered everything 'Disposable', <http://www.kylebean.co.uk/portfolio/>

### **2.2.3. Ativismo nas ruas**

Um artista Britânico intitulado de Ron English, simplesmente brilhante desafiou e chamou a atenção a si mesmo ao decapitar os anúncios de rua, intervindo de noite, colava folhas A4 que imprimia em casa sobre anúncios que escolhia. O seu processo passava pela escolha do anúncio, fotografá-lo e tirar as dimensões, em casa com as fotografias

modificava-as recorrendo a *software*, alterando a cabeça de uma das pessoas no anúncio e as pessoas à sua volta, na imagem, e no dia seguinte colava estas modificações, parecendo que o anúncio era original. Era simplesmente genial, uma intervenção de rua. Foi intitulado de *o decapitador de Londres*, como *Jack the Reaper*, e o seu estilo consistia no novo Popaganda (Popaganda, 2010).



Imagem 18 – “The Decapitator”, artista - Ron English, Londres, 2008.

<http://www.theaestheticpoetic.com/2008/01/07/the-decapitator/>

#### **2.2.4. Conclusão**

O ativismo pode ser praticado por qualquer indivíduo, obtenção de uma causa, uma representação de um pensamento transfigurado em arte.

Divulgação do ativismo hoje é bastante facilitada pela internet, as redes sociais permitem a larga difusão de informação, estando à disposição de qualquer pessoa. Além de ser um dos meios de divulgação mais fácil de utilizar e com a grande capacidade de chegar a qualquer local do planeta. Qualquer artista tem um website, um blog, um facebook, um twitter ou linkin aonde qualquer utilizador pode facilmente ter acesso às suas obras. Num panorama mais rebelde, existem certas formas cibernéticas de surpreender os cibernéticos com pequenos caminhos escondidos, links fantasmas, como guerrilhas que

flutuam na internet. Outros artistas preferem uma acção física mais permanente, pois hoje em dia tanta informação passa por os nossos olhos que nada fica, a não ser que seja algo memorável, algo estranho, fora do comum, que intervenha mais próximo dos indivíduos. Num panorama rebelde esta intervenção compõe-se muito pela intervenção em paredes, nas ruas movimentadas (Vieira, T. 2009).

Leo Tolstoy afirma que a boa arte deve comunicar às pessoas sentimentos do bem, ao invés de mostrar o que é belo, pois ambos são contraditórios e não podem conviver em harmonia, o bem é eterno e a beleza é temporária. Ele queria purificar a arte de todos os sentimentos não bons, todos os mistérios falsos e dominantes, tudo o que é ambíguo, irracional, contraditório (Tolstoi, L. 1898).



## **2.3. Moda e activismo**

### **2.3.1. Introdução**

Moda é um importante meio de comunicação que permite aqueles que conhecem a sua língua ascender a hierarquia na sociedade e usa-la como uma ferramenta para influência social. Tal como muitas empresas, a Moda gira em torno de relações públicas e grandes campanhas publicitárias, com o objectivo de fazer dinheiro e manter o poder. Mas tal como a maioria das indústrias que criam um discurso, as suas ferramentas podem ser apropriadas para transmitir através da sua intervenção uma mensagem subversiva. Tendências de moda são como ondas de rádio, qualquer mensagem é transmitida a quem estiver a ouvir. Esta indústria da moda não deve ser subestimada e rotulada como uma indústria de vaidade, sexismo e crueldade. Moda é culturalmente relevante e com muita influência. Moda é uma forma de arte com uma grande e procura popular entre os consumidores (Ewing, E. 2002).

### **2.3.2. Mudança de costumes**

Ao longo dos séculos presenciamos mudança de estilos, do barroco para o rococó, de vestimentas rígidas e conservadoras para liberais e romantismo, o traje está incessantemente em mudança. O vestuário tem sofrido alterações de costumes constantemente, é altamente mutável, e auferiu um crescimento exponencial a partir do início do século XX, um pouco devido às guerras, dos novos ideais e pensamentos, no novo homem e novas gerações que sempre buscam inovação, transgressão, revolução, e continuar a mover sempre em frente (Payne, B. 1965).

A estilista francesa Coco Chanel, tornou-se num símbolo de uma revolução nos costumes e na postura da mulher no cenário social, e adquiriu a elegância e simplicidade como formas de sobrevivência. O estilo criado por ela revolucionou o século XX, ao libertar a mulher das faixas e corpetes apertados em saias com muitos babados, permitiu que a mulher se sentisse livre e com poder, vestida de maneira simples e prática. Ousava nos

trajes simplistas, com misturas entre vestimentas femininas e masculinas (Payne, B. 1965).

O século XX viu passar os anos 20 com a libertação da mulher e a implementação dos vestidos linha H, a saia a subir exponencialmente, as franjas e as penas, o corte à *garçon*, todos símbolos que desvinculavam as mulheres e evidenciavam os anos loucos. Esta atitude levou a mulher a colocar-se no mesmo patamar que o homem, a poder conduzir, fumar, votar, uma emancipação já há muito desejada. A moda acabou por ser um dos meios indicadores da mudança de mentalidades e costumes, simbolizando uma revolução e servindo de meio de difusão e propagação de um pensamento liberal (Ewing, E. 2002).

Independentemente a moda continuou a mudar, a elegância dos anos 30, o regime nos anos 40, a mulher como dona de casa e feminina nos anos 50, e claro a entrada dos loucos anos 60 (Ewing, E. 2002).

Os anos 60, acima de tudo, assistiram uma explosão de juventude em todos os aspectos, o *baby boom* contribuiu para a existência de muitos jovens nesta época, com uma grande vontade de aproveitar o melhor e experienciar tudo. Estes jovens eram pacifistas mas também revolucionários, se opondo à guerra do Vietname e outras desavenças com o governo (Ewing, E. 2002).

Neste cenário jovem, a transformação da moda iria ser radical. Era o fim da moda única, que passou a ter várias propostas e a forma de se vestir se tornava cada vez mais ligada ao comportamento. Conscientes desse novo mercado consumidor e de sua voracidade, as empresas criaram produtos específicos para os jovens, que, pela primeira vez, tiveram sua própria moda, fugindo aos antigos regimes. Aliás, a moda era não seguir a moda, o que representava claramente um sinal de liberdade, o grande desejo da juventude da época. A minissaia veio como uma revolução e provocação, a libertação da mulher, a implementação do uso da pílula, a liberdade sexual (Payne, B. 1965).

Os tecidos apresentavam muita variedade, tanto nas estampagens quanto nas fibras, padrões psicadélicos e florais vieram revolucionar, e com a popularização dos materiais sintéticos no mercado, além de todas as fibras naturais, sempre muito usadas. As mudanças no vestuário também alcançaram a roupa interior feminina, com a

generalização do uso das cuecas e da meia-calça, que dava conforto e segurança, tanto para usar a minissaia, quanto para dançar o *twist* e o *rock* (Ewing, E. 2002).

A moda hippy mostrava uma atitude pacifista e libertadora, de comunhão com a natureza e todos os seres vivos. Aqui a utilização do vestuário como veículo propenso de uma mensagem de paz, uma acção contra as guerras e desavenças que culminavam nestes anos. Utilização de vestuário branco como sinal de paz e amor, estampagens de cores e flores, símbolos de paz como pombas e o símbolo do círculo Y (Ewing, E. 2002).

A partir dos anos 60 muitas revoluções começaram, além das bainhas das saias subirem exponencialmente, os decotes aumentaram e todas as cores possíveis entraram nas paletas das estações. A moda desde então tem sido libertada para se tornar volátil conforme o seu incitador desejar, indivíduos criavam estilos totalmente de raiz e tornava-se símbolos destes (Ewing, E. 2002).

Os anos 70 viram o estilo *punk* a revolucionar tanto o vestuário como a música, o *look* total tornou-se uma provocação, uma atitude insubordinaria, querendo desafiar os antigos regimes e todos os costumes. Os anos 80 e 90 continuaram a ser palco de transformações. Nestas décadas a moda começou a ser ainda mais utilizada como veículo de comunicação, defesa de causas, alteração de normas, meios de revolucionar pensamentos (Ewing, E. 2002).

No novo século XXI a moda viu entrar no seu sistema ainda mais sinais activistas que no século XX. Cada causa encontra-se abrangida e defendida em todas as áreas, desde a literária, política, artística, no design e na moda. No ano 2000 entraram no vestuário as estampagens de revolucionários, a face de *Che Guevara* tornou-se num símbolo de uma geração rebelde e desafiadora, este ícone foi tão usado para transmitir esta rebeldia que se tornou num cliché. Embora *Che Guevara*, *Kafiehs* e outros símbolos que suportam grupos ou com mensagens tiveram o seu auge pouco antes do começo da guerra do Iraque em 2003 (Marx, B. 2010).

Hoje em dia a moda continua a ser explorada como veículo de transmissão de mensagens, mais do que nunca somos mais revolucionários e conscientes das constantes mudanças (Ewing, E. 2002).

### 2.3.3. Design de Moda Activista

Verificamos vários casos de utilização de vestuário como forma de activismo em vários projectos realizados por designers de moda por todo o mundo, como o caso de *Lucy Orta* com o seu projecto vestuário refúgio, *Refuge Wear* (Chhabra, R. 2010).



Figura 19- Lucy Orta's "Refuge Wear", imagem de Chhabra, R. 2010.

Une o design de roupas com o activismo social e o seu fato, Figura 19, age como uma resposta visual para situações de miséria humana. São abrigos temporários e portáteis, servindo as necessidades mais básicas para protecção essencial no ambiente urbano. Os fatos provêm mobilidade e abrigos à prova de água para os habitantes. O fato de refúgio pode ser combinado em arquitectura *Nexus*, uma pequena modular e colectiva arquitectura. O fato pode ser fechado junto de modo a formar uma tenda colectiva, partilhando o calor corporal entre as unidades. O seu trabalho aponta situações de lástima e afirma que o seu trabalho não tem o objectivo de oferecer soluções, mas antes de mais é um ponto de partida para levantar discussões, criando comunidade e mobilizando para mudanças sociais (Chhabra, R. 2010).

Activismo visual conseguido através da construção de um design implícito simbólico, toda a peça compõe a mensagem transmitida. Esta é interpretada pelo sujeito que visualiza.



Figura 20 – Vivienne Westwood em Londres, apresenta sua nova linha de t-shirts activista. Imagem retirada de: <http://www.azcentral.com/style/fashion/articles/092805westwood-CP.html>

A *designer* de moda, *Vivienne Westwood* lançou uma linha de *T-shirts* para tomar uma atitude contra a legislação anti-terrorista proposta em Londres. Esta legislação propõe que os suspeitos de terrorismo sejam detidos por 3 meses sem uma acusação, em vez dos 14 dias definidos. Uma colecção edição limitada com fatos para bebés e *t-shirts* com legendas a dizerem “i am not a terrorist, please don’t arrest me”<sup>58</sup>, Figura 20 a *designer* usa uma destas *t-shirts*. Esta colecção tem o objectivo de juntar fundos para a organização *Liberty*, uma das maiores organizações de direitos civis em Inglaterra. Outros designs dizem “Liberty throw away the Key”<sup>59</sup> (AzCentral, 2010).

Este meio de activismo é conseguido através de mensagens escritas em Inglês no vestuário, comunicação escrita visual, além de conter uma imagem simbólica de um coração.

Certas marcas modificam o seu estatuto e tomam atitudes para consciencializar os consumidores e ajudar instituições de ajuda comunitária, ambiental, humanitária e

---

<sup>58</sup> TL- Eu não sou um terrorista, por favor não me prendem

<sup>59</sup> TL- Liberdade deitem fora a chave.

animal. Mudança de atitude através do melhoramento do processo de concepção, materiais e fabricação do produto (6R, 2010).



Figura 21 – “Hearth code”, Project 7, retirada de: <http://www.project7.com>

Project 7, uma empresa relacionada com causas que produz bens de consumo, como garrafas de água biológicas, pastilhas, *T-shirts*, rebuçados e café, com o objectivo de converter os produtos que o público consome para produtos amigos do ambiente além de produção sustentável e local. Além de que ao comprar os seus produtos estão a ajudar uma causa. As causas que apoiam vão desde alimentar os famintos, curar os doentes, esperança pela paz, casas de sem abrigos, educação para todos e salvar a terra, estando abertos a novas organizações sem fins lucrativos que pretendem apoio do projecto 7. Têm o lema de ‘dar de volta’, incentivando o seu consumo e instruindo este nas necessidades reais por todo o mundo. Um dos seus produtos é uma *T-shirt* com um coração feito em códigos de barras (Figura 21), que tem como simbolismo representar o comércio e o consumismo de hoje, até o amor e a compaixão têm um código de barras. Activismo através de imagem e interpretação da mesma (Project 7, 2010).

Outra empresa consciente, a *Apolis*, concentra-se na concepção e venda de vestuário, *Apolis*, grego para *cidadania global*, uma filosofia de que todos são gerados iguais. Representa uma comunidade global que acredita numa filosofia simples mas profunda, advocacia através da indústria. Um grupo de inovadores, designers e empreendedores que vêm nos princípios do mercado uma fundação para criar mudanças que perdurem. Esta ideologia guia o seu desenvolvimento e manufatura por todo o mundo sendo ancorado na palavra *Apolis*. Uma linha de vestuário masculino, desenvolvida em Los Angeles, vai buscar o algodão em Jinja, Uganda, onde dão oportunidade aos habitantes locais para serem donos e gerirem a sua própria indústria. Têm a linha de produção em Seattle numa empresa americana, e vendem em lojas de vestuário. Toda a produção das suas colecções tem raízes justas e sustentáveis. Neste caso não existe um activismo visual, mas uma tomada de consciência e atitude por parte da empresa (*Apolis*, 2010).

Várias empresas consagradas no mundo da moda tomam atitudes ecológicas e abrem-se a um novo universo. A empresa *Hermes* estuda o couro ecológico e tem uma linha de escritório feita a partir deste material. A *Redley* usa malha produzida com plástico PET, algodão orgânico e couro reciclado, feito a partir de sobras processadas. A *Osklen* criou compromissos que envolvem critérios de avaliação de materiais sustentáveis a serem utilizados pelas indústrias da moda têxtil (6R, 2010).

Stella McCartney não utiliza produtos de origem animal, todos os seus produtos não foram testados em animais e é uma activista da organização PETA. A Louis Vuitton inaugurou em 2007 o primeiro armazém verde que aproveita a luz solar e a água da chuva. Stella está ligada a várias instituições de caridade, muitas relacionadas com o ambiente e associações de protecção dos animais: *Adventure ecology*, *Animal Aid*, *The humane society*, *Fauna & Flora international*, *Peace one day*, *NRDC*, *PETA*, *Marine connection*, *Kanye West Foundation*, *Oceana protecting the world's Oceans* (McCartney, S. 2010).

*Vaute Couture* é uma pequena empresa de moda renegada, a sua missão é criar fabulosos casacos *vegans*, umas alternativas aos fabricos de origem animal é a razão da sua existência, outra razão é a natureza, as cidades ventosas e os artistas emergentes. Uma marca ecológica e vegetariana sediada em Chicago. Empregou e ainda dedica muitos

meses a pesquisar tecidos e tecnologias, de modo a utilizar tecidos com tecnologia reciclável e reciclados que são 100% *vegan* e feitos para a estação de Inverno. Muitas celebridades aderiram a esta marca usando os seus casacos elegantes, com *design* de artistas locais, materiais amigos do ambiente e dos animais, produzidos localmente, nada *made in China* ou equivalente com exploração por Multinacionais, é tudo pensado e produzido para ser eticamente correcto. Por detrás desta marca está *Leanne Mai-ly Hilgart*, uma promissora designer que desenha verde e ecológico, é uma activista desde os seus 8 anos de idade e pode ser encontrada a dar uma palestra na *Harvard Business School* (Vaute Couture, 2010).

Cada vez mais empresas investem na sensibilização e educação do público, ajudam organizações humanitárias, ambientais e protectoras dos animais, aliam-se a melhorar o planeta.



Figura 22 – Amina Tarek, Acto pró vegetariano. <http://www.anda.jor.br/2010/07/25/ativista-e-presa-por-fazer-ato-pro-vegetariano-na-jordania/>

Activismo em forma de vestuário simbolicamente expressado na capital da Jordânia, em Amã. Amina Tarek, uma activista da *PETA* (People for the ethical treatment of animals) vestiu uma sua amiga que usava um véu islâmico com um ‘vestido de Couves’ em plena rua, isto para apelar ao vegetarianismo. Além de chamarem atenção com o vestido



arquitectado por elas, segurava também uma placa com a frase: ‘ Deixe o vegetarianismo crescer em você’. As duas acabaram detidas pela polícia que afirmou que elas não tinham autorização para fazer o protesto (Anda, 2010).

Uma ideia verde e transmissora de uma mensagem significativa através da utilização do vestuário como meio comunicador. Além do conjunto do vestuário transmitir a mensagem, também tem um suporte escrito que acaba por transmitir literalmente o conteúdo da mensagem (Anda, 2010).

#### **2.3.4. Princípios do Design aplicados à moda**

No design de moda traduz-se 8 princípios que podem ser usados para guiar a concepção de uma colecção mais eficaz do ponto de vista intervencionista com o seu utilizador e visualizador.

Entre estes situam-se a repetição, o ritmo, a gradação, a radiação, contraste, harmonia, equilíbrio e a proporção.

Na repetição focaliza-se a simetria do corpo humano que exige a repetição, sendo a maioria das roupas simétricas espelhando-se o lado direito com o esquerdo, tal como o corpo humano. Encontra-se esta sequência de repetição nos botões de uma camisa, embora o olho humano esteja muito acostumado a ver esta repetição, a ausência desta acaba por atrair atenção.

O ritmo caracteriza-se pela repetição em forma de um padrão elaborado, ou botões distribuídos dois em dois ou repetição de um desenho diagonalmente, estampagens.

A gradação refere ao tamanho de um padrão que é repetido, seja numa sequência menor ou maior. Um exemplo são os tecidos degrade onde as cores apresentam-se em maior concentração nas extremidades e diminuem a intensidade à medida que se aproximam. a radiação parte de linhas que partem de um ponto em comum para direcções diferentes, um exemplo da radiação. Apresenta-se no design de moda frequentemente sob a forma

de drapeados e franzidos, que geram linhas em um ponto de origem, mas seguem direcções diferentes.

O contraste é dos princípios mais utilizados, faz com que o olho humano divida o seu foco de atenção sobre duas áreas. Quando usados em tecidos, um tecido áspero justaposto a um tecido liso, aumenta a percepção de cada uma das texturas. Quando usado em cores, o contraste cria ilusões de intensidade, dando ilusão de uma cor escura parecer ainda mais escura quando contrasta com uma cor clara.

A harmonia é dos princípios mais importantes, já que cria uma sensação de unidade e continuidade e cria uma imagem facilmente lida. Implica em combinações de elementos que possuam características próximas. Como utilização dos mesmos tons, mistura de texturas com o mesmo grau de rispidez.

O equilíbrio caracteriza-se pela distribuição do peso e importância visual dos elementos do design. Actuando na relação entre as partes de cima e de baixo do vestuário, quando o corte é dividido por um eixo imaginário horizontal na altura da cintura. Sendo neste caso o equilíbrio obtido através da compensação da parte superior, através de detalhes, pois esta área é menor que a inferior.

Por fim a proporção, o seu principal uso no design de moda, além das proporções do corpo, é avaliar a utilização de aviamentos. Como botões grandes não encaixarem numa camisa justa, e botões pequenos numa camisa ampla.

### **2.3.5. Principais elementos da criação de moda**

Existem também os principais elementos da criação de moda, sendo estes a silhueta, linha e texturas, e as formas.

- Linhas, formas, cores, texturas e pontos: Pontos de atenção como um decote, um bolso, ou uma flor.
- Discurso: combinação de textura com cor; dimensões com formas; e as mais variadas combinações entre linhas, rectas horizontais, verticais, diagonais, ou curvas diversas.

- Educação do olhar.

Nessas combinações, encontramos simetrias e assimetrias, contrastes e repetições, unidade, descontinuidade, ambiguidades, equilíbrios, harmonia, os mais diversos modos de organizar os elementos do discurso da roupa que se cria ou que se veste.

## **Capítulo 3 - Produto Final**

### **3.1. Formas de activismo dentro do campo da moda**

Moda é um veículo de transmissão de mensagens, um signo da nossa individualidade ou da nossa comunhão dentro de uma sociedade, um povo, um país, uma religião, uma segunda pele que expressa os nossos ideais, as nossas frustrações, visões políticas, preferências estéticas ou sociais, o nosso passado e futuro, origens e pretensões, um prolongamento de nós próprios se assim escolhermos.

Como forma de arte a moda tem um potencial avassalador, principalmente por esta ter um grande mercado de procura. Todos os indivíduos usam roupas, todos se sujeitam à influência que a moda exerce nas sociedades, de certa forma. Tal como o *design* está presente no dia-a-dia de qualquer indivíduo, mesmo inconscientemente. Assim sendo, é um veículo perfeito para actuar a favor ou contra uma causa.

Ao observar a moda em si e os seus potenciais, deparamo-nos com várias formas possíveis de comunicação, na utilização da moda como veículo de transmissão de mensagens. Com base numa ideia desenvolve-se uma atitude, uma postura relativamente ao objecto em causa, seja por causas ambientais, políticas, religiosas, de exploração humana ou no meu caso animal. A partir desta ideia adoptamos uma atitude no intuito de combater ou apoiar, ou instigar uma acção, com o objectivo de mudar, alterar, embutir uma ideia a outros, mudança. Para atingirmos a mudança podemos usar uma mensagem teórica, ou podemos apoiar-nos numa mensagem visual. Identifico assim 3 campos de activismo como método dentro do design de moda:

- **Atitude**

Atitudes morais tomadas pelas empresas para mudar o mercado e incentivar os seus clientes, em melhorar o planeta tanto no campo ambiental, social, ajudando comunidades, tornando o comercio justo. Empresas que se tornam verdes, ecológicas. No

campo da moda, marcas que eliminem o uso de peles e pêlo, abolição de fibras animais, focalizando no fim da exploração animal desnecessária.

- **Literário**

Teorias construídas, podem ser embutidas através de mensagens escritas, visuais feitas no vestuário. Meios de transmissão de uma mensagem através da escrita, pequenas frases que se tornam poderosos incentivos à defesa de causas.

- **Símbolos visuais**

“(...) na actual sociedade somos continuamente bombardeados comercialmente de luz, som e cor a prática da pirataria cultural estimula e cultiva uma literacia visual e retórica cada vez mais urgente.” (Vieira, T. 2007).

Símbolos visuais interpretados por imagens estampadas, padrões, um coração numa *t-shirt*. Um símbolo visual é mais importante pois pode ser lido independentemente do seu país e língua. Mas a cultura acaba por ser um factor importante, pois os mesmos símbolos que um indivíduo europeu interpreta um indivíduo africano avalia de modo diferente, isto devido aos símbolos a que estamos expostos ao longo da nossa vida, depende do conhecimento que temos relativamente ao símbolo exposto. Por exemplo, um cidadão português reconhece o galo de Barcelos como um símbolo português, um cidadão russo interpreta a imagem como um galo colorido sem qualquer significado. Sendo assim na interpretação é necessário encontrar símbolos que possam ser decifrados pelo nosso público-alvo. Também se pode optar por simplificar, para que várias culturas possam interpretar mais facilmente. Muitos artistas recorrem a metáforas visuais.

Mas, além de símbolos visuais através de uma imagem conhecida, podemos obter um símbolo visual conseguido através da construção do *design* como um todo, como no caso de Lucy Orta (capítulo 2, Figura 19), toda a construção indica a mensagem pretendida.

## **3.2. Colecções - elaboração do produto final**

### **3.2.1. Inspirações, bases**

Ao longo da minha investigação deparei-me com vários trabalhos criativos sobre activismo animal, através da fotografia, pintura, desenho, escultura, etc. Alguns destes trabalhos serviram de inspiração no meu projecto final, como base para um melhor entendimento da arte como meio de activismo e da representação do tema dentro das áreas artísticas, como também a melhor maneira de ultrapassar a barreira do simbolismo.



Figura 1 – “Know Whar you’re paying Fur”, TheAnimalLiberator.



Figura 2 – “Wearing Fur is Cruel”, Fur Free Alliance (FFA).

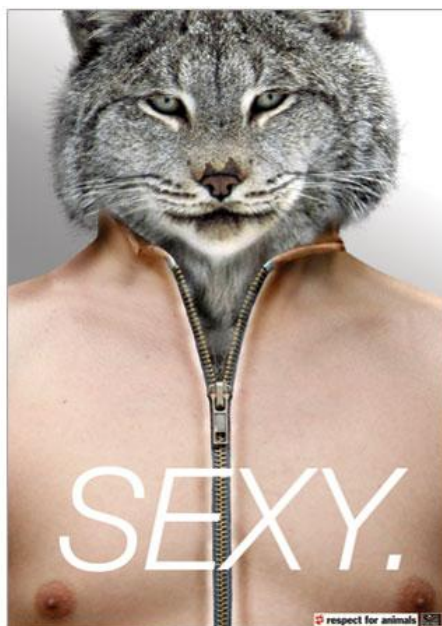


Figura 3 – “Sexy.”, Fur Free Alliance (FFA).



Figura 4 – “Cruel Fur.”, Fur Free Alliance (FFA).


























Figura 5– “They don’t Wear Us, so don’t Wear Them!”, Fur Free Alliance (FFA).



Figura 6 “Put Yourself in Their Fur, Fashion Victims”, Fur Free Alliance (FFA).



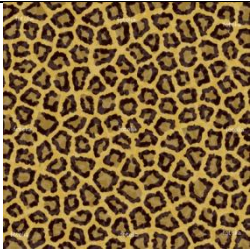



Silhueta	Corpo humano	Corpo animal	Pêlo animal
Contornos e formas			
Mutações humanas	Mutated Humans as Art: Lucy and Bart	Mutated Humans as Art: Lucy and Bart	
			
			
			

Bases imagens animais			
-----------------------------	---	--	---

LINHA FORMA			
			
			



			
--	---	--	---

TEXTURAS			
			
			

### **3.2. Colecção T-shirts**

No desenvolvimento deste projecto, pretendia focar na concepção de coordenados transmissores de uma mensagem através da interpretação do seu conjunto. Isto é, através dos seus componentes no design, na forma, a cor e padrões, os têxteis, incluindo as texturas e os tipos de tecidos. O facto é que maioria do activismo presente no design de moda provém principalmente do design visual através de imagens, ilustrações e frases escritas estampadas no vestuário.

A ilustração é um meio sempre bastante presente dentro do activismo, e um dos meios mais usados pelos designers de moda. Empregam como transmissor de ideias dentro do vestuário projectando-se em forma de estampagens, padrões no tecido, até relevos impressos. Uma imagem vale mil palavras, mas uma imagem pode ser lida de formas diferentes dependendo do olho que o vê, isto acaba por ser reflectido em base da informação priori que o visualizador já tem, ou mesmo da educação, da vida em sociedade e todos os signos que reconhece.

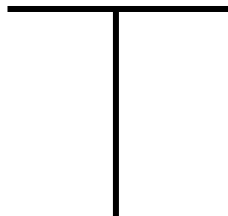
Em forma de literatura, é outro meio muito utilizado dentro do design de moda, talvez por ser mais directo e não dar tanta margem para interpretações pessoais. Representado através de estampagens, padrões, etiquetas, relevos impressos no material, pinturas. A mensagem literária é lida tal como é, embora muitas vezes os temas acabam por ser abrangentes dando espaço para o visualizador decifrar à sua maneira, mas para uma transmissão da mensagem mais objectiva é sem dúvida o método mais eficaz. Claro que embora mais objectivo este método também tem suas restrições ou desvantagens, encontrando-se também na capacidade do indivíduo em ler a mensagem, se sabe interpretar dependendo dos seus conhecimentos. Mas também outro factor, a língua. No caso da minha colecção utilizo a língua inglesa para comunicar, devido ao facto de ser a língua mais falada no mundo.

Tanto a ilustração como as frases escritas acabam por ser mais eficazes devido à maior facilidade em interpretar as mensagens representadas. Enquanto o design geral sem uma abordagem escrita ou uma imagem acaba por ser relativo, deixando ao visualizador uma

maior margem para interpretar à sua maneira, ou mesmo sem compreender o coordenado sem ter primariamente uma explicação.

No caso de uma das ilustrações que realizei, um porco é representado como Martin Luther King, júnior, um pastor, político e activista, que se tornou no símbolo da proclamação dos direitos dos cidadãos de origem africana, especialmente na América. Podemos reconhecer a personagem através da mensagem escrita “I have a dream”, que ficou célebre e tornou-se num ícone pelo seu discurso em 1963. Neste caso o indivíduo receptor da mensagem acaba por interpretar a mensagem através de símbolos que reconhece, como o facto de Martin Luther King ser o símbolo desta mensagem, e ser o símbolo de libertação e luta pelos direitos. Assim associamos o porquinho como sendo um novo Martin Luther King dos porcos, um novo cidadão que vem proclamar os seus direitos e dos seus concidadãos. Uma interpretação não só pela imagem visual de um porco num pódio a proclamar um novo discurso, mas principalmente pela mensagem escrita que nos remete a uma figura importante na história dos direitos humanos.

Silhuetas:



### **3.3.1. Ilustrações**

No âmbito do projecto, realizei 4 ilustrações que teriam o propósito de se tornarem estampagens para as t-shirts que criei. Estas ilustrações foram analisadas pelo Professor Doutor Caseirão que deu o seu parecer e me auxiliou a criar imagens uniformes e perceptíveis que servissem o seu propósito.

Na realização destas ilustrações, concentrei-me no factor comunicação, remeter uma mensagem perceptível pelo cidadão comum. Consistindo na base do activismo animal, todas as ilustrações pretendem transmitir mensagens de oposição ao especicismo, apresentando animais como seres com direitos e reivindicadores da sua independência.

Tal como, em toda a história, cidadãos se ergueram e exigiram os seus direitos, hoje uma nova espécie incita a sua liberdade, representação dos animais a erguerem-se e a lutar.

A escolha do porco como animal representativo foi devido ao facto de ser considerado um animal inferior por muitos, sem ser considerado sagrado ou importante noutros países, como a vaca, o porco é visto como um animal imundo, que come tudo o que lhe oferecem. Todas as partes do porco são usadas pelo homem, são comidas e aproveitadas. Na escolha do porco como representação desta comparação deu-se também pelo facto de ser um animal tão diferente do homem, mas ao mesmo tempo com uma pele rosada muito similar com o homem caucasiano. Mas principalmente pelo factor de ser um animal criado especificamente pelo homem para um único objectivo, a sua utilização como alimento. O porco nasce, come, anda, vive basicamente em função de ter somente uma utilidade, ser alimento. E normalmente este animal tem um tempo curto de vida, vive somente até ser gordo o suficiente para depois ser abatido, processado, todas as suas partes retiradas e cada uma para o seu canto até parar numa estante de um super mercado aonde seguidamente vai para o prato, para a boca do homem comum.

O porco é somente mais um, somente um dos muitos animais que se encontram nesta rede de exploração maciça de animais por parte do homem.

Cada ilustração tem o seu próprio meio de comunicação, seja pela identificação de um objecto de uso comum, como um porta-chaves. Seja pela identificação de uma frase associada a uma figura política e pacífica. E por fim, a identificação de um facto comum, de uma imagem comum mas exagerada e figurativa, como uma boca a engolir um conjunto de cabeças de vários animais

#### **3.3.1.1. Ilustração A – Porco Político**

Na primeira ilustração encontramos um porco a recitar um discurso original de um político dos anos 60.

Esta ideia surgiu-me ao ver o discurso de Martin Luther King, em 1963, junto ao monumento nacional americano Lincoln Memorial. O discurso deste entusiasta político e

activista era apaixonante, confiante e representante de uma revolução eminente, incitador de mudança, defensor de direitos humanos e da igualdade entre os homens.

Ao deparar-me com o facto de os animais não poderem falar ou escrever como nós, de comunicar com o homem através da fala, perguntei-me se pudesse existir um símbolo dos animais como o senhor King, se um animal ergue-se e fala-se, exigindo e requerendo os direitos dos animais, como um justiceiro, como um herói da nação dos animais. Um ser que luta por esta causa de defesa dos direitos dos animais.



Figura 7 – Ilustração A, Porco Politico.

Materializei esta ideia para o papel, escolhendo o porco como animal representativo deste ser defensor da causa, identificando este com símbolos do homem, realizando acções típicas do homem e nunca visto num animal, como um porco a realizar um discurso num pódio com vários microfones, e a discursar frases iguais ao discurso de Martin Luther King em 1963, embora o senhor King luta-se pelos direitos do homem de cor diferente, e a igualdade entre os homens, este porco luta pela sua espécie e outras espécies exploradas pelo homem. Ao colocar este animal a expressar uma frase usada



antes num discurso sobre liberdade e igualdade estou a transmitir estes mesmos sentimentos e vontade para o animal. Um meio de comparar a busca pela igualdade entre homens e a busca de igualdade entre espécies.

### **3.3.1.2. Ilustração B – Porco porta-chaves**

Na segunda ilustração pretendo expressar o uso indiscriminado dos animais e a apropriação desmedida de um animal. Comparar animais a objectos que são utilizados como se não tivessem quaisquer direitos e vontade, como simples coisas que usamos e deitamos fora, sem significado para nós, sem significado para a vida e para o mundo. Pretendia representar um animal como se fosse um objecto, e ao analisar os objectos à volta do homem, um objecto que a maioria utiliza inocentemente e naturalmente, que nos acompanha no nosso dia-a-dia. Um porta-chaves. Este objecto pode ser qualificado como o objecto que todos nós possuímos e sem grande objectivo, sem grande utilidade, mas para somente acompanharem as nossas chaves de casa, ou do trabalho, ou do carro. Hoje em dia existe porta-chaves com mais funcionalidades além de acompanhar chaves, certos contêm lanternas para iluminar as fechaduras, outros contêm muitas funcionalidades. Mas ao olhar para um simples porta-chaves, consideramos este com um objecto, um objecto que possuímos, que dizemos que é nosso pois foi comprado ou oferecido, ou até encontrado. No final este objecto pertence ao indivíduo para fazer o que bem entender. Será então o objecto perfeito para comparar com os animais usados e explorados como se fossem meros objectos. Sendo assim utilizei esta comparação e elevei ao facto de colocar um animal como se fosse um porta-chaves.



Figura 8— Porco Louis Vuitton, artista Win Delvoye

Ao longo da minha pesquisa deparei-me com um artista inglês, Wim Delvoye, que realiza tatuagens em animais como forma de arte, afirmando que o porco não sente dor, embora duvido que este tenha perguntado ao porco se sente ou não dor.

Este artista realizou uma tatuagem bastante interessante e controversa num dos seus porcos. Tatuou o símbolo da Louis Vuitton nos seus porcos, uma marca conceituada e muito famosa de moda que utiliza as iniciais LV entre outros símbolos nos seus produtos para manifestar a pertença destes, este símbolo é muito prestigiado. Estes porcos têm as suas costas cobertas com os símbolos da Louis Vuitton na cor vermelha, parecendo que estes porcos são mais uma linha de acessórios da marca, pois é típico encontrar estes símbolos nas malas da LV, acessórios e roupas, até perfumes. Podendo ser interpretado como uma sátira à indústria da moda e das marcas que controlam o mercado da moda.

Ao deparar-me com esta imagem de um porco como sinonimo de pertença a uma marca, com uma assinatura, um símbolo perfeito para a comparação de um animal com um

objecto. Assim, utilizei esta ideia de um porco verdadeiro e marcado com símbolos de uma marca como o objecto para a realização desta ilustração.



Figura 9 – Ilustração B, Porco porta-chaves

Uma fusão de um porta-chaves com um porco verdadeiro, criando um porco porta-chaves, um sinónimo a representar a exploração dos animais como se fossem objectos. Com uma etiqueta a indicar ao utilizador que pode usar como quiser, como um objecto. Esta ilustração pretende alertar para o factor da exploração animal desenfreada, é um alerta para o reconhecimento dos direitos dos animais, abstraindo a presença destes como meras coisas que podem ser usadas e utilizadas pelo homem, mas sim seres vivos que merecem respeito e consideração, dignos de uma vida plena e em liberdade.



Figura 10 – Pormenor, ilustração B, Porco porta-chaves. “For unlimited use and exploration”.

Um pormenor na ilustração (Figura 10), uma etiqueta agarrada na pata do porco a indicar “For unlimited use and exploration”<sup>60</sup>, como um objecto com instruções de uso.

#### **3.3.1.3. Ilustração C – Boca Animal**

Esta ilustração representa uma ideia mais primitiva e mais crua e simples, uma boca humana enorme e garrida, engole um grupo de cabeças de animais monocromáticos. Enquanto, que a boca é mais vida e mais atraente e chamativa, representando a importância do homem como espécie que exerce a sua supremacia, sendo maior e sobrepondo-se a todos os outros animais. O grupo de cabeças de várias espécies de animais são a preto e branco, pequenas e aglomeradas, como que menos importantes formando um todo que é engolido pela boca humana, muito facilmente. Esta imagem representa a ganância humana em devorar completamente todas as outras espécies, de uma só vez, sem consideração pela subsistência destas. Uma representação mais simples e crua do domínio do homem entre as espécies e do abuso desta predominância e superioridade.

---

<sup>60</sup> TL– Para uso ilimitado e exploração.



Figura 11 – Ilustração C, Boca Animais.

#### 3.3.1.4. Ilustração D – “No More”

Ilustração “No More” surgiu como uma proposta de uma colega minha Cláudia da Lot, e foi a última ilustração que elaborei em Photoshop através da colagem de várias imagens que arranjei de vários sites diferentes. Consiste basicamente na exploração animal nos sector da moda, na utilização do pêlo animal nas *passerelles* e na falta de conduta dos indivíduos que escolhem comprar e usar este tipo de vestuário sem analisarem as repercussões e maus tratos por qual animais sofreram para obterem aquela peça. Mais um exemplo de animais a defender a sua existência, um animal que se torna num activista. Esta imagem serve para identificar a falta de voz e de presença dos animais dentro das nossas sociedades, devido a não puderem comunicar com o homem acabam por não conseguirem defender-se a si próprios. A necessidade de outros indivíduos que falem por estes.

Nesta ilustração que denuncia a exploração animal no sector da moda, vemos presente o factor de crueldade animal, na forma de uma marta esfolada, a pender da mão de uma mulher que usa uns grandes saltos altos e um casaco de pêlo de marta<sup>61</sup>, enquanto desfile numa passadeira vermelha viva. Esta é perturbada por outra marta, viva, que segura um cartaz com as palavras “No More, We wont go! We wont bleed anymore for you!”<sup>62</sup>, explicitando a sua revolta em serem usados como simples acessórios de moda. Tal como muitos activistas saltam para cima das passerelles em plenos desfiles de moda, neste caso o próprio animal impede o próprio desfile para protestar ele próprio pela sua espécie. Pormenor: Enquanto a marta viva protesta, o seu olhar foca-se na marta esfolada, relacionando-se com esta, como se fosse seu familiar. Uma evocação ao sentimento humano comparando, e se fosse a sua mãe ou irmã, ou marido ali esfolado, as vezes vivo para sua pele se tornar num acessório de moda.



Figura 12 – Ilustração D. “No More”

---

<sup>61</sup> Mink em Inglês, um dos animais mais utilizados na indústria de pêlo.

<sup>62</sup> TL- “Mais não! Nós não vamos! Nós não sangramos mais por você!”

### **3.3.2. T-shirts**

Elaboração de 4 t-shirts personalizadas para a estampagem das ilustrações elaboradas. Cada T-shirt tem a sua própria identidade e rebeldia embutida no seu corte, cada design adequado de modo a coordenarem-se com a estampagem destinada. Todos os coordenados foram confeccionados com malha de jersey de algodão branco.

#### **3.3.2.1. T-shirt A**

T-shirt A, em silhueta T, com mangas rectangulares que descai em drapeado. Sem encaixes ou cortes, as mangas pertencem ao tronco. Costuras feitas especialmente com pequenos buracos onde se costurou fitilho preto, uma fita preta especial, para servir de umas costuras rudes e que se notem. Sem bainhas ou costuras à máquina, deixado cru. Dois pequenos actos de rebeldia. Decote justo ao pescoço sem acabamento.

#### **Desenho Plano**

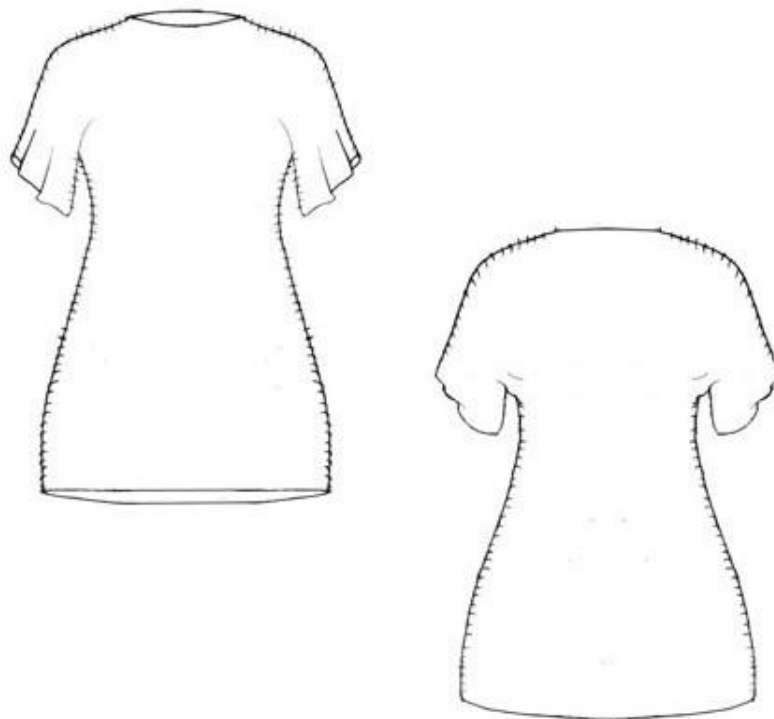


Figura 13 – T-shirt A, Desenho Plano.

### **3.3.2.2. T-shirt B**

T-shirt/Vestido, silhueta T, uma t-shirt comprida que dá para usar como vestido, as mangas personalizadas em forma de balão pertencendo ao corpo, finalizadas abaixo do cotovelo em forma de tubo aplicado. O tronco é composto por dois encaixes, um central na frente que compõe as mangas, e outro grande encaixe que cobre as costas embutido no encaixe da frente fazendo pequenos drapeados. Decote justo sem acabamento, tal como a bainha e nas mangas.

#### **Desenho Plano**



Figura 14 – T-shirt B, Desenho Plano.



### **3.3.2.3. T-shirt C**

T-shirt personalizada comprida, silhueta T, justa, com mangas normais justas com um encaixe a partir do cotovelo terminando no antebraço. Encaixe nas costas com várias tiras horizontais recortadas. Decote barco com acabamento, bainha com acabamento de malhas tal como mangas. Esta t-shirt com as costas “rasgadas” tem um simbolismo mais forte de rebeldia jovem e desafio.

#### **Desenho Plano**

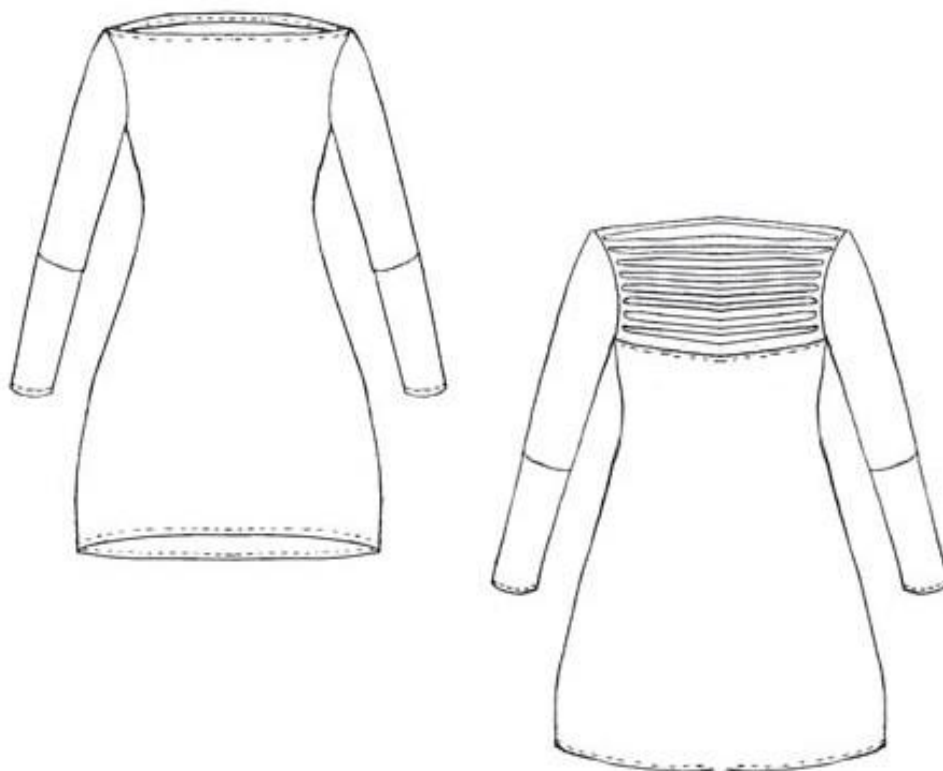


Figura 15 – T-shirt C, Desenho Plano.

#### **3.3.2.4. T-shirt D**

T-shirt comprida, silhueta T. composta por dois encaixes principais, um superior que abrange as mangas e um inferior mais simples e cru. Encaixe superior composto por tiras de malha horizontais cozidas, costas abertas com dois encaixes que servem como alças de suporte, decote em forma V justo, todo o encaixe superior tem acabamento com costuras. Encaixe inferior com uma bainha desigual sem acabamento, deixado em cru.

#### **Desenho Plano**

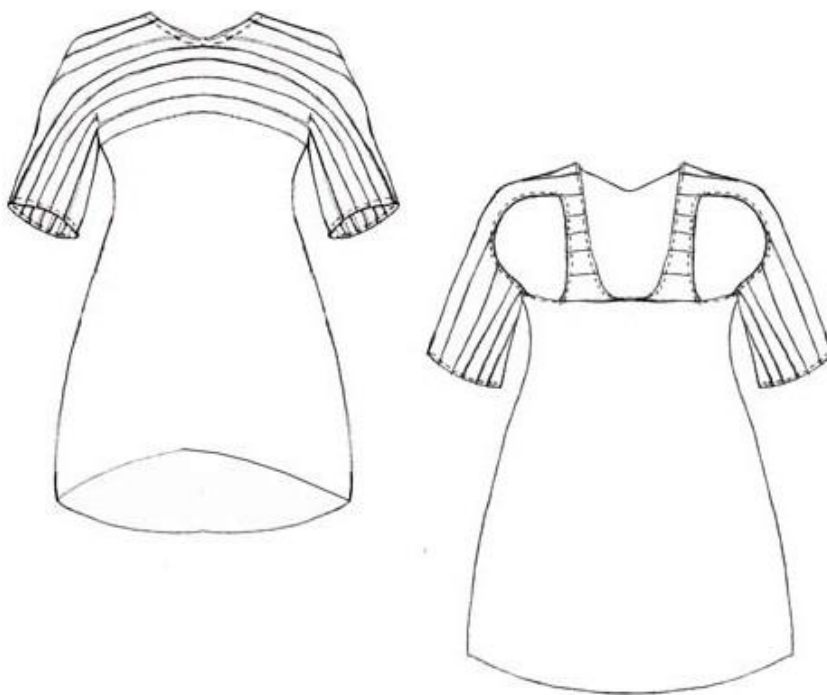


Figura 16 – T-shirt D. Desenho Plano

### 3.3.3. Look Book

Sessão fotográfica com os coordenados, realizada a 29 de Novembro de 2010 em Lisboa, para visualização do visual total – Look Book.

Acessórios que compõem look book de T-shirts: Pulseira de pedras brancas, Capacete preto, Tiara de plástico, Sapatos de salto alto pretos da Stradivarius, Leggings Pretas da Zara.



Figura 17 – Look Book Tshirts, imagem geral.

### **3.3.3.1. Peça A – Porco politico**

Estampagem da Ilustração A na T-shirt A, look total frente, lado e costas.



Figura 18 – Peça A, Ilustração A, Porco Politico, Look Book.

### **3.3.3.2. Peça B – Porco porta-chaves**

Estampagem da Ilustração B na T-shirt B, look total frente, lado e costas.



Figura 19 – Peça B, Ilustração B, Porco porta-chaves, Look Book.

### **3.3.3.3. Peça C – Boca Animais**

Estampagem da Ilustração C na T-shirt C, look total frente, lado e costas.



Figura 20 – Peça C, Ilustração C, Boca Animal, Look Book.

#### **3.3.3.4. Peça D – “No More”**

Estampagem da Ilustração D na T-shirt D, look total frente e costas.



Figura 21 – Peça D, Ilustração D, “No More”, Look Book.

### **3.4. Colecção Design conceptual**

A idealização da moda como veículo activo dentro do activismo a favor dos animais deve-se ao factor da comunicação e aproximação da moda ao indivíduo, e desta como forma de arte. Vários *designers* de moda utilizam as suas colecções como veículo difusor de mensagens e ideais, realizando peças de vestuário com mensagens embutidas dentro destas, através das formas do *design*, construções, de símbolos, frases, signos que serão entretanto decodificados pelo indivíduo visualizador, ou então pela comunicação social que tratará de decodificar esta para o público que visualiza.

#### **3.4.1. Primeira abordagem**

Na minha primeira abordagem a este desafio pretendia incitar a revolta, construir símbolos no vestuário que representassem as crueldades que os animais suportam devido à nossa ganância humana. Utilizei vários símbolos para comparar o homem com o animal, o pêlo animal com a pele humana que seria representada através de uma napa dourada, que simbolizava o ouro, o metal precioso para o homem, o símbolo de mais valor, mais poder, mais importância, mas que embora tão valioso é para o homem não vale nada para os animais, pois somente o homem dá valor a este metal. E o pêlo animal no outro extremo, colocando um ao lado do outro, a superioridade humana versus a humildade dos animais. Isto numa tentativa de justificar que somos todos iguais, embora as nossas peles possam ser diferentes, ambas têm a mesma importância, dado que todos somos animais.



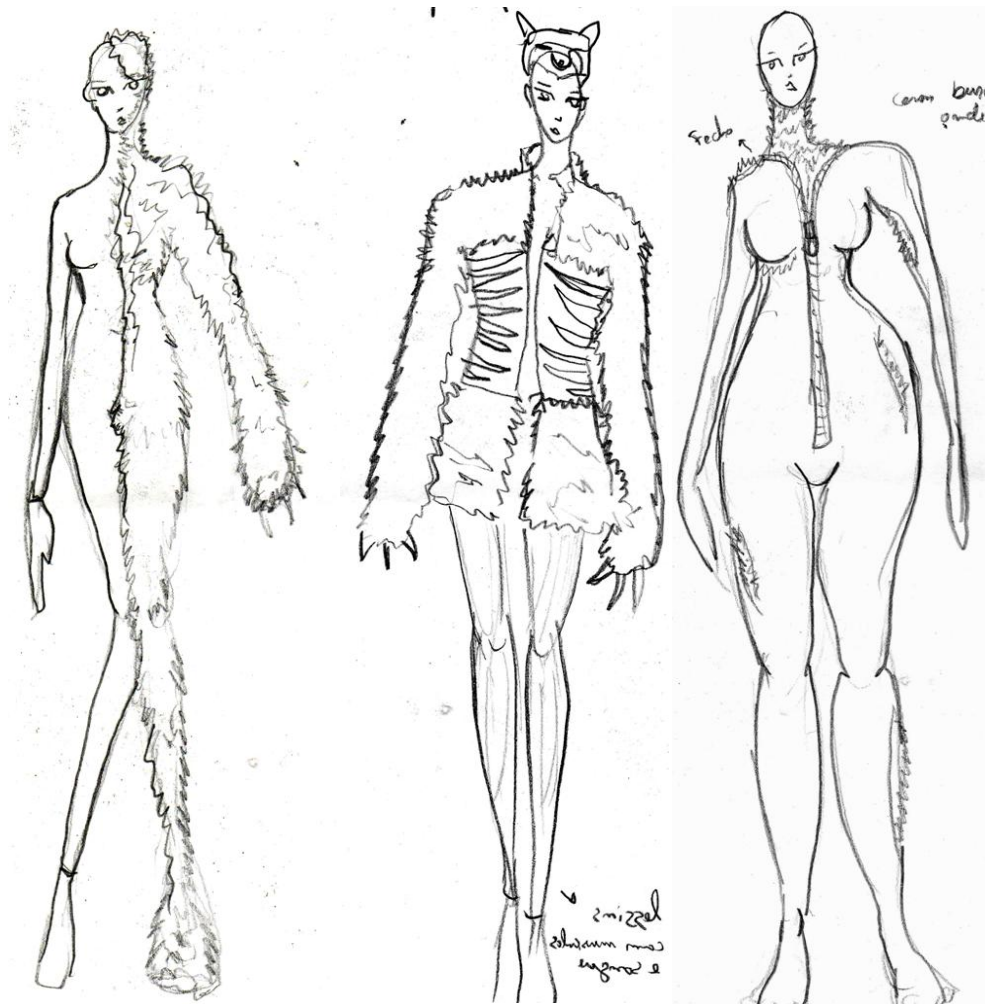


Figura 22 - Esboço de primeira abordagem, colecção. Da esquerda para a direita: Coordenado X, coordenado Y, Coordenado Z.

Na planificação desta primeira hipótese de colecção (figura 22), procurei criar um design mais visual e tátil, que comunicasse mais facilmente a mensagem pretendida, uma mensagem sobre especismo. Concentrei-me em fazer um *design* mais básico e objectivo, focado em formas morfológicas humanas, no corpo humano e na mutação orgânica deste. Construir coordenados que incitassem um sentimento para com a causa animal, expondo a pele animal e a pele humana, e ao criar formas chocantes e ao mesmo tempo intrigantes.

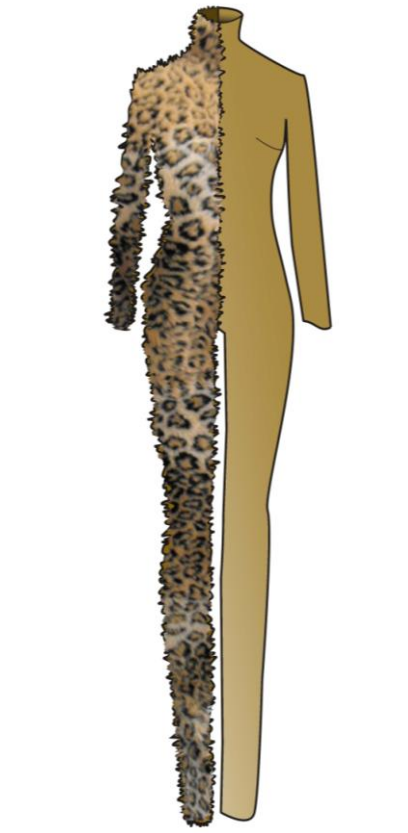


Figura 23 - coordenado X – Ilustração de coordenado de primeira abordagem

A planificação do primeiro coordenado, origem da ideia, pretendia visualizar o homem como um animal, igual a todos os outros, não estando à frente nem a cima mas ao lado. Sendo assim, planifiquei um coordenado que representasse uma metade animal e a outra metade humana, mas transmitindo o espécismo, isto é, a superioridade do homem nesta figura.



Figura 24 – coordenado X, fotografia, localização: Faculdade de Arquitectura, Setembro de 2010.

Sendo o coordenado um macacão com a forma do homem, pernas e braços, metade, isto é, como se o corpo fosse dividido pelo seu eixo central no umbigo, nádegas, peito. Uma metade representaria o lado animal, o pêlo animal, escolhi um pêlo sintético com padrão de chita. A outra metade feita de napa dourada, um tecido sintético que é similar ao couro sintético, que representasse a pele do homem. Sendo o ouro o metal mais valioso, e a pele do homem a pele mais valiosa, de acordo com o próprio homem comum, a napa dourada serve como identificação simbólica da pele do homem. Uma comparação simples mas significativa que se eleva ao significado económico que um metal tem para o homem, mas em relação ao valor destes para com o animal, tem valor nulo.

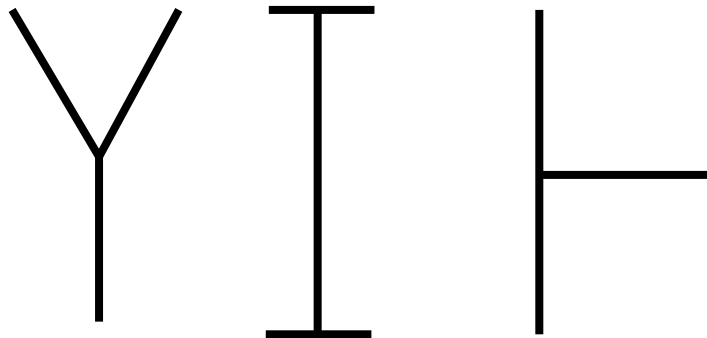
Na criação de uma forma intrigante e chocante, planifiquei o coordenado Y da Figura 22, idealizando um casaco de pêlo, sintético, que funcionasse como o pêlo de um animal ainda com as patas e a cabeça deste, e o encaixe no meio deste são os ossos e músculos

do animal, uma representação do que realmente é um casaco de pêlo animal, um cadáver de um animal.

### **3.4.2. Segunda abordagem – Colecção Final**

Na segunda abordagem pretendia continuar com a mesma ideia de transfiguração do animal e homem, a ideia da mutação com o objectivo de transmitir uma mensagem referente ao especismo. Mas ao mesmo tempo tendo uma vertente do vestuário, com exuberância e inovação do design ao explorar formas e sua conjugação com tecidos finos e elegantes. A expansão de uma segunda pele, *second skin*, para formas de vestuário, como encaixes animais colocados em *designs* apelativos. Utilização de padrões animais em materiais têxteis de fibras sintéticas, não esquecer a origem da própria seda<sup>63</sup>, e malha de algodão com elastano para a elaboração das segundas peles, de cor de pele ou salmão.

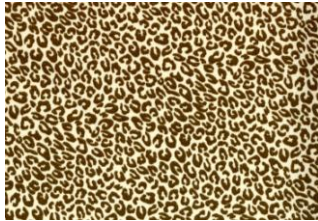
Silhuetas: Escolha de silhuetas moldadas ao corpo humano, mais justas



---

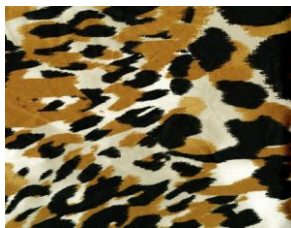
<sup>63</sup> Seda – A obtenção da seda vem do bicho-da-seda, nas indústrias de produção de seda criam milhões de bichos-da-seda, utilizando manipulações de ambiente e por vezes genéticas, forçam os bichos-da-seda a passarem a fase de metamorfose para poderem matar estes nos seus casulos de modo a usarem os fios de seda que produzem, se os deixassem eclodir, a mariposa iria destruir a seda através de um suco próprio para poder se libertar do casulo. Mais um caso de exploração animal na indústria do vestuário. <http://www.centrovegetariano.org/Article-47-A%2BProdu%25E7%25E3o%2Bde%2Bseda.html>

**Tecidos/ cores/ Padrões**



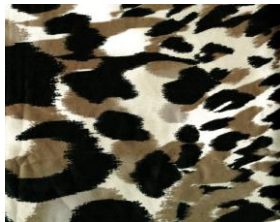
Tafetá acrílico – Padrão chita usado no coordenado A e B

(Padrão chita castanho)



Tafetá acrílico – Padrão tigre usado no coordenado D (Padrão

tigre castanho)



Tafetá acrílico – Padrão tigre usado no coordenado C (Padrão

tigre cizento/verde)



Malha Jersey poliamida – Usado no coordenado B e D, Salmão.

(cor de pele)



Malha Jersey poliamida – Usado no coordenado A e C,

Salmão (cor de pele)

### **3.4.2.1. Ilustrações e Desenhos Planos**

Segue-se os 4 coordenados finais, ilustrações de frente, coloridos com as estampagens usadas, elaborados em Photoshop. E desenhos planos, frente e costas com pormenores, elaborado em CorelDraw 5.

#### **3.4.2.1.1. Coordenado A**

Vestido *second skin*, malha jersey com pregas de tafetá acrílico (Padrão de chita castanho), estampado com pregas dispostas horizontalmente no tronco abaixo do peito. Mangas unidas personalizadas, compridas e largas, como se tivesse pele a mais. Gola alta, com abertura com um fecho invisível de 60 cm nas costas. Máscara justa com 4 tiras horizontais de tafetá acrílico com estampagem chita castanho na face da mascara, abertura atrás com um fecho invisível de 20 cm.

#### **Ilustração**

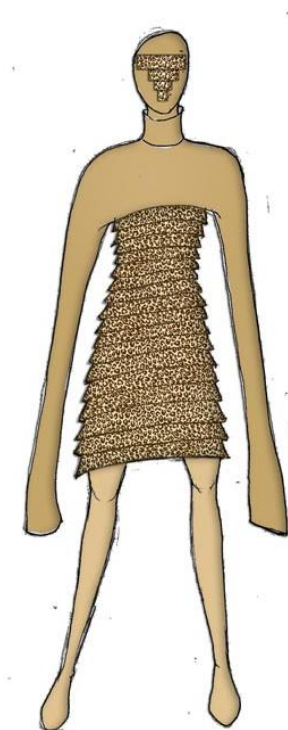


Figura 26 – coordenado A. Ilustração. Photoshop.

**Desenho Plano**

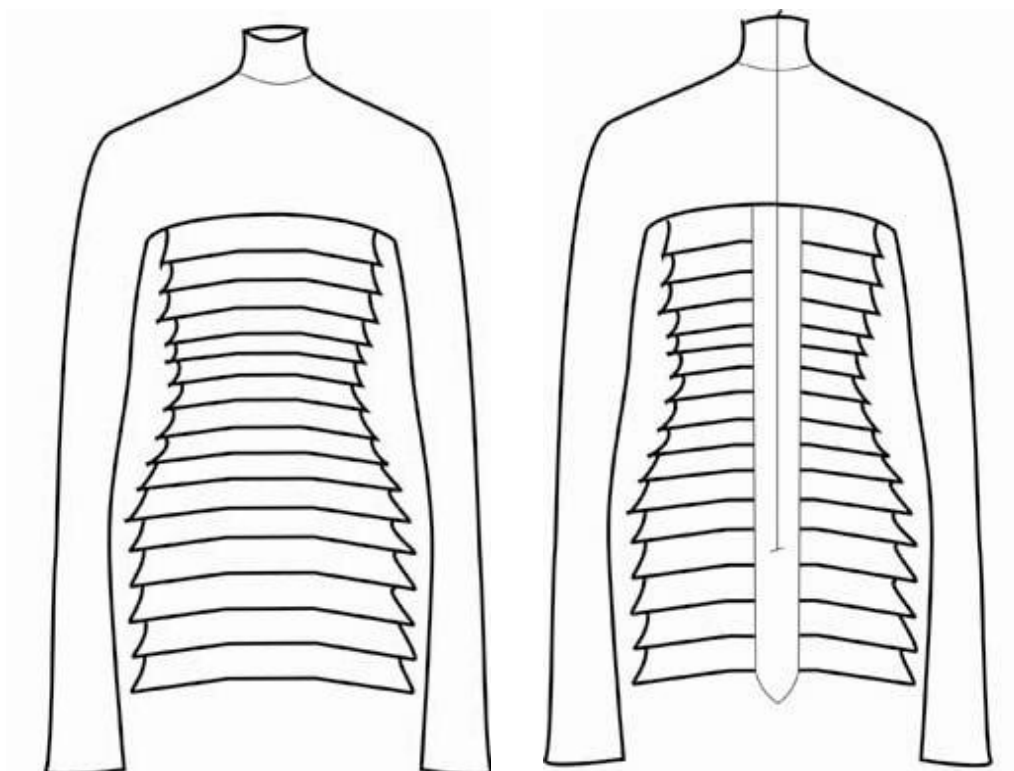


Figura 27 – coordenado A, Desenho Plano, Coreldraw 5.

#### **3.4.2.1.2. Coordenado B**

Macacão *second skin*, malha jersey com pregas de tafetá acrílico (Padrão chita castanho) dispostas horizontalmente nas laterais exaltando a forma feminina. Mangas normais compridas justas, anormalmente compridas. Gola alta, abertura feita através de um fecho invisível de 60 cm nas costas. Máscara justa com um encaixe de tafetá acrílico estampada, abertura atrás com um fecho invisível de 20cm.

#### **Ilustração**

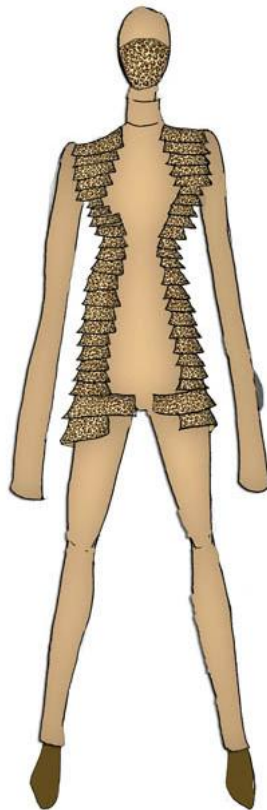


Figura 28 – coordenado B, Ilustração, Photoshop.



**Desenho Plano**

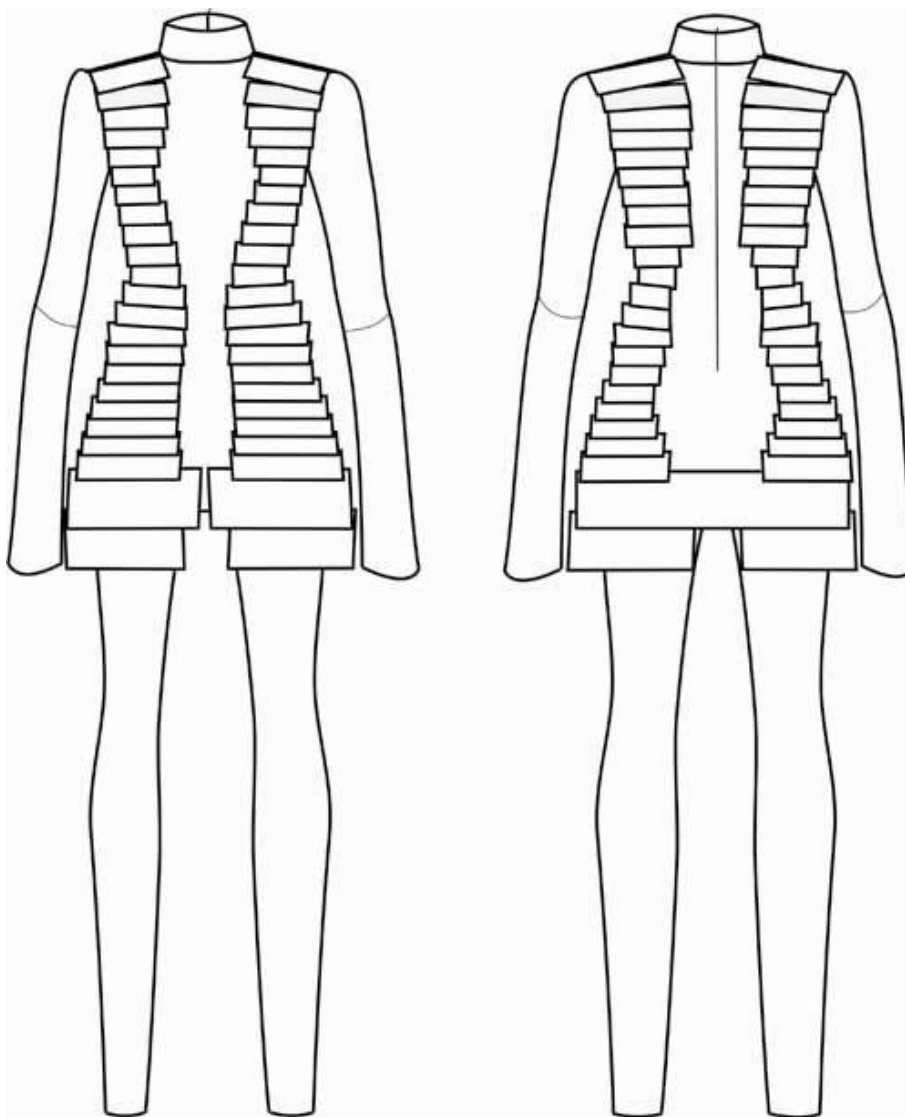


Figura 29 – coordenado B, Desenho Plano, Coreldraw 5.

#### **3.4.2.1.3. Coordenado C**

Macacão *second skin*, malha jersey e tafetá acrílico (Padrão tigre cizento/verde) com encaixes aplicados, encaixe superior compõem-se com mangas balão anormalmente compridas, como pele extra, encaixe no cotovelo e seguimento da manga em tubo. Gola alta com um encaixe até ao peito. Saia balão aplicada ao macacão, com cós em bico descaído, 3 pregas laterais de cada lado que formam drapeados que formam um V. Abertura nas costas com um fecho invisível de 60 cm.

Tal como nos outros coordenados, este contém a segunda pele humana, e pegado a este vários encaixes de tecido com estampagem de um padrão animal, simbolizando o uso dos animais para embelezar o homem e a mulher, como meros encaixes que mal se adequam ao corpo humano. As mangas balão a compor o exagero deste uso, e a saia balão com pregas, as mangas muito compridas e exageradas que representa o exagero deste tipo de crueldade e a pouca relevância que no final damos a estas, considerando normal e um costume. Uma tradição? Mas seria de esperar que a maioria das tradições que passam por actos de crueldade para com outras espécies, sejam elas similares ao homem ou não, acabassem, cessassem o mais rapidamente possível, mas o facto é que muitos preferem manter os olhos fechados, será assim mais fácil continuar com estes horrores e com os prazeres que advêm destes para o homem. Relativamente a este facto todos os coordenados contém os olhos tapados, não só como um véu da vergonha, mas como um símbolo do quanto cegos podemos estar para com certos assuntos, e como preferem manter os olhos fechados do que realmente enfrentar a realidade, admitir o erro, e mudar... Estes coordenados falam mais do que simples símbolos de activismo pró animal, falam sobre o sedentarismo humano e comodismo que insiste em prevalecer, no facto de nos cobrirmos com várias camadas de “tecidos” para não ter que enfrentar a realidade. O facto de ao tomar certa atitude poder estar a influenciar completamente algo muito mau do outro lado do mundo, mas devido a ser mais barato, mais saboroso, mais cómodo preferimos nem saber e continuar a viver na “ignorância”. De olhos bem fechados, com um véu propositadamente colocado nos seus olhos para não ter que mudar.

Todos os coordenados contém a “second skin”, segunda pele, que simboliza uma carapaça, um escudo que mantém para se diferenciar e proteger a sua visão das

realidades que infligem para com os animais, como muitos dizem o que os olhos não vêem coração não sente, então mantemos esta carapaça para não ter que ver de modo a que não tenhamos que sentir. Pois qual será a diferença entre o cão que tanto amamos e uma vaca que tanto gostam de comer? Ou um cachorrinho e a tenra vitela? Ambos animais, ambos “abaixo” do homem, ambos objectos que utilizam. Mas para com um tem-se sentimentos profundos de afecto e outro desprezo o suficiente para o utilizar somente como animal e não lhe dar uma vida digna e justa como todas as criaturas neste mundo merecem.

### **Ilustração**



Figura 30 – coordenado C. Ilustração. Photoshop.

**Desenho Plano**

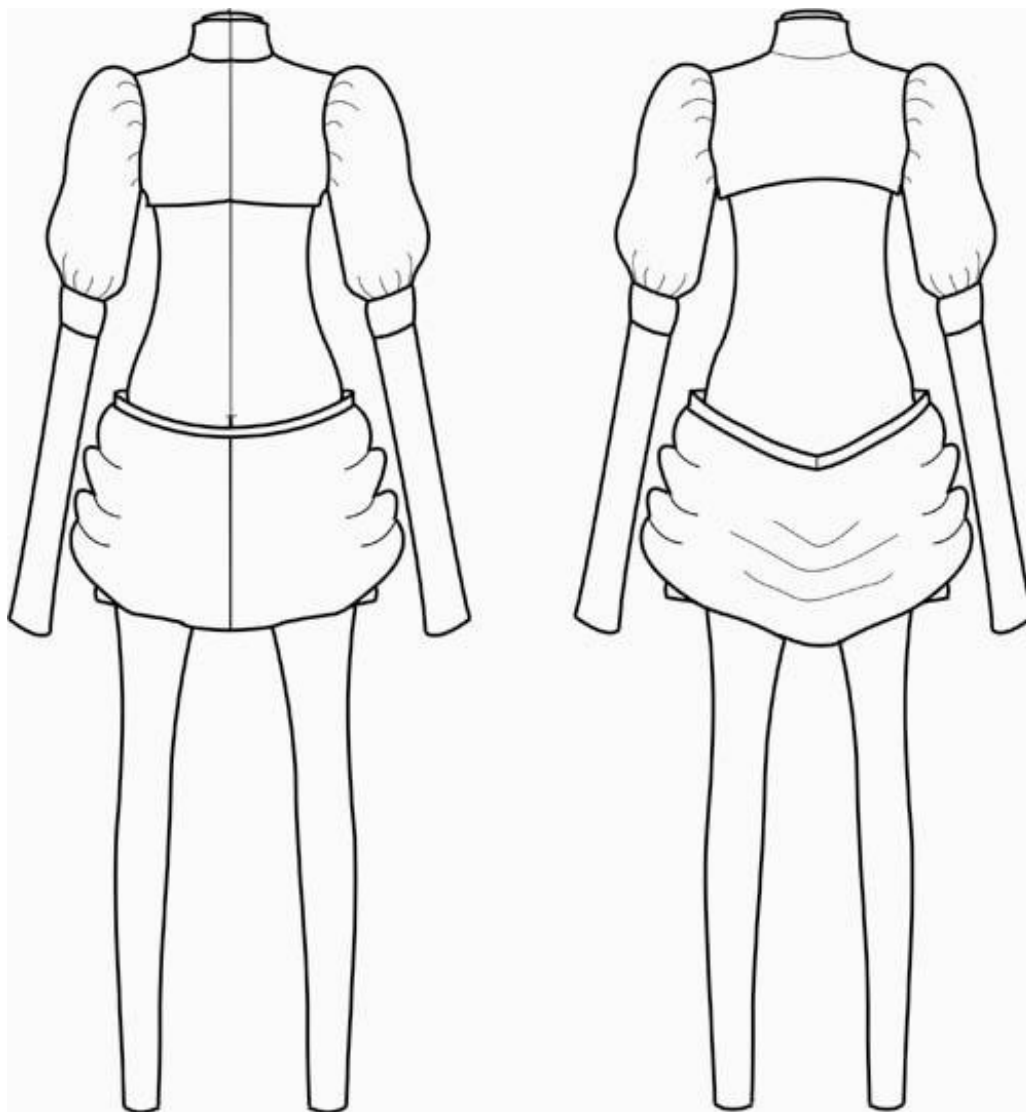


Figura 31 – coordenado C, Desenho Plano, Coreldraw 5.

#### **3.4.2.1.4. Coordenado D**

Macacão metade *second skin* de malha jersey de poliamida e outra metade de tafetá acrílico (padrão tigre castanho). Metade *second skin* com uma manga de malha entrelaçada, um encaixe no joelho e gola alta. Metade animal, com uma manga balão, com um encaixe no cotovelo, seguindo-se em manga em tubo muito comprida, como com pele a mais. Fecho preto grande de metal entre a divisória humana e animal, podendo ser aberto ou fechado. Abertura feita pelas costas com um fecho invisível de 60 cm. Máscara justa de malha Jersey de poliamida com fecho invisível de 20 cm na parte de trás.

Representação de uma metade humana e uma metade animal evocando a igualdade entre as espécies e a necessidade de nos considerarmos iguais e não superiores. O grande fecho simboliza a divisão enraizada que existe entre estes, e a divisão que o homem faz entre as espécies de modo a poder justificar a crueldade exercida. Em todos os coordenados tenham esta simbologia, este último coordenado é aquele que melhor representa a mensagem de activismo animal através do vestuário, numa vertente de aproximação pela igualdade, uma mensagem de paz e compreensão que se pretende transmitir. As mangas representam a complexidade desta luta, por um lado a pele humana torcida e embutida na sua complexidade, e no outro lado animal, uma manga balão representando a indústria das peles que usa os animais para embelezar o homem.

**Ilustração**



Figura 32 – coordenado D, Ilustração, Photoshop.

**Desenho Plano**

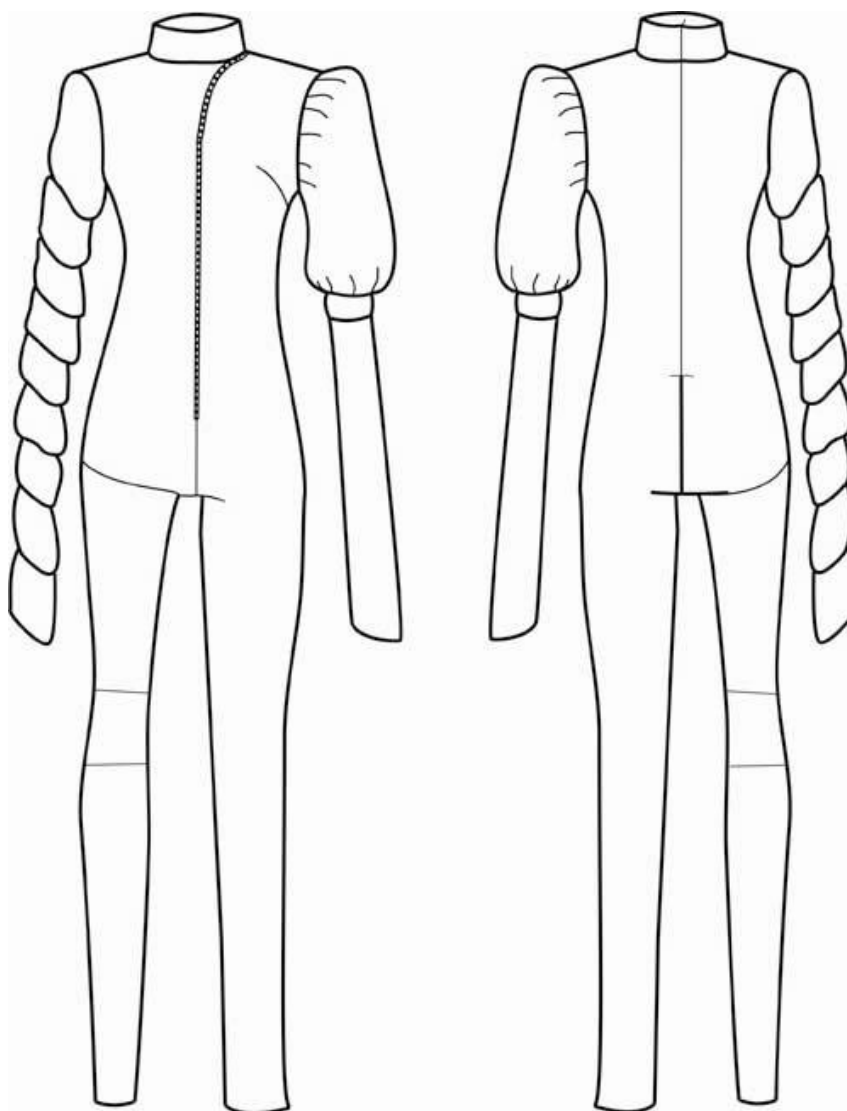


Figura 33 – coordenado D, Desenho Plano, Coreldraw 5.

### **3.4.2.2. Look Book**

Sessão fotográfica com os coordenados, realizada a 29 de Novembro de 2010 em Lisboa, para visualização do visual total – Look Book.

Acessórios que compõem look book da colecção conceptual: Sapatos de salto alto pretos da Stradivarius.



Figura 34 – Conjunto de Look Book.



**3.4.2.2.1. Coordenado A**



Figura 35 – Coordenado A, Look Book.

#### **3.4.2.2.2. Coordenado B**



Figura 36 – Coordenado B, Look Book.

#### 3.4.2.2.3. Coordenado C



Figura 37 - Coordenado C, Look Book.

#### 3.4.2.2.4. Coordenado D



Figura 38 – Coordenado D, Look Book.

### **3.5. Sessões fotográficas**

Sessões fotográficas produzidas por Tânia Santos, fotografadas por Tiago Gonçalves,  
Localização: Lisboa, a 29 de Novembro de 2010.

Ambas as colecções colocam-se em dois patamares diferentes de intervenção do *Design* de Moda como meio de activismo, um no âmbito de transmissão de mensagens através de símbolos de uma imagem, os casos das t-shirts com ilustrações alusivas ao tema como meio visual.

No outro caso os coordenados servem como um todo, uma imagem completa que transmite uma mensagem que é lida através da associação do design/forma/Tecidos/Cores/Padrões, uma mensagem alusiva ao especicismo, no âmbito que o humano sofre uma mutação animal, interpretando este como um ser idêntico, não superior nem inferior mas igual.

### **3.5.1. Sessão fotográfica – T-shirts**

Quem são os activistas? Interpretados por jovens rebeldes que gostam de gritar e saltar, manifestar-se contra as injustiças que prevalecem no mundo. No final todos nós somos associados ao que usamos, o que vestimos, os símbolos que escolhemos ostentar. No activismo o mesmo se passa, neste caso pretendemos ostentar o activismo a favor dos animais, em luta pelos animais. Pretendendo tornar estes jovens nos próprios animais que ganharam voz e raciocínio e se tornaram em indivíduos que se erguem e lutam pelos seus direitos neste mundo. Animais gritam e saltam e manifestam-se pelos seus direitos, já não necessitam de outros humanos para defender suas causas... Se ao menos fosse verdade, mas como os animais não podem gritar e saltar, outros saltam e gritam por eles. Usam T-shirts que instigam a revolta por as coisas não mudarem, que denunciam as injustiças e falam além das suas formas, falam para os olhos daqueles que as vêem.

Uma jovem salta, dança, grita, ostenta t-shirts com ilustrações alusivas a um animal que pretende os seus direitos, que quer liberdade. Denúncia do espécismo, do uso do animal como um objecto, do abuso humano sobre outras espécies.

**3.5.1.1. Sessão fotográfica – Peça A**

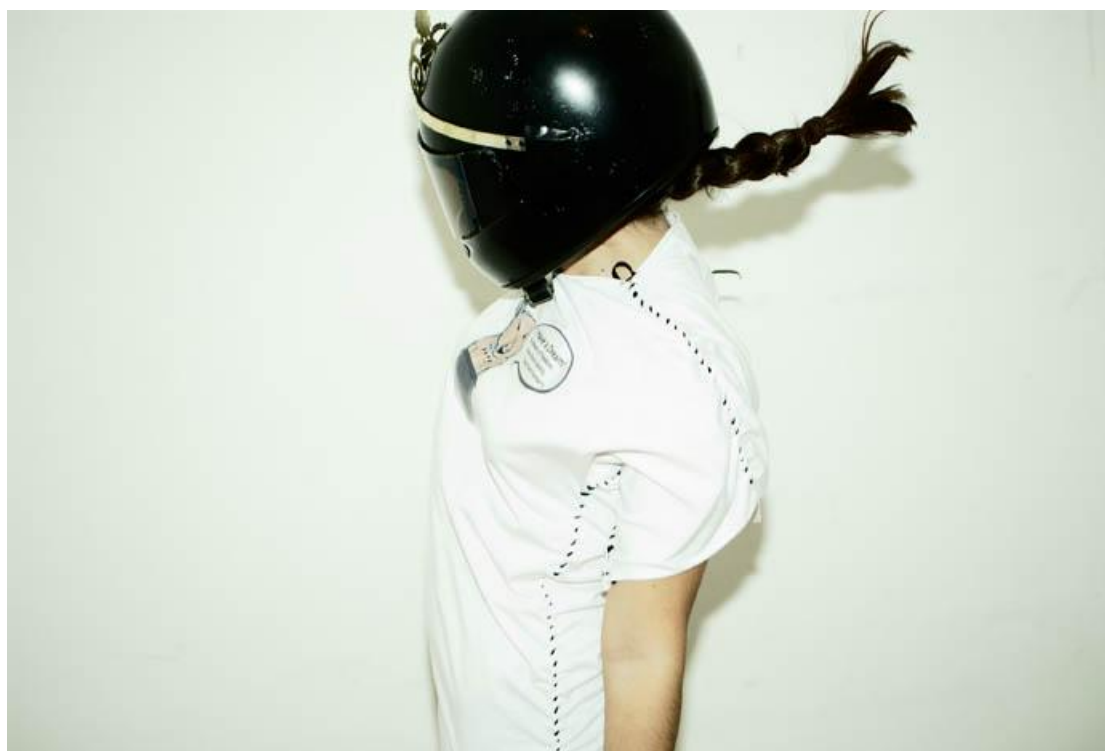


Figura 39 – Peça A



Figura 40 – Peça A



**3.5.1.2. Sessão fotográfica – Peça B**



Figura 41 – Peça B



Figura 42 – Peça B

### 3.5.1.3. Sessão fotográfica – Peça C



Figura 43 – Peça C



Figura 44 – Peça C

**3.5.1.4. Sessão fotográfica – Peça D**



Figura 45 – Peça D



Figura 46— Peça D

### **3.5.2. Sessão fotográfica – Colecção conceptual**

Focar no lado artístico e fascinante da moda, na elaboração de peças intrigantes, estranhas de certo modo, alusivas a um tema. Um ser humano mutante que de repente se viu tornado num animal igual aos outros. O irracional e racional nas formas com linhas paralelas mas com uma mistura de formas exageradas e encurvadas. Estes coordenados devem ser visto como peças de arte usáveis que transmitem uma mensagem que se estende além da sua usabilidade, provocando o olhar de quem visualiza e instigando a uma interpretação directa. Ao analisar esta colecção devem prestar atenção à mistura de formas, à mistura e contraste de materiais, a malha jersey com tafetá fino e brilhante, a imitar a seda, materiais muito diferentes uns dos outros mas no final conjugam-se para formar um só. A mistura de cores, os padrões animais com as malhas salmão, reflectindo a pele humana, como uma casca dura, impenetrável com as formas subtis e suaves animais. Uma mutação de ambas as partes.

Evocação do lado animal do ser humano, simples e cru, que merece vida tal como todas as outras espécies, no final não buscamos todos a felicidade? Uma vida cheia desta e de bons momentos, sem agonia, sem sofrimento, sem crueldade. Como seres racionais não deveríamos pensar nas outras espécies tal como pensamos na nossa?

A arte como veiculo conceptual como sempre é, numa vertente de intervenção na sociedade e nos costumes, com o intuito de mudar e alterar o modo como os animais são vistos dentro da nossa sociedade. Intervindo como mensagem activa em forma de vestuário, umas das muitas vertentes da arte.



**3.5.2.1. Sessão fotográfica – Coordenado A**



Figura 47 – Coordenado A



**3.5.2.2. Sessão fotográfica – Coordenado B**



Figura 48– Coordenado B

**3.5.2.3. Sessão fotográfica – Coordenado C**



Figura 49 – Coordenado C

#### 3.5.2.4. Sessão fotográfica – Coordenado D



Figura 50 – Coordenado D

## **Capítulo 4 – Conclusões**

### **4.1. Conclusão**

Desde os primórdios que se utilizam os animais devido a certas necessidades humanas, como por exemplo, no transporte, na alimentação, na exploração científica e médica, no vestuário, etc. Estas carências têm vindo a ser logradas através do uso desenfreado de animais desde os primórdios da existência do homem como ser ciente e racional. Com o passar dos anos começou-se a engendrar e compor outras necessidades que requeriam maior uso de animais, mas também a remover e substituir outros casos de exploração animal.

Com o aparecimento do carro, das fibras sintéticas, de tecido humano geneticamente formado para ser usado nas pesquisas científicas, etc., a necessidade que o homem tem ao usar animais tem vindo a desaparecer. A verdade é simples, o homem já não necessita de explorar os animais. A carne não é essencial para a nossa sobrevivência, ou usar peles animais, até na ciência existem alternativas, por vezes mais dispendiosas, mas reais. A exploração de animais da parte do homem é desnecessária e tornou-se num capricho humano e em puro egocentrismo, seja ele económico, alimentar ou científico.

Sendo assim, é fundamental implementar nas sociedades um novo pensamento de libertação animal. Denunciar o espécismo que prevalece nas mentalidades acostumadas a esta exploração, educar sobre novas alternativas, reivindicar a independência dos animais do homem através da arte e da palavra, transmitir os direitos daqueles que não têm voz para o papel, para um tecido, escultura, forma artística que chegue ao indivíduo receptor.

Neste âmbito procurou-se investigar o activismo no vestuário, analisando os casos de activismo já existente e criando uma metodologia identificativa de formas de embutir activismo no vestuário. Estas formas caracterizam-se pelo uso de imagens significativas para a causa, literatura impressa nos coordenados e a forma inteligente de associar um design a uma causa através da manipulação perspicaz da forma/cor/Padrão/Tecido, funcionando como só um.

Colocou-se a metodologia em exercício na elaboração de duas colecções, cada uma aplicando uma metodologia identificada. A colecção das t-shirts, utilização de imagens e literatura estampada nas peças, além da personalização de cada t-shirt para se adequar à estampagem que lhe foi aplicada. As t-shirts apresentam também pequenos símbolos de rebeldia e fora de ordem, representando a “tendência” activista da questão. A segunda colecção é conceptual, isto é, não se adequando à típica peça de vestuário de pronto-a-vestir, mas numa abordagem mais artística apelando ao exagero e ao desconhecido. Uma vertente mais próxima da *haute couture* em que a peça serve como obra de arte transmissora de uma ideia ou de uma beleza de formas. Neste caso, exploração da mutação animal com o homem, criando coordenados que representam um homem animal, dentro do reino, não sendo superior aos outros, mas sim igual. Representação do espécismo através da ligação da forma, cor, padrões e tecidos num coordenado criando uma imagem visual apelativa à libertação animal.

Entre as duas colecções, será mais acessível ler e interpretar a colecção de t-shirts com as ilustrações estampadas devido à maior facilidade que o indivíduo tem em ler imagens completas e frases, convergindo mais facilmente para o tema que é pretendido abordar.

Finalmente pressupõe-se ter atingido o produto final ambicionado, duas colecções de vestuário feminino que apelam às causas de protecção animal, o activismo embutido numa colecção de moda. Por um lado uma abordagem mais generalizada e acessível, por outro uma abordagem mais conceptual e criativa que provoca e intriga, e requer uma análise mais complexa para a descodificação da mesma.

## Capítulo 5 – Elementos pós textuais

### 5.1. Referências Bibliográficas

ADAMS, Carol J., ed. lit.; Donovan, Josephine 1995, 'Animals and women : feminist theoretical explorations', ed. lit., London : Duke University, 381 pag.

ASSIS, Érico Gonçalves de. 2006, 'Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo'. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação. Dissertação de Mestrado, 2006.

BENTHALL, Jonathan 2007, 'Animal liberation and rights', *Anthropology Today*, volume 23, issue 2, p. 1.

BENTHAM, Jeremy 1781, '*Principles of Penal Law*', Part III, editor: Benthall, Jonathan, Londres.

BERMANI, Maria Félice; Camusso, Lorenzo; Facchi, Paolo 1970, 'Os milénios, Historia das civilizações', I antiguidade, Verso, pag, 134, 212 pag

CHAUVIN, J., Gallet, B., Jacq, C., Mettra, C., Santana, F. 1984, 'História do mundo 2', Verbo, Tradução de Puga, A., Pereira, M., Lisboa/São Paulo.

CHIPP, Herschel Browning 1968, "Theories of modern art: a source book by artists and critics", University of California Press, 664 páginas, pag. 48 a pag 50

CLARK, K., 1960 "Looking at Pictures", Holt, Rinehart and Winston, - 199 páginas, pagina 130.

COLEMAN, Vernon, 1996, "Food For Thought, Your Guide to Healthy Eating ", Great Britain, European Medical Journal, 1996, 299 pag.

DESCARTES, René 1995. *Meditations on First Philosophy*. First published 1641, cited in Cottingham, John. "Descartes, René" in Honderich, Ted. (ed.) *The Oxford Companion to Philosophy*. Oxford University Press, , pp. 188–192.)

DOL, Marcel 1999, '*Recognizing the intrinsic value of animals: beyond animal welfare*', Uitgeverij Van Gorcum, 141pag, 81-94.

DONNELLAN, Craig 1999, '*Animal Welfare*', Issues , series, volume 3, Independence, 44 pp.

EWING, Elizabeth 2002, '*History of 20th Century Fashion*', Publisher: Costume & Fashion Press, Nova York.

FERRARI, A. Gallet, B., Mettra, C 1984, '*História do Mundo*', 1, Verbo, pag39

GALHARDO, Leonor 2005, '*Da Ciencia e da Ética à Prática: as grandes causas da protecção animal*', Lisboa: Apenas Livros Lda. Novembro, 1ª edição, colecção OMNICIÊNCIA, 9. 35 pag.

GARNER, Robert 2004, *Animals, politics and morality*. Manchester University Press, p. 3 ff.

GOODALL, Jane 2006, '*Harvest for Hope - A Guide to Mindful Eating*' Publisher: Grand Central Publishing , New York, (September 14, 2006)

HAWTHORNE, Mark 2008, *Striking at the Roots: A Practical Guide to Animal Activis*, O Books, Inglaterra, 282 paginas.

JORDAN, Tim. 2002, '*Activism!*', London, Reaktion Books, 2002.11-12, citado por Assis, p.13

KESTER , [Grant H.](#), 1998, *Art, activism, and oppositionality: essays from Afterimage*, Duke University Press, Durham, 318 páginas

LAVER, James 1992, '*Brece Historia del Traje y la Moda*', Catedra, ensayos arte, Madrid.

LEGGE, Deborah and Brooman, Simon 1997, '*Law Relating to Animals*'. 1ª edição, Cavendish Publishing, 498 paginas.

Molland, Neil. "Thirty Years of Direct Action" in Best & Nocella (eds), *Terrorists or Freedom Fighters*, Lantern Books, 2004, pp. 70–74.

MUNRO, Lyle. 2002 *The Animal Activism of Henry Spira (1927-1998)*, *Society and Animals*, Vol 10, Number 2 , pp. 173–191(19).

NORMAN, Donald A. 2006, *O Design do Dia-A-Dia*, 1ª ed, editora: Rocco, 271 páginas

NORONHA, Eduardo de 1911, 'O vestuário, história do traje desde os tempos mais remotos até à idade-média', Imprensa Libanio da Silva, 319 pag.

OVERELL, B. 1993, *Animal research takes lives: humans and animals both suffer*, Editora: Wright and Carman Limited, Nova Zelândia, 353 páginas, pag 344.

PAULSEN, Wolfgang 1934, *Expressionismus und Aktivismus. Eine Typologische Untersuchung*, Bern, , p.15)

PAYNE, Blanche 1965, 'History of costume: from the ancient Egyptians to the twentieth century', Harper & Row, 607 páginas

PROCTOR, Robert N. 1999, *The Nazi War on Cancer*. Princeton University Press, 1999, pp. 135–137, for Hitler; Sax, Boria. *Animals in the Third Reich: Pets, Scapegoats, and the Holocaust*. Klaus P. Fischer, 2000, p. 35, citing Arluke, Arnold and Sax, Boria. "Understanding Animal Protection and the Holocaust" in *Anthrozoös*, vol. V, no.1 (1992), pp. 17–28 for Hess and Goebbels; and Sax 2000 citing Hermand, Jost. *Grüne Utopien in Deutschland: Zur Geschichte des Ökologischen Bewusstseins*, Fischer Taschenbuch Verlag, 1991, p. 114 for Himmler.

REGAN, Tom 2001, *Defending Animal Rights*, University of Illinois Press, p. 67.

REAGEN, Tom e Masson, Jeffery Moussaieff 2004, 'Empty Cages: Facing the Challenge of Animal Rights', The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc, Maryland. 229 pags.

ROOD, Justin. "Animal Rights Groups and Ecology Militants Make DHS Terrorist List, Right-Wing Vigilantes Omitted", *Congressional Quarterly*, March 25, 2005. See also



TOLSON, Giselle. "The ALF: America's Favorite 'Terrorists'", *The Bard Observer*, Issue 15, 2006, retrieved August 17, 2006.

ROSA, Humberto D.; Barbosa, João Lopes 2005, 'Bases para uma hierarquia ética e dir. Jurídica dos animais', 1ª edição, Lisboa : Apenas, 31 pag. Coleção OMNISCÊNCIA.

ROWLANDS, Mark 2002, *Animals Like Us* , editora: Verso, Londres, 222 páginas

RUESCH, Hans 1978, 'Slaughter of the innocent', Bantam Books, 432 pag

RYDER, Richard. *Animal Revolution: Changing Attitudes Towards Speciesism*. Berg, 2000, p. 6.

RYDER, Richard D. 2005. "All beings that feel pain deserve human rights", *The Guardian*, August 6,.

SAX, Boria 2000. *Animals in the Third Reich: Pets, Scapegoats, and the Holocaust*, p. 113, citing Deichmann, p. 234.

SCRUTON, Roger 2000, 'Animal Rights', *City Journal*

SEGRE, Marco e Cohen, Cláudio 1995, 'Bioética', EdUSP, 173 páginas, pagina 27 e 28.

SINGER, Peter 1990, 'Animal Liberation' 2ª edição, Nova York, Avon Books, 1990.

SINGER, Peter 1993, 'Practical Ethics', 2ª edição, Cambridge University Press, Nova York, 1993, 395 páginas. Pag. 55.

SINGER, Peter 2003, *Ethics Into Action: Henry Spira and the Animal Rights Movement*, 1998; also see Singer, Peter. Animal liberation at 30, *The New York Review of Books*, vol 50, no. 8, May 15.

TERRY, Paul D., *et al* 2004, "Long-Chain (n-3) Fatty Acid Intake and Risk of Cancers of the Breast and the Prostate: Recent Epidemiological Studies, Biological Mechanisms, and Directions for Future Research" Paul D. Terry,<sup>2</sup> Jennifer B. Terry,\* and Thomas E. Rohan, International Research Conference on Food, Nutrition, and Cancer, Dec 2004, 9 páginas

TOLSTOI, Liev 1898, 'O que é arte?', EDIOURO , ensaio, São Paulo 2002, 320 pag.

TOLSTOY, Leo 1892, 'The first Step', artigo, originalmente escrito em Russo, o prefácio de tradução russa de *The Ethics of Diet* de Howard Williams, 1ª publicação 1883, Versão Russa 1892.

TORRES, Bob e Torres, Jenna 2005, 'Vegan freak: being vegan in a non-vegan world', Tofu Hound Press, 175 páginas, 36-40.

VAN DER TUUK, Edward 1999, 'Intrinsic value & the struggle against anthropocentrism' in Dol, Marcel et al. Recognizing the Intrinsic Value of Animals, APS, Van Gorcum, Assen, , chapter 2, pp. 29–37

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista, 2009, "Artivismo: estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural", , Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, FBAUP, 130 páginas

WARD, Nathaniel 1641, 'The Earliest New England Code of Laws', A. Lovell & Company, 1896.

### **5.1.1. Artigos Online**

#### **Websites, Blogs.**

ANDA, 2010, Disponível para consulta online em: Artigo: Plumagem, agonia no travesseiro e nas jaquetas, em: <http://www.anda.jor.br/2009/11/09/plumagem-agonia-no-travesseiro-e-nas-jaquetas/>, artigo : "Cães e Gatos ainda tem suas peles arrancadas por industria cruel na china", em: <http://www.anda.jor.br/2010/08/28/caes-e-gatos-ainda-tem-suas-peles-arrancadas-por-industria-cruel-na-china/>

ANIMAL RIGHT HISTORY, timeline enlightenment 2010, Novembro 2010, disponivel para consulta em: <http://www.animalrightshistory.org/timeline-enlightenment.htm>

APOLIS, 2010, [www.apolisglobal.com](http://www.apolisglobal.com)

Art for a Change, 2010, artigo: "Art Activism", disponível online em: <http://art-for-a-change.com/blog/category/art-activism>.

AZCENTRAL, 2010, "Westwood", artigo disponível online em:  
<http://www.azcentral.com/style/fashion/articles/092805westwood-CP.html>

CASA INDIGO 2010, <http://www.casa-indigo.com/artigos/vegetarianismo.asp>

CHHABRA, Rohan 2010, <http://rohanchhabra.design.officelive.com>

COMPASSION IN WORLD FARMING 2006, *Stop, look, listen: recognising the sentience of farm animals*, PDF, disponível para consulta online em:  
[http://ciwf.org.uk/animal\\_sentience/policy\\_and\\_culture/suggested\\_reading/default.aspx](http://ciwf.org.uk/animal_sentience/policy_and_culture/suggested_reading/default.aspx)

COUTO, Rodrigo, artigo do jornal Correio Braziliense, Há 20 anos, a OMS tirou a homossexualidade da relação de doenças mentais, Maio de 2010, disponível para consulta online em:  
[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/05/16/interna\\_brasil,192631/index.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/05/16/interna_brasil,192631/index.shtml)

CUNHA, Luciano Carlos e Teixeira, Pedro Santana 2010, GAE Florianópolis, Porto Alegre, Outubro 2010, disponível para consulta online em:  
<http://www.gaepoa.org/site/about>.

DECLARATION OF HUMAN RIGHTS, ONU, disponível para consulta online em:  
<http://www.un.org/en/documents/udhr/>.

DESIGN ECOLÓGICO.COM 2010, Artigos: Ideias Verdes, Disponível para consulta online em: <http://www.designecologico.com.br/search/label/IdeiasVerdes> e  
<http://www.designecologico.com.br/2009/05/camisetas-sustainable-amazon.html>

"ETHICS: ANIMALS." *Encyclopaedia Britannica Online*. 2007.  
<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/194023/ethics>

EXPATICA NEWS, ' Herman the bull heads to greener pastures', 2 April 2004. Outubro 2010, disponível para consulta online em:

[http://www.expatica.com/nl/news/local\\_news/herman-the-bull-heads-to-greener-pastures--6273.html](http://www.expatica.com/nl/news/local_news/herman-the-bull-heads-to-greener-pastures--6273.html)

KETE, Kathleen 2001, Cabinet Magazine, Artigo: "Beastly Agendas: An Interview with Kathleen Kete", *Cabinet*, issue 4, Fall 2001.

<http://www.cabinetmagazine.org/issues/4/KathleenKete.php>

LEAKE, Jonathan. 2010. Scientists say dolphins should be treated as 'non-human persons', *The Sunday Times*, January 3,

LIGA PORTUGUESA DOS DIREITOS DOS ANIMAIS, 2010, Disponível para consulta online em: <http://www.lpda.pt/01campanhas/touradas.htm>

MCCARTNEY, S. 2010, [www.stellamccartney.com](http://www.stellamccartney.com)

Popaganda 2010, Artigo "The decapitator", Ron English, disponível para consulta online em: <http://www.popaganda.com/blog1.php>

PROJECT 7, 2010, <http://www.project7.com>

SIMPSON, Tina, 2005, "The Use of Bovine Growth Hormone", Gulf Coast Community College, Panama City, Florida,

<http://www.innvista.com/society/education/students/simpson.htm>

STINSON, Jeffrey 2008, It's official: In Austria, a chimp is not a person, Associated Press, January 15, 2008;. Activists pursue basic legal rights for great apes, *USA Today*, July 15, 2008; Albertsdottir, Ellen. Dagens djurrätt (Today's animal rights), *Sydsvenskan*, February 5, 2010.

SVB, Sociedade Vegetariana Brasileira 2010, <http://www.svb.org.br>

TECNET, Outubro de 2010. Disponível para consulta online em:

<http://www.tecnet.pt/portugal/30869.html>

THE HUMANE SOCIETY 2010, artigo: “Puppy Mills”, disponível para consulta online em: [http://www.humanesociety.org/issues/puppy\\_mills/](http://www.humanesociety.org/issues/puppy_mills/)

UNIÃO LIBERTARIA ANIMAL, 2010, Artigo “Vestuário”, disponível para consulta online em: <http://www.uniaolibertariaanimal.com/faces-da-exploracao/vestuario>, artigo “Faces da exploração, comercio-tráfico”, disponível online em: <http://www.uniaolibertariaanimal.com/faces-da-exploracao/comercio-trafico>, artigo “Ação Predatória humana”, disponível online para consulta em: <http://www.uniaolibertariaanimal.com/faces-da-exploracao/acao-predatoria-humana>

VAUTE COUTURE, 2010, [www.vaotecouture.com](http://www.vaotecouture.com).

WALES ONLINE, 2010, Artigo: “Meat the Beatles and other photos”, Julho de 2008, Artigo disponível em: <http://www.walesonline.co.uk/showbiz-and-lifestyle/2008/07/25/meat-the-beatles-and-other-photos-91466-21402389/>

MARX, Bruna, 2010, Artigo: ‘A moda de 2000 a 2009’, disponível para consulta online em: <http://brunamarx.com/en/2010/01/03/a-moda-de-2000-a-2009/>.

6R, 2010, Artigo: Moda e Sustentabilidade, Eco-chique. Disponível online em: <http://6r.com.br/vidas-e-estilos/261-celebridades/8316-noticias-moda-e-sustentabilidade-eco-chique>

## **5.2. Bibliografia**

ADAMS, Carole and Josephine, Donovan (eds.). *Animals and Women: Feminist Theoretical Explorations*. London: Duke University Press, 1995.

BEKOFF, Marc e Byers, John Alexander, 1998, *Animal play: evolutionary, comparative, and ecological perspectives*, Cambridge University Press, - 274 páginas.

NORRIS, Pippa , 2002, *Democratic Phoenix: reinventing political activism*, Cambridge University Press, - 290 páginas.

REGAN, Tom. 1983, *The Case for Animal Rights*. University of California Press, , 1985, 2004.

SINGER, Peter. 1975, *Animal Liberation*. HarperCollins, Cape 1990.

TARROW, Sidney G. 2005, *The new transnational activism*, Cambridge University Press, - 258 páginas

WALTERS, Kerry S. e Portmess, Lisa, 1999, *Ethical vegetarianism: from Pythagoras to Peter Singer*, SUNY Press, - 287 páginas

### **5.3. Anexos**

#### **Anexo 1 - Foie de gras**

Texto retirado do site -

<http://www.syntonia.com/textos/textosnatural/textosalimentacao/foiegras.htm>

Exemplifica o tratamento efectuado a gansos e patos para a produção do paté foie de gras.

“Poucas pessoas sabem o que se passa por trás deste alimento tão caro e requintado. O foie gras (foie – fígado, gras – gordura), ou patê de fígado de ganso, é na verdade o resultado de uma prática desumana, que mostra a que ponto a crueldade do homem pode chegar. Os inocentes patos e gansos, a quem os fígados em questão pertencem, são submetidos a um processo que pode ser melhor classificado como tortura, com o objectivo de tornar seus fígados anormalmente engrandecidos e doentes, para que então alguns poucos possam saborear o resultado desta arte grotesca.

A criação parece ser uma como outra qualquer durante os primeiros quatro meses de vida dos animais. É então que eles são levados para as pequenas gaiolas que serão suas acomodações durante as próximas e últimas semanas de sua curta vida. Um espaço de um metro por dois metros pode acomodar até doze animais. O motivo do confinamento é evitar que o pássaro se movimente, o que certamente seria um desperdício para o criador, pois sua intenção não é que o pássaro utilize o alimento que lhe está sendo dado para gastar energia com coisas tão fúteis como poder ao menos esticar suas asas ou dar um passo, mas sim que este alimento seja armazenado no organismo do animal na forma de gordura. Outra “vantagem” do confinamento é que o manuseio dos animais é facilitado.

A alimentação dos animais é composta basicamente por carboidratos (maizena), adicionada de gordura de porco ou ganso para amolecer. Esta é uma dieta bastante desequilibrada para as necessidades das aves, visto que importantes nutrientes não estão sendo consumidos. Para fazer com que os animais consumam cerca de três quilos desta

ração por dia, o que equivaleria a um humano consumir doze quilos e meio de macarrão por dia, é necessário utilizar uma técnica muito especial.

A ave é segura é entre as pernas do manipulador com seu pescoço estendido, permitindo a inserção de um grosso tubo de metal que chega a medir quarenta centímetros em comprimento. Estando a cabeça presa por uma peça de metal, um motor força o alimento (cerca de um quilo) garganta abaixo, levando-o ao pequeno estômago da ave. Alguns criadores utilizam-se de elásticos que são colocados em torno do pescoço para prevenir que a ave vomite o alimento. Esta tortura se repete três vezes ao dia durante um período de três a quatro semanas. É claro que o animal não considera esta forma de ser “alimentado” muito agradável. Durante o processo, as aves tentam escapar de forma frenética e não olham outra ave sendo alimentada, o que pouco lembra um ambiente natural, onde qualquer ave corre em direcção a um alimento que lhes é oferecido ou atirado.

Como resultado, as aves sofrem de variados problemas de saúde, como disfunções cardíacas, intestinais e rompimento das membranas celulares hepáticas. Muitos tornam-se incapazes de andar ou até mesmo ficar em pé. A introdução do tubo pode machucar o esófago e causar deformidades nos bicos. Na verdade, foie gras não passa de uma doença do fígado voluntariamente produzida em animais inocentes. O fígado dos animais submetidos a este processo não são exactamente saudáveis. A coloração normal do fígado é avermelhada e pesa cerca de 120 gramas. O fígado consumido por aqueles que apreciam tal atrocidade é amarelo e lustroso, de aparência gordurosa, e pode pesar até 1.300 gramas, mais de dez vezes o peso normal.

Além disto, um “bom” foie gras deve ter as marcas deixadas pela pressão que as costelas exercem contra o fígado visíveis no órgão, garantindo assim que o animal sentiu imensa dor durante os últimos dias de sua breve vida. A ave é abatida no mesmo local onde é criada, visto que esta provavelmente não sobreviveria ao transporte. Quando o fígado, estômago e intestinos são removidos, vê-se que o espaço por estes ocupado era muito maior que aquele planejado pela natureza, pressionando o coração e os pulmões e dificultando assim a respiração.



Trazendo 85% de suas calorias na forma de lipídios, em sua maioria gorduras saturadas (ácido palmítico, o foie gras não é um alimento saudável. Portanto, seu consumo, além de causar imenso sofrimento a animais inocentes e indefesos, também não é a melhor opção mesmo para aqueles mais indiferentes ao sofrimento alheio. “

Estes animais são sujeitos a 17 dias de pura tortura e mortos para a fabricação desta “delicacia” que no final provém de fígado doente de pato ou ganso, o sofrimento infligido aos animais, para o fabrico de foie gras, é altamente condenável. Nem sequer é um alimento de primeira necessidade, trata-se apenas de um aperitivo.

Mais uma acção a desaprovar da parte do homem, a exemplificar a falta de respeito e de consideração que temos por estas criaturas, o quantidade de sofrimento e dor que causamos a varias espécies somente para obter um aperitivo das nossas ridículas e caras refeições, o preço de foie de gras não vem somente na sua carteira, mas no sangue e dor destes animais.

## **Anexo 2 - "Carne de Vitelo" ou VITELA**

Retirado do site - <http://www.guiavegano.com/artigos/daniela/index.htm>

“A carne de vitela, é muito apreciada por ser tenra, clara e macia. O que pouca gente sabe é que o alimento vem de muito sofrimento do bezerro macho, que desde o primeiro dia de vida é afastado da mãe e trancado num compartimento sem espaço para se movimentar. Esse procedimento é para que o filhote não crie músculos e a carne se mantenha macia. "Baby beef", é o termo que designa a carne de filhotes ainda não desmamados.

O mercado de vitelas nasceu como subproduto da indústria de lacticínios que não aproveitava grande parte dos bezerros nascidos das vacas leiteiras.

Veja como é obtido esse "produto":

Assim que os filhotes nascem, são separados de suas mães, que permanecem por semanas mugindo por suas crias. Após serem removidos, os filhotes são confinados em

estábulo com dimensões reduzidíssimas onde permanecerão por meses em sistema de ganho de peso - alimentação que consiste de substituto do leite materno.

Um dos principais métodos de obtenção de carne branca e macia, além da imobilização total do animal para que não crie músculos, é a retirada do mineral ferro da sua alimentação tornando-o anêmico e fornecendo o mineral somente na quantidade necessária para que não morra até o abate.

A falta de ferro é tão sentida pelos animais, que nada no estábulo pode ser feito de metal ferruginoso, pois eles entram em desespero para lambar esse tipo de material. Embora sejam animais com aversão natural à sujeira, a falta do mineral faz com que muitos comam seus próprios excrementos em busca de resíduos desse mineral. Alguns produtores contornam esse problema colocando os filhotes sobre um ripado de madeira, onde os excrementos possam cair num um piso de concreto ao qual os animais não tenham acesso. A alimentação fornecida é líquida e altamente calórica, para que a maciez da carne seja mantida e os animais engordem rapidamente. Para que sejam forçados a comer o máximo possível, nenhuma outra fonte de líquido é fornecida, fazendo com que comam mesmo quando têm apenas sede. Com o uso dessas técnicas, verificou-se que muitos filhotes entravam em desespero, criando úlceras pela sua agitação e descontrole no espaço reduzido. Uma solução foi encontrada pelos produtores: a ausência de luz; a manutenção dos animais em completa escuridão durante 22 horas do dia, acendendo-se a luz somente nos momentos de manutenção do estábulo. No processo de confinamento, os filhotes ficam completamente imobilizados, podendo apenas mexer a cabeça para comer e agachar, sem poderem sequer se deitar. Os bezerros são abatidos com mais ou menos 4 meses de vida - de uma vida de reclusão e sofrimento, sem nunca terem conhecido a luz do sol.

E as pessoas comem e apreciam esse tipo de carne sem terem ideia de como é produzida. A criação de vitelas é conhecida como um dos mais imorais e repulsivos mercados de animais no mundo todo. Como não há no Brasil lei específica que proíba essa prática - como na Europa - o jeito consciencializar as pessoas sobre a questão.

Nossa arma é a informação. Se souber o que está comendo, a sociedade que já não mais tolera violências, vai mudar seus hábitos. Podemos evitar todo esse sofrimento não comendo carne de vitela ou "baby beef" e repudiando os restaurantes que a servem.

O consumidor tem força e deve usar esse poder escolhendo produtos, serviços e empresas que não tragam embutido o sofrimento de animais inocentes.”

### **Bicho da seda**

A descoberta do produto seda da espécie bicho-da-seda *Bombyx mori* ocorreu por volta de 2700 A.C. e, de acordo com a tradição chinesa, a invenção da primeira seda em meadas deve-se à noiva do imperador Huang Ti, uma jovem de 14 anos de nome Hsi Ling Shi. A cultura de seda espalhou-se então por toda a China tornando o produto numa comodidade bastante valorizada, sobretudo, posteriormente, por outros países.

Em 139 A.C., a maior rota de comércio mundial foi aberta desde a China Oriental ao Mediterrâneo, vindo posteriormente a ser designada de rota da seda e, por volta de 300 D.C. o segredo da produção de seda tinha já atingido a Índia e o Japão.

Os bichos-da-seda possuem um par de glândulas salivares modificadas designadas glândulas de seda que são usadas para a produção de casulos de seda. Estas glândulas segregam um fluído claro, viscoso e proteico forçado através de aberturas na zona bucal da larva. Assim que o fluído entra em contacto com o ar endurece, sendo o diâmetro da fiada o que determina a dureza da fibra de seda.

A mariposa de seda Thai está adaptada a condições tropicais e produz no mínimo dez ninhadas de ovos por ano. A seda derivada desta mariposa é dobada à mão a partir de casulos verdes pois são os que ainda contêm a crisálida viva, caso contrário a fibra é golpeada, o que a torna difícil de dobar. Os casulos verdes são colocados em água quente, quase a ferver, o que desprende o fim da fibra.

A seda deve ser dobada do casulo rapidamente antes que a crisálida comece a apodrecer e impregne a fibra com odores desagradáveis. Os casulos são então amolecidos em água quente para remover a parte que liberta o filamento de seda para tecer. Filamentos isolados são retirados de casulos em água fervente e combinados para formar uma filada. Esta filada é estirada sob tensão através de diversos modelos-padrão e eventualmente

para teares, depois de seca, é embalada mediante um critério de qualidade, e obtém-se então a seda em bruto pronta para ser comercializada.

A mariposa predilecta na China e no Japão é o mono ou bivoltine, produzindo uma ou duas ninhadas de ovos anualmente, o que entra num estado de desenvolvimento suspenso e pode então ser tratado para induzir que saiam da casca num período de tempo comercialmente conveniente. Os casulos são grandes e conduzem-se a si mesmos à doagem mecânica oferecendo um filamento contínuo, frequentemente entre 1 e 2 km de comprimento.

As mariposas adultas retidas para fins de reprodução são demasiado gordas para voar, assim como as melhores voadoras não são adequadas para produzir a melhor seda. As crisálidas sufocadas ou mortas são habitualmente usadas para adubar o solo onde existem as plantações de amoreiras.

O primeiro nível de produção de seda é a manutenção do ovo num ambiente de controlo para que haja abandono da casca por parte da crisálida, como numa caixa de alumínio, para assegurar de que estão livres de doenças. A fêmea deposita 300 a 400 ovos de cada vez, cada um com a dimensão de uma cabeça de alfinete. A fêmea morre praticamente após depositá-los e o macho vive apenas durante um curto período de tempo após esse momento.

Estes ovos testados no que toca a doenças são também posteriormente criados em condições de temperatura e doença controladas. cerca de 10 dias a larva sai da casca e apresenta-se com a dimensão de cerca de 0,6 cm de comprimento. Uma vez fora da casca as larvas são colocadas sob uma camada de gaze e alimentam-se através de enormes quantidades de folhas de amoreira cortadas, tempo durante o qual são abandonadas a alterar e mudar de pele quatro vezes. Embora também possam servir-se de folhas de alface ou de laranjeira como alimento, são as que ingerem as referidas folhas de amoreiras que produzem a melhor seda. No total, a larva irá ingerir 50 000 vezes o seu peso inicial em plantas.

Após atingir o seu crescimento máximo, cerca de 4 a 6 semanas depois, pára de comer, altera a cor e liga-se a uma estrutura compartimentada, onde se renova e encolhe para fazer girar os seus casulos de seda durante um período de 3 a 8 dias.

Ao longo dos próximos 4 dias o bicho-da-seda produz uma fina fibra ao elaborar um

movimento em 8 durante cerca de 300 000 vezes, construindo um casulo no qual pretende gastar o seu estado de crisálida permanecendo num estado de hibernação e de alteração de pele. Após isto, a crisálida incha durante os 16 dias, que normalmente dariam origem ao milagre da transformação num ser dotado de asas, a mariposa. No entanto, se a crisálida permanece viva começará a segregar um alcali que come o seu caminho através do casulo arruinando as fibras de seda. Assim, quando os casulos são completados, as crisálidas são sufocadas ou mortas.

O bicho-da-seda é criado aos milhares. Quando começa a transformar-se em borboleta, envolve-se num casulo sedoso. Nesta fase do desenvolvimento os bichos-da-seda são lançados em esteiras rolantes que levam a enormes caldeirões. Estes caldeirões contêm água a ferver, e os bichos-da-seda são escaldados vivos.

Só desta forma os casulos não se rompem com a saída das borboletas e podem ser fiados, e o produto final vendido, pela indústria da seda.

A quantidade de seda usável de cada casulo é pequena. Cerca de 500 bichos-da-seda ou 80 kg de casulos são necessários para produzir 1 kg de seda em bruto.

O rompimento do casulo durante a emergência da crisálida arruina o casulo de seda. Por isso, durante a produção de seda, apenas às mariposas suficientemente adultas é permitido emergir para assegurar a continuação da espécie. A maioria das resistentes é morta pelo calor, por exemplo imersão em água a ferver, submissão ao vapor, secagem e cozedura em forno ao permanecerem expostos ao sol durante um dia, a electrocussão ou submissão a microondas.

A seda é uma proteína natural contendo cerca de 75% de fibra e aproximadamente 35% de uma proteína gomosa que mantém os filamentos juntos, estes filamentos de seda são bastante longos e finos, apresentando cerca de 300-900 metros de comprimento. A seda possui um lustro natural e uma cor entre o creme e branco, sendo uma das fibras mais fortes. Quando seca, as extensões (recuperação elástica) varia de 10-25% e quando molhada estende-se até cerca de 33-35%. A seda pode ser tecida ou enlaçada, podendo ser tingida antes ou depois da tecelagem ter lugar.

Seguidamente, a seda em bruto é torcida suficientemente forte para a tecer ou enlaçar, podendo, através deste procedimento ser elaborados 4 tipos distintos de seda: organzine, crepe, tram ou fios torcidos isolados. O organzine é concebido através de um

entrelace de fios preliminar numa direcção seguido do entrelaçar de dois destes fios juntos, na direcção oposta. O crepe é semelhante ao organzine no entanto é torcido a uma extensão muito maior. O tram é elaborado pelo torcer de 2 ou mais fios de seda apenas numa direcção. Em geral, o fio de organzine é usado para os fios de material torneado, fios de tram para a textura ou preenchimento, o fio de crepe para tecidos de techedura enrugada e os fios torcidos isolados para tecidos uniformes (sem mistura). Filamentos desperdiçados ou gastos, bem como casulos danificados são guardados, tratados e assedados (penteados) para serem processados no mercado de filaça como seda defeituosa de qualidade e preço bem inferior ao produto tecido. Assim como em todos os outros sistemas de produção animal, nada é desperdiçado se poder ser vendido. Após a seda ser «colhida» dos casulos é trazida aos tecelões para ser tingida e preparada para techedura.

Outro produto, actualmente quase completamente substituído pelo nylon, é a víscera (tripa) de bichos-da-seda. Imediatamente antes no estágio de casulo, as crisálidas são mortas através da imersão num banho ácido, os seus corpos são abertos e o fio que elaborado para a construção do casulo, é removido das glândulas de seda.

A produção mundial de seda duplicou durante os últimos 30 anos apesar da grande disponibilidade de fibras sintéticas. A China e o Japão têm constituído os principais produtores, manufacturando juntos anualmente mais de metade do total da produção mundial. A seda chinesa é altamente valorizada em todo o mundo. Desde 1949 que os métodos de concepção da seda têm sido modernizados, e a qualidade da seda melhorado. A produção mundial de seda em 1940 foi de 59 milhões de kg. Por volta de 1950 baixou para 19 milhões de kg e em meados de dos anos 80 subiu para os 68 milhões de kg.

A seda é usada na elaboração de fatos, casacos, jaquetas, calças, camisolas, lingerie, luvas, fitas, cortinas, forros e bolsas. As fibras sintéticas como o nylon e o polyester são mais resistentes e menos dispendiosas do que a seda. Em comum com as técnicas de criação fabris ocidentais, as principais áreas de produção de seda são de trabalho excessivo, automatizado e desprovido de alma. A terminologia - sufocada ou morta e Crop como sinónimo de crisálida? ecoa a negação de que estamos a lidar com seres vivos, enquanto deveríamos respeitar a inspiração da metamorfose patente quando considerado o seu

ciclo de vida. As fibras de plantas são capazes de produzir tecidos fantásticos. As fibras do ananás, por exemplo, podem dar origem a tecidos tão sedosos quanto qualquer seda. Existem já várias alternativas à seda. Por exemplo, as fibras sintéticas como o nylon produzido de minerais, o polyester da essência do petróleo (Terylene, Dacron) ou do acrílico de petróleo e carvão (Courtelle, Orlon; Dralon). (Vegan Society, 2010)

### **Vida Marítima**

As redes de pesca: De acordo com um estudo feito à escala mundial para a associação WWF (World Wildlife Fund), mais de 300 mil baleias, golfinhos e botos morrem todos os anos nas redes de pesca. A maioria dos animais presos nestas armadilhas submarinas morrem por afogamento, porque não conseguem vir à superfície respirar.

O caviar, apesar de vendido a preço de ouro, é um produto bastante consumido no Ocidente, sobretudo durante épocas festivas.

Embora a população de esturjões tenha diminuído drasticamente no delta do Volga (Rússia), o comércio de caviar mantém o seu ritmo devido à crescente procura do produto. As máfias apoderam-se deste negócio milionário, que promove grandes matanças e é executado por pescadores furtivos. As fêmeas, em geral, estão ainda vivas quando se abrem para extrair as ovas. As ovas, após um processo em que são esfregadas com sal, estão prontas para ser servidas. Um quilo deste "ouro negro" pode custar até 2500 euros nos mercados ocidentais. O mercado negro do caviar assume proporções semelhantes ao do tráfico de drogas. As belugas são a espécie mais cobiçada e rara dos esturjões. Negro, salgado e de sabor penetrante, uma colher de caviar pode custar cerca 15 euros nos restaurantes ocidentais. Os pescadores cobram 2,5 euros por quilo. A diferença vai para os chefes das máfias. O problema subjacente é que estão a acabar os esturjões, um peixe que vive há 250 milhões de anos e que sobreviveu aos dinossauros. De nada valeu aos cientistas fixarem uma quota anual de capturas para todas as espécies de esturjões que nadam em águas russas, a fim de salvar este peixe de extinção. Também não foi suficiente que várias espécies estejam abrangidas, desde Abril de 1998, pelo Convénio CITES (Convénio Internacional sobre o Comércio de Espécies Protegidas), como espécies em perigo de extinção ou vulneráveis. (<http://www.centrovegetariano.org>)

Os tubarões habitam o mar há 400 milhões de anos, mas, em apenas duas décadas, os homens reduziram as populações em 75%.

Originário das águas frias dos mares que circundam o Pólo Norte, o bacalhau é um alimento milenar. Registos mostram a existência de fábricas para o seu processamento na Islândia e na Noruega desde o século IX.

O mercador holandês Yapes Ypress foi o primeiro a fundar uma indústria de transformação na Noruega, por isso, é considerado o pai da comercialização do peixe industrializado. A partir de então, a procura do peixe passou a crescer, o que proporcionou o aumento do número de barcos pesqueiros e de indústrias pela costa norueguesa, transformando a Noruega no principal pólo mundial de pesca e exportação do bacalhau. (Centro Vegetariano, 2010)

### **Vegetarianos**

([http://www.happycow.net/famous/abdul\\_kalam\\_dr/](http://www.happycow.net/famous/abdul_kalam_dr/))

### **Personalidades e figuras históricas vegetarianas**

Albert Einstein (1879-1955) – Foi um físico teórico alemão mundialmente reconhecido e eleito em 2009, o mais memorável físico de todos os tempos por mais de 100 físicos renomados. Einstein sempre apoiou o vegetarianismo, mas somente se tornou um nos últimos anos da sua vida.

"So I am living without fats, without meat, without fish, but am feeling quite well this way. It always seems to me that man was not born to be a carnivore."<sup>64</sup>

"I have always eaten animal flesh with a somewhat guilty conscience."<sup>65</sup>

Dr Albert Schweitzer (1875-1965)

---

<sup>64</sup> Einstein, A., carta a Hans Muehsam, Março 1954, TL - "Então, eu estou vivendo, sem gorduras, sem carne, sem peixe, mas estou me sentindo muito bem assim. Sempre me pareceu que o homem não nasceu para ser um carnívoro".

<sup>65</sup> Einstein, A., Carta a Max Kariel, Agosto 1953, TL - "Eu sempre comi carne de animais com um tipo de consciência de culpado."



Foi um teólogo alsaciano, músico, filósofo e médico. Recebeu o prémio Nobel da Paz em 1953, pela sua filosofia de "reverência pela vida", apologista do vegetarianismo mas só se tornou num vegetariano nos seus últimos anos de vida.

“Until he extends the circle of his compassion to all living things, man will not himself find peace.” (Schweitzer, A., *The Philosophy of Civilisation*, 330 pag.)

Rob Zombie – Director de filmes de terror, músico de metal industrial, Dj numa rádio e desenhador, é vegetariano desde 1982 quando viu um vídeo sobre matadouros na sua escola secundária. Esta personalidade sai completamente do típico vegetariano, tendo um estilo metal ameaçador é um apologista dos animais. <http://flavorwire.com/121908/10-celebrity-vegetarians-that-might-surprise-you>

Alec Baldwin – Actor conceituado e estrela do cinema Americano, é um vegetariano e assiste como um activista dos direitos dos animais através da sua colaboração com a PETA, em 2007 narrou o documentário *Meet your Meat*.

Ahmir Khalib Thompson – é um baterista de uma banda de Rap, no início da sua banda, todos os membros eram vegetarianos, no início fizeram um vídeo para PETA explicando porque trocaram os membros da sua banda por não vegetarianos.

Billy Idol – Músico punk rock, é vegetariano desde os seus 18 anos, deixou de comer carne devido aos direitos dos animais, mas também devido a problemas de saúde que vieram com o seu estilo de vida como estrela de rock.

Bobcat Goldthwait – Um actor, comediante, escritor de guiões e director de filmes e televisão americano. Vegetariano desde novo.

“I never eat anything that comes when you call... If you think about it, (meat) is a dead animal. Its like something on the side of the road and you're going, 'Let me have a bi of that'”. (Goldthwait, B., *Vegetarian Times* Dez 1988, pag. 37)

B.B. King - É um guitarrista de Blues e cantor estado-unidense. O "B. B." em seu nome significa Blues Boy, é vegetariano desde 1999, escolheu o ser, devido aos problemas de saúde que tem, optando por uma dieta vegetariana.

Platão (427 -? 347 aC) - Filósofo grego, Sócrates com o seu professor e seu aluno Aristóteles, ele é considerado como o iniciador da filosofia ocidental. Vegetariano, somente comia alimentos da montanha, ervas, bagas, grãos, uma dieta de alimentos naturais consistia numa das suas filosofias.

[http://www.ivu.org/history/greece\\_rome/plato.html](http://www.ivu.org/history/greece_rome/plato.html)

Dr. Abdul Kalam – Cientista do espaço e antigo presidente da Índia, é um vegetariano desde nascença, na Índia muitos povos têm costume vegetariano, famílias que tiram a carne e o peixe do seu menu.

Adam Yauch – Músico e fundador da famosa banda Beastie Boys, é vegan e budista, tornou-se vegan devido à recomendação de o seu médico tibetano que o ajudou a ultrapassar cancro na glândula parótida.

Andre Benjamin – Actor, produtor de música e músico da banda Outkast, é vegan, foi eleito pela PETA em 2004 juntamente com Alicia Silverstone o vegetariano mais sexy.

Bryan Adams – É um famoso cantor e autor de musicas Americano, e é vegan desde 1989, tornou-se vegan depois de ler o livro "fit for life" de Harvey Diamond e Marilyn Diamond, é um livro sobre dieta e um estilo de vida seguindo princípios de uma higiene natural.

"if you love animals - don't eat them" (Adams, B., Entrevista ao site

<http://www.essex.veginform.org.uk/articles/37.html>)

Michael Jackson – Cantor e músico, considerado o Rei da Pop, Vegetariano desde os anos 80, embora muita especulação afirme que mudou a sua dieta devido a motivos de saúde contudo comia frango.

Paul McCartney – Músico, cantor e guitarrista dos *the Beatles*, é vegetariano à mais de 30 anos e um apologista dos direitos dos animais. Tem uma dieta vegetariana com a sua ex-mulher quando começaram a ter uma família e filhos, desde essa altura manteve a sua ideia de ser vegetariano.

**Activistas pelos direitos dos animais**

De certa forma o activista sempre existiu dentro das sociedades, aos poucos foram crescendo e tornando-se mais fortes, mais direccionados para os problemas que pretendem corrigir e solucionar. Esta é uma pequena lista dos muitos activistas que existiram ao longo dos tempos e que marcaram uma mudança no activismo de defesa dos direitos dos animais.

Ramon Bogéa

Filósofo, no século XV afirmava que os animais deveriam ter direitos como os humanos

Jean-Jacques Rousseau (1712 -1778)

Foi um filósofo, escritor, teórico político e um compositor musical autodidacta suíço. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. Ao defender que todos os homens nascem livres, e a liberdade faz parte da natureza do homem, Rousseau inspirou todos os movimentos que visavam uma busca pela liberdade. Incluem-se as Revoluções Liberais, o Marxismo, o Anarquismo etc.

Argumenta, no prefácio do seu *Discursos sobre a Desigualdade* (1754), que os seres humanos são animais, embora ninguém "exima-se de intelecto e liberdade". Entretanto, como animais são seres sencientes "eles deveriam também participar do direito natural e que o homem é responsável no cumprimento de alguns deveres deles, especificamente "um tem o direito de não ser desnecessariamente maltratado pelo outro." (ROSSEAU, Jean-Jacques. *Discursos sobre a Desigualdade*, 1754, prefácio.)

Jeremy Bentham (1748- 1832)

Foi um filósofo e jurista inglês do século XIX. Juntamente com John Stuart Mill e James Mill, difundiu o utilitarismo, teoria ética que responde todas as questões acerca do que fazer, do que admirar e de como viver, em termos da maximização da utilidade e da felicidade. Conhecido também pela idealização do Pan-optismo, que corresponde à observação total, a tomada integral por parte do poder disciplinador da vida de um indivíduo.

Foi o primeiro filósofo a declarar: "The question is not, can they reason? Nor, can they talk? But, can they suffer? The answer is a resounding "yes." TL: A questão não é, será que podem raciocinar? Ou, conseguem falar? Mas, podem sofrer? A resposta é um grandioso sim.

Argumenta que a dor animal é tão real e moralmente relevante como a dor humana e que "talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania"

(BENTHAM, Jeremy. *Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação*, 1789.

Colecção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.). Bentham argumenta ainda que a capacidade de sofrer e não a capacidade de raciocínio, deve ser a medida para como nós tratamos outros seres. Se a habilidade da razão fosse critério, muitos Seres Humanos incluindo bebês e pessoas especiais, teriam também que serem tratados como coisas, escrevendo o famoso trecho: "A questão não é eles pensam? Ou eles falam? A questão é: eles sofrem".

Charles Darwin (1809-1882)

Em pleno século XIX, Darwin marcou a mais fundamental de todas as influências no pensamento humano em relação aos animais. Com a *Origem das Espécies* e os seus demais trabalhos evidenciou a ideia de um contínuo entre os animais e humanos em oposição à dualidade ainda vigente. Atribuiu uma origem animal aos humanos, tornando dispensável uma gênese divina exclusiva destes. E ainda, fruto de exaustivos estudos comparativos, atribuiu, entre outras características até então consideradas só humanas, emoções aos animais, um tema que achou tão importante que lhe dedicou um livro sob o título "The expression of the emotions in the Man and Animals" (Darwin, C., 1872).

Após completar o trabalho das provas de *The Descent of Man* em Janeiro de 1871, Darwin começou a trabalhar noutro livro, usando material deixado sobre expressões emocionais. Darwin notou a natureza universal das expressões faciais no livro: "...the young and the old of widely different races, both with man and animals, express the same state of mind by the same movements."

Ele desviou-se a fazer extensas revisões em *A Origem das Espécies*, então na Primavera de 1872, Darwin dedicou-se a *The Expression of Emotions in Man and Animals*, apontando para uma origem partilhada, em contraste com o *Anatomy and Physiology of Expression*, de Charles Bell, que clamava músculos criados divinalmente para a expressão dos sentimentos em humanos. Darwin recorreu a respostas a questionários, centenas de fotografias de actores, bebés e pessoas em asilos, assim como observações próprias, com particular referências a pesar após morte familiar. *The Expression of Emotions in Man and Animals* provou ser muito popular, vendendo mais de 5.000 cópias.

Richard Wagner (1813-1883)

Além de um brilhante compositor e condutor de orquestras, Wagner foi também um ensaísta, tendo publicado várias obras, 2 das quais fazem referencia aos direitos dos animais, era vegetariano. Publicou em 1879 numa carta aberta “Against Vivisection” ao apoiar o activista dos direitos dos animais Ernst von Weber e também publicou “Human Beasts of Prey and Fellow-Suffering” (<http://www.animal-rights-library.com/index.htm>)

Leo Tolstoy (1828 - 1910)

Considerado um dos maiores escritores de todos os tempos, Russo, muito famoso pelas suas obras. Tolstoy foi um vegetariano e uma voz forte e de compaixão para com humanos e os animais. Escreveu o artigo 'The First Step' (1892), um artigo aonde defende os direitos dos animais e a igualdade entre estes e o homem.

Hans Ruesch (1913 –2007)

Um Suíço novelista, piloto de corridas, e um internacional e proeminente activistas contra as experiências e disseções a animais. escreveu *Slaughter of the Innocent* de 1978 que revelou ser um grande livro de apoio às causas contra a disseção e *The Great Medical Fraud*. Em 1974 fundou o Center for Scientific Information on Vivisection (CIVIS), TL - centro para a informação científica da disseção.

Peter Singer

É um filósofo e professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, nasceu na Austrália e escreveu "*Animal Liberation*" publicado originalmente em 1975, um dos livros mais famosos da causa dos direitos dos animais. Actua na área de ética prática, tratando questões de Ética de uma perspectiva utilitarista. Singer é um grande apologista da libertação animal apoiando várias causas, adoptou o veganismo. Esta sua importante obra ele argumenta contra o "espécismo": a discriminação contra certos seres baseada apenas no facto de estes pertencerem a uma dada espécie. Ele considera que todos os seres que são capazes de sofrer devem ter seus interesses considerados de forma igualitária e conclui que o uso de animais - nos moldes actuais, para alimentação é injustificável, já que cria sofrimento desnecessário. Assim sendo, ele considera que o vegetarianismo é a única dieta aceitável. Singer condena também a vivissecção, apesar de acreditar que algumas experiências com animais poderão ser realizadas se o benefício (por exemplo, avanços em tratamentos médicos, etc.) for maior que o mal causado aos animais em causa.

(<http://www.princeton.edu/~psinger/>)

Jane Goodall

Uma mensageira da paz, primatóloga, etnologista e antropologista Britânica. Maioritariamente reconhecida pelo seu trabalho de investigação de campo com os chimpanzés sobre a sua vida social em família no parque nacional Gombe na Tanzânia, por volta de 40 anos, além da fundação do instituto Jane Goodall. Este instituto sem fins lucrativos tem como objectivos melhorar a compreensão global e o tratamento dos grandes chimpanzés através da pesquisa, educação pública e advocacia. Conservar e preservar o seu habitat, sensibilizar a comunidade jovem a integrar neste projecto e a preocupar-se e tomar acções responsáveis por esta iniciativa. Goodall é uma activista pelos chimpanzés. Luta contra a caça, a desflorestação, perseguição e os direitos destes primatas.

Tom Regan

Um filósofo norte-americano que se especializou na teoria dos direitos animais, foi professor emérito de Filosofia da Universidade da Carolina do Norte, um cientista

activista, publicou "*The Case for Animal Rights*" e "*Animal Rights and Human Obligations*", este último com cooperação de Peter Singer.

"Being kind to animals is not enough. Avoiding cruelty is not enough. Housing animals in more comfortable, larger cages is not enough. Whether we exploit animals to eat, to wear, to entertain us, or to learn, the truth of animal rights requires empty cages, not larger cages." <sup>66</sup>

Mark Rowlands

É um escritor e professor de filosofia britânico e um apologista dos direitos dos animais, seu passado conta com experiências com lobos, escreveu vários livros sobre os animais e o ser humano, e este livro dele instiga o leitor a colocar-se no outro lado da vedação, a ver-se através dos olhos de um animal que é explorado, um livro que apela eticamente ao correcto tratamento que devemos aos animais. Trabalha muito à volta do estatuto moral dos animais. (retirado do site do autor <http://www.markrowlandsauthor.com/>)

Erik Marcus

É um cientista de computadores, criador de software criativo, e autor e director do website Vegan.com, onde discute notícias vegetarianas, tópicos de interesses, direitos dos animais e bem-estar animal. É um activista pelos direitos dos animais, escreveu 3 livros: "*Vegan: The new ethics of eating*", "*Meat Market: Animals, Ethics and Money*" e "*The Ultimate Vegan Guide: Compassionate Living Without Sacrifice*".

Henry Spira (1927-1998)

Aclamado e considerado o maior activista pelos direitos dos animais do século XX. Spira fundou a *Animal Rights International* em 1975, esta instituição é aclamada por ter sido a primeira a vencer as suas lutas. Como no caso de cortes de fundos a um projecto no qual investigadores do Museu Americano de Historia Natural mutilavam os genitais de gatos e enchiam-nos de hormonas para estudarem seus comportamentos sexuais. Outra coligação organizada por Spira com efeitos positivos foi na abolição do teste de Draize,

---

<sup>66</sup> Regan, T., *Empty Cages, Facing the Challenge of Animal Rights*, 2004, EUA, pag.10

aonde expõem os olhos dos animais directamente a produtos, normalmente de maquilhagem. Spira com sucesso conseguiu abolir esta prática além de instigar uma indústria de cosméticos a doar um milhão de dólares à investigação de alternativas aos testes em animais. Este feito fez com que se torna-se pioneiro na história da maioria dos produtos cruelty-free (livres de crueldade).

Henry Spira criou um movimento de protecção animal que envolvia um método reintegrativo de humilhação, que envolvia encorajar os oponentes dele, isto é as indústrias e empregas que abusam de animais, a mudar o seu meio de trabalho, trabalhando com eles, maior parte das vezes privativamente, em vez de humilhar estes publicamente. Utilizando a publicidade para expor uma empresa como ultimo recurso. (Munro, L. 2002)

Gandhi e Madre Teresa de Calcutá eram activistas, ambos figuras pacíficas, missionárias, e reconhecidas por todo o mundo. Madre Teresa recebeu o prémio Nobel da Paz em 1979, Mahatma Gandhi foi indicado 5 vezes para receber o prémio Nobel da Paz entre 1937 e 1948, mas nunca chegou a recebe-lo. Embora em 1989 quando é atribuído o prémio Nobel da paz a Dalai Lama Tenzin Gyatso o presidente do comité afirma que em parte este prémio é um tributo à memória de Mahatma Gandhi.

Gandhi além de ter se tornado um grande activista pelos direitos humanos, principalmente na Índia, era também um vegetariano convicto, e quando esteve em Londres a estudar Direito organizou um clube vegetariano onde se encontravam teólogos e pessoas com interesses altruísticos.